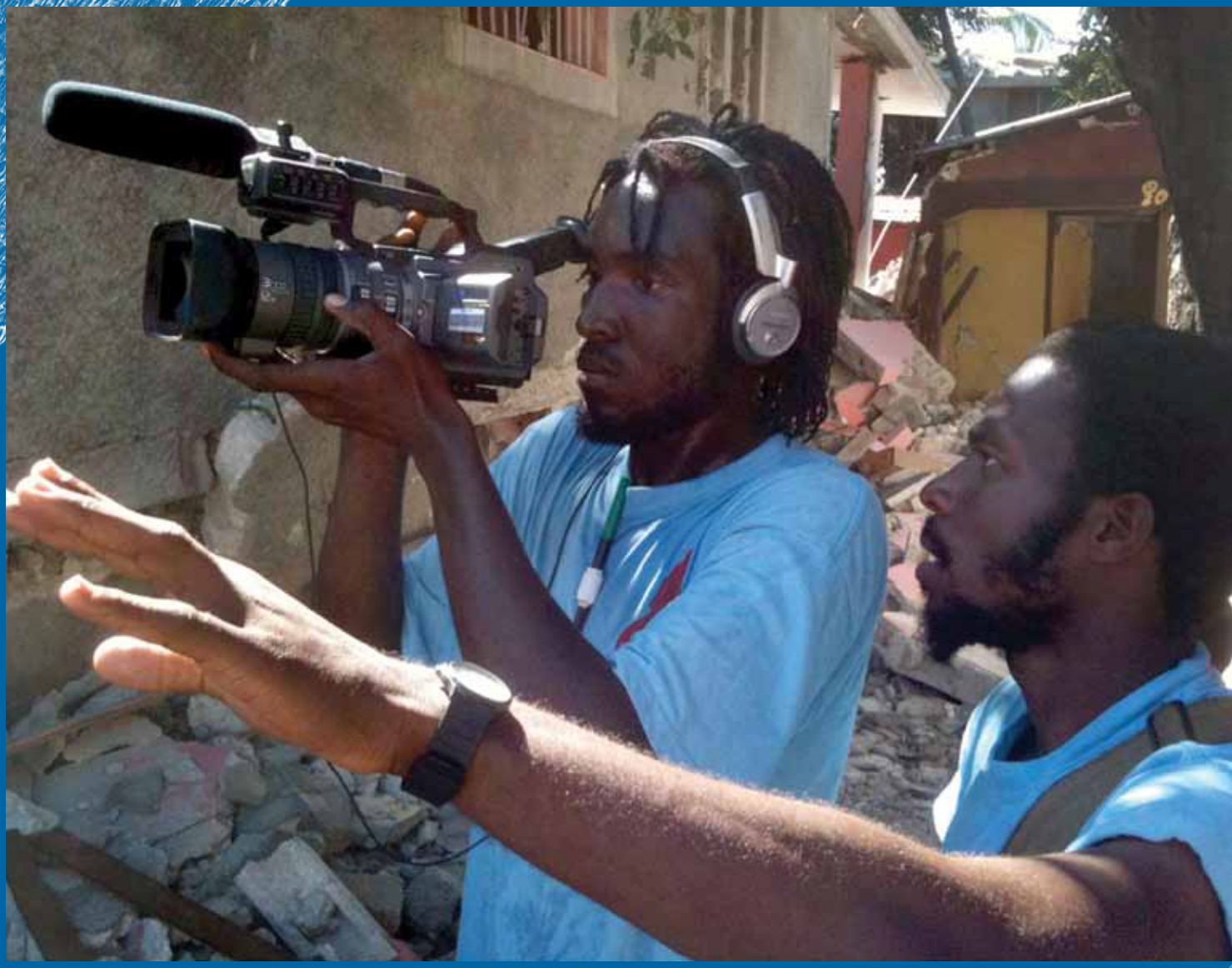
Desenvolvimento de Base

Revista da Fundação Interamericana



Haiti: A resposta de base

VOLUME 31

NÚMERO 1

2010

Duas perspectivas: a IAF em Chiapas

A Fundação Interamericana (IAF) é um organismo autônomo de ajuda externa do Governo dos Estados Unidos, criado em 1969 para promover o desenvolvimento de autoajuda mediante a concessão de doações diretamente a organizações da América Latina e do Caribe. O orçamento operacional da Fundação Interamericana compõe-se de fundos provenientes de alocações do Congresso dos Estados Unidos e do Fundo Fiduciário de Progresso Social.

O Escritório de Operações da IAF publica a revista *Desenvolvimento de Base* em inglês e espanhol. Pode também ser lida no website da Fundação na Internet —www.iaf.gov — em inglês, espanhol e português, em formato de gráficos ou somente de texto. O material original produzido pela IAF e publicado na revista é de domínio público e pode ser livremente reproduzido. No entanto, certos materiais foram proporcionados por outras fontes e poderão ter direitos autorais. A reprodução desse material poderá requerer autorização prévia do detentor de direitos autorais. A IAF solicita notificação de qualquer reprodução e menção da fonte. *Desenvolvimento de Base* aparece no catálogo do *Standard Periodical Directory*, no *Public Affairs Information Service Bulletin*, no *Hispanic American Periodical Index* (HAPI) e no banco de dados de *Agricultural Online Access* (WORLD). Números anteriores, em microfilme, podem ser obtidos da University Microfilms International, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, USA. Para receber a revista, favor enviar e-mail a publications@iaf.gov ou carta ao seguinte endereço:

Desenvolvimento de Base
Fundação Interamericana
901 North Stuart St. 10th Floor
Arlington, VA 22203

O propósito desta revista é compartilhar experiências em desenvolvimento de base com uma variedade de leitores. A diretora incentiva o envio de artigos relevantes que tratem, embora sem exclusividade, dos seguintes temas:

- como os pobres da América Latina e do Caribe se organizam e trabalham para melhorar as suas condições de vida;
- problemas e tendências da comunidade em desenvolvimento;
- como as instituições colaboram para promover o desenvolvimento da região.

Para obter informações mais detalhadas, favor dirigir-se por correio a Paula Durbin ao endereço acima indicado ou por e-mail a **pdurbin@iaf.gov.**

Foto da Capa: Zach Niles. O terremoto que abalou o Haiti em janeiro devastou a cidade colonial de Jacmel, incluindo as instalações do Ciné Institute, programa da *Fondation Festival Film Jakmèl* (FFFJ), donatária da IAF que capacita cineastas. Mas em dois dias os estudantes tinham desenterrado equipamento suficiente dos destroços de suas salas de aula (página oposta, antes e depois do terremoto) para documentar as condições e, com a esporádica eletricidade de um gerador, pôr seus relatórios de vídeo no www.cineinstitute.com para o mundo ver.

Impressão em papel reciclado, com tinta derivada da soja.

Fundação Interamericana

Larry L. Palmer, Presidente

Conselho Diretor
John Salazar, Presidente Interino
Thomas Dodd, Vice-Presidente Interino
Kay Kelley Arnold
Jack Vaughn
Roger Wallace

Desenvolvimento de Base
Revista da Fundação Interamericana

Diretora e Editora de Publicações: Paula Durbin
Editor das Notícias e Notas: Eduardo Rodríguez-Frías
Editor Fotográfico: Mark Caicedo
Assistentes editoriais: Nancy Díaz, Jason Frost
Edições traduzidas: Darío Elías
Desenho e impressão: U.S. Government Printing Office.

Desenvolvimento de Base

Revista de Fundação Interamericana

VOLUME 31

NÚMERO 1

2010

Andrew Bigosinski

Sumário

Cartas ii

Haiti: a resposta de base
Jenny Petrow iv

Chet Thomas: em Honduras por um bom tempo
Patrick Breslin 10

Perspectivas de Chiapas
Os cafeicultores de la Selva e a grande indústria do café
Ellen Contreras Murphy 20

O desafio zapatista e a comunidade de base
Kathryn Smith Pyle e Marcy Kelley 28

Desafiando suposições: deficiência psiquiátrica e desenvolvimento de base
Eduardo Rodríguez-Frías 36

Desastres e firmeza junto ao lago Ilopango
Seth Micah Jesse 42

Cisternas, saneamento e progresso em Pesqueira
Amy Kirschenbaum e Sean Sprague 46

Na IAF

Bolsas de Estudos: Financiamento de pesquisas sobre desenvolvimento de base
Mark Caicedo 52

Mobilização da comunidade de surdos no Uruguai
Elizabeth M. Lockwood 54

Uma rede de esperança
Luis Fujiwara 56

Donatários nas notícias 58

40º aniversário 61

Ensaio bibliográfico
Conservação e desenvolvimento em florestas tropicais
David Barton Bray 63

Recursos 65

In Memoriam: Rex Nettleford
Steve Vetter 68

Cartas de nossos leitores

Parabéns pela edição de aniversário da revista! Já a li de ponta a ponta. Excelente.

Jonathan Fox
Professor
University of California, Santa Cruz

Acabo de ler o número mais interessante de *Desenvolvimento de Base* em comemoração do 40º aniversário da IAF. Para que conste, desejo destacar que, tanto quanto eu saiba, a primeira proposta para o que se transformou na IAF foi um artigo que eu escrevi na publicação trimestral *Foreign Affairs* (julho de 1969) intitulado "Assistência dos EUA à América Latina: financiar a mudança radical". Eu a batizei de "Fundação Americana" mas sabiamente Dante Fascell mudou o nome. A criação da IAF por parte de Bill Dyal resultou em algo um tanto diferente do que o artigo sugeria, mas, não obstante, o propósito permaneceu e, como Vice-Presidente do Conselho Diretor, por muitos anos tive o privilégio de ser parte de seu esforço.

George Lodge
Professor Emérito
Harvard University

Na página 53 desta edição faz-se referência à contribuição de George Lodge para a criação da IAF. Para obter informações mais detalhadas sobre seu trabalho, favor consultar "Perguntas e respostas: George Lodge" em Desenvolvimento de Base *2002.—ED.*

Quando soubemos que a Fundação Interamericana estava comemorando seu 40º aniversário, nosso primeiro pensamento foi para o impacto desta entidade em projetos inovadores em toda a América Latina. Nosso segundo pensamento foi que por mais da metade de sua existência a IAF tem apoiado projetos em nossa esfera de trabalho: museus comunitários.

Hoje em dia há iniciativas em 12 países: Brasil, Bolívia, Chile, Peru, Venezuela, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Guatemala e México. Os Representantes deles vêm trabalhando desde 2000

no desenvolvimento da Rede de Museus Comunitários da América, cuja sexta reunião foi realizada na Costa Rica, em maio. O programa de capacitação da rede incluiu quatro workshops internacionais para facilitadores em Oaxaca, México, e 16 workshops regionais e locais nas nações participantes. A Fundação Rockefeller, a Agência Suíça de Desenvolvimento e Cooperação e a UNESCO têm contribuído para este processo, mas a IAF financiou o primeiro encontro internacional. (Ver "Mobilização das redes de museus comunitários no México – e além" de Kevin Benito Healy, *Desenvolvimento de Base* 2003.) No entanto, o apoio da IAF aos museus comunitários remonta mais ainda no tempo. Em 1987 Susan Pezullo ajudou-nos a formular uma proposta para formar uma rede de três museus no estado de Oaxaca. Os projetos apoiados pela IAF que desenvolveram esta primeira proposta foram uma exposição que viajou pelo México e Estados Unidos, uma iniciativa comunitária de turismo e a criação de um centro de capacitação em Oaxaca. Isso assentou as bases para uma associação mexicana de museus comunitários em 1994, financiada pela IAF, a qual fortaleceu os projetos culturais de base em 10 Estados e envolveu artesãos em uma rede de lojas de museus.

O apoio da IAF também possibilitou a expansão do museu comunitário Rabinal Achi na Guatemala, uma

rede de três museus comunitários da Comarca Kuna Yala do Panamá e o Ecomuseu de Cerâmica Chorotega em San Vicente de Nicoia, Costa Rica. Em colaboração com o Museu Nacional do Indígena Americano e a rede de museus comunitários de Oaxaca, a IAF financiou o Museu Comunitário de Pisac, em Cusco, Peru, habilitado em setembro de 2009, o qual mantém a tradição têxtil e o patrimônio arqueológico extraordinários desta comunidade andina.

O enfoque da IAF foi excelente em sua disposição de assumir riscos com projetos que talvez não estejam adequados aos critérios tradicionais e em recorrer às próprias comunidades em busca das características que definem um projeto bem-sucedido. Significativamente, o apoio da IAF por muitos anos tornou possível a continuidade e o crescimento que levam os esforços comunitários à concretização. Destaca-se também por seu profundo apreço da conexão entre cultura e desenvolvimento.

O último ponto que eu gostaria de tocar é mais pessoal. A IAF ofereceu a alguns de nós a oportunidade de conhecer colegas realmente extraordinários. O conhecimento, integridade, compromisso e sentido do humor de pessoas como David Bray, Charles Kleymeyer e Kevin Healy têm tornado ainda mais reconfortante nossa longa relação.

Teresa Morais e Cuauhtémoc Camarena
Consultores
União de Museus Comunitários de Oaxaca

Agradecemos seus comentários sobre os artigos publicados em Desenvolvimento de Base. Também incentivamos organizações e diretores de publicações a que nos apresentem novos recursos para resenhas.

A Fundação Interamericana tem a satisfação de oferecer assinatura gratuita de Desenvolvimento de Base. Solicitamos informar-nos o mais breve possível a mudança de endereço pelo e-mail info@iaf.gov.

Haiti: A resposta de base

De Jenny Petrow

Em 12 de janeiro, Chavanes Casséus, coordenador do ***Mouvement Paysan 3ème Section Camp-Perrin*** (MP3K), estava na capital para comprar os materiais necessários para o acabamento de um centro de processamento construído com uma doação da IAF ao MP3K. Quando ocorreu o terremoto, ele acabava de entrar em uma garage de Port-au-Prince. Meio minuto depois, sua camioneta estava achatada. Casséus sobreviveu mas perdeu sua filha de 16 anos que estava assistindo à aula em Port-au-Prince.

Rebecca Janes

Fabiene Saint Clair, do ***Mouvmam Peyizan pou Developman Petyon Vil*** *(MOPDEP), uma associação de agricultores situada muito acima da capital, em Bellevue la Montaigne, perdeu seu domicílio ao desabar com o terremoto. Agora a família dorme sob um teto tipo toldo. Destas elevações os residentes podem ver Port-au-Prince, mas em 28 de fevereiro, quando se tomou esta foto, nenhum colaborador da ajuda humanitária tinha chegado a Bellevue la Montaigne.*

A IAF não é uma entidade de assistência em emergências e estes relatos podem fazer-nos sentir impotentes. Mas uma vez localizados nossos donatários haitianos, recorremos a eles para receber orientações sobre como proceder. Com décadas de experiência enfrentando escassez de alimento e água, instalações médicas e educacionais inadequadas e danos causados por furacões, estes movimentos de agricultores, associações de mulheres e ONGs locais formam redes às quais os peritos recomendam recorrer para atingir os mais necessitados. Eles entendem o contexto, gozam de confiança e podem mobilizar rapidamente as pessoas.

Após o terremoto, os donatários haitianos da IAF enquadram-se em dois grupos: os situados no epicentro ou próximo ao mesmo quando ocorreu o desastre, cujos membros e pessoal podem estar entre o 1,3 milhão que ficou desprovido de domicílio e os mais afastados que agora devem atender a mais de 500.000 haitianos que buscam refúgio nas *sections communales* ou áreas rurais. Com uma ajuda de emergência estimada em bilhões de dólares concentrados em Port-au-Prince, estes donatários do interior estão estendendo ao máximo seus escassos recursos para cuidar dos deslocados. Aumentou o número dos domicílios aos quais originalmente atendiam, e já não podem depender das infusões de dinheiro que costumavam receber dos parentes da capital.

Independentemente da localização dos donatários, suas necessidades iniciais eram surpreendentemente semelhantes: alimento, água potável, produtos de higiene pessoal, suprimentos para cozinhar, sementes, fertilizantes e meios financeiros para pôr as crianças deslocadas na escola e oferecer apoio psicológico. A resposta imediata da IAF assumiu a forma de doações suplementares de emergência; financiamento a prazos maiores e reprogramação serão considerados posteriormente. Obviamente, esta modesta assistência não responde à magnitude da devastação, mas os fundos adicionais podem ajudar as pessoas de baixa renda organizadas do Haiti a se sentirem novamente em controle. Como observou um residente de Jacmel depois de receber de um donatário da IAF alimentos e utensílios para cozinhar, "*Se pa anpil la ki enpotan, men se jes la, ki fèt nan respe youn pou lòt, nou malerez men nou gen dignite*" [o importante não é a quantidade mas o gesto de respeito mútuo. Estamos tristes, mas temos nossa dignidade]. Financiar esforços de base é algo que não apenas restaura a dignidade das pessoas que enfrentam condições deploráveis, mas também das organizações, especialmente daquelas que se têm sentido marginalizadas do esforço de assistência. A IAF continuará a acompanhar os donatários aqui descritos e a apoiar sua recuperação.

Jenny Petrow

A casa de Fabiene Saint Clair em 2008, com a vista da capital.

Rebecca Janes

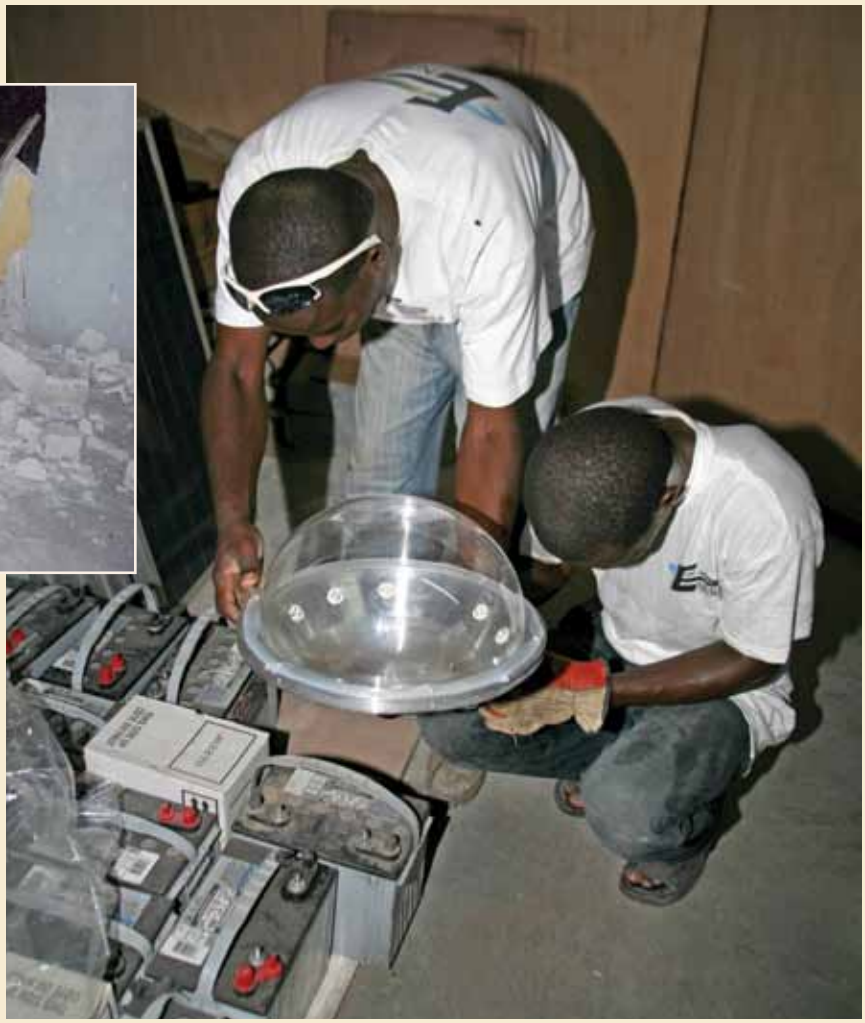
Jean Phelix do MOPDEP, parado sobre uma parede caída de sua casa danificada e de costas para o abrigo temporário que construiu e dignificou com vasos de plantas.

Adaptando-se à devastação

Por meio de suas duas incubadoras em Port-au-Prince, a ***Haitian Partners for Christiam Development*** (HPCD) prestava assistência, aconselhamento, espaço e serviços a empresários. Com suas instalações de Verreux severamente prejudicadas, foto à direita, HPCD transportou alguns de seus empresários a seu segundo local em Martissant para ajudá-los a reconstruir suas empresas. Antes do terremoto, a HPCD tinha feito parceria com a Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH) para estender seus serviços a empresárias dos bairros marginalizados de Cité Soleil e Martissant, mas todos os colaboradores da equipe morreram ao desmoronar a sede da ONU. A HPCD considera seu programa como uma alternativa de longo prazo a projetos de dinheiro por trabalho que desempenham um papel importante na reconstrução. A IAF continuará a trabalhar com a HPCD à medida que esta reiniciar suas operações.

Cortesía HPCD

Cortesía HPCD



Rebecca Janes

Entre as empresas bem-sucedidas que a HPCD ajudou a lançar, figura a ENERSA, fabricante de painéis solares e sistemas de iluminação de energia solar. Fundada por Jean-Ronel Noël e Alex Georges, que tinham regressado ao Haiti depois de 10 anos no Canadá, a ENERSA contava com 10 empregados bem pagos treinados por Noël e Georges do zero e já tinha mudado para seu próprio espaço quando ocorreu o terremoto.

Os primeiros a socorrer

A República Dominicana foi rápida em ajudar seu vizinho. Entre os primeiros em responder estava o ***Movimiento Sociocultural de los Trabajadores Haitianos*** (MOSCTHA), donatário da IAF, constituído principalmente por haitiano-dominicanos e que servem comunidades haitiano-dominicanas. As clínicas móveis, médicos e paramédicos do MOSCTHA proporcionaram atendimento médico, alimentos, água e apoio psicológico em acampamentos de Port-au-Prince, Jacmel, Petit Goave e Leogane. Outros doadores que sabem apreciar as aptidões linguísticas e culturais do MOSCTHA incluem a missão da Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos (USAID) na República Dominicana, que formou parceria com o MOSCTHA para distribuir kits de higiene e limpeza em comunidades fronteiriças.

Cortesía MOSCTHA

Fotos de Keziah Jean

Distribuição de alimentos do FIDES em Jacmel.

Trabalhando com mulheres proativas

Com sede em Port-au-Prince, o ***Fonds International de Développement Économique et Social*** (FIDES) apoia organizações rurais nas regiões Sud-Est, Ouest, Artibonite e Nord-Ouest. O FIDES utiliza seu suplemento da IAF para comprar feijão produzido localmente, inhame e outros produtos básicos para a distribuição às vítimas do terremoto por meio de parceiros no trabalho de base, tais como a organização de mulheres ***Fanm Deside de Jacmel y Òganizasyon Fanm Peyizan Mònabrile de Morne à Bruler***. Ao comprar localmente, o FIDES está estimulando a economia.

Mulheres levam o alimento distribuído pelo FIDES por meio da Òganizasyon Fanm Peyizan Mònabrile de Morne à Bruler.

Acabrunhada pela perda de seu pai e de seu filho pequeno, Nadège Joachin, de 33 anos, abandonou Port-au-Prince. Membros da Rezo Famn a acompanharam ao hospital infantil de Belladère, onde deu a luz. Ela, seu esposo e sua filhinha vivem agora com Alda Joseph, da Rezo Fanm

A ***Rezo Fanm Frontyè Ba Plato*** (Rezo Famn) é uma rede de grupos de mulheres do sul da planície central próxima à fronteira dominicana, área que rapidamente ficou inundada de refugiados. Os residentes informaram que mais de 3.000 pessoas sem vínculos na área foram reunidas na capital e enviadas de ônibus ao povoado fronteiriço de Lascahobas. Embora a maioria já se tenha reunido com amigos e familiares, alguns continuam a viver em dormitórios improvisados que membros da Rezo Famn prepararam para eles com ajuda de doações da diáspora. Todos os dias dezenas de mulheres grávidas atravessavam a fronteira na esperança de chegar a instalações médicas na República Dominicana. A Rezo Famn está procurou conectá-las com parteiras, clínicas e hospitais locais e utilizou seu suplemento proporcionado pela IAF para preparar kits de cuidados pré e pós-parto, bem como oferecer bolsas de estudo a muitas crianças deslocadas sem escola e, portanto, mais vulneráveis aos traficantes.

Dormitório da Rezo Famn para homens.

Cortesía KOFAKAD

*Os fundos suplementares da IAF para a **Kombit Fanm Kaskad-Dubreuil** (KOFAKAD), da região Sud, permitiram que 80 crianças sem domicílio ou órfãos terminassem o ano letivo e outras 20 frequentassem o curso de informática no novo centro de capacitação construído com a doação original concedida à KOFAKAD. A organização de mulheres oferece projeções de filmes para crianças e apoio psicológico a vítimas de todas as idades.*

Esticando recursos no Sul

Dirigentes do ***Mouvement Paysan 3ème Section Camp-Perrin*** (MP3K), no extremo sul do Haiti, estimam que 1.000 refugiados, incluindo 200 crianças, se estabeleceram em sua séction communale, ampliando cada domicílio com pelo menos três novos habitantes. Antes do terremoto, a experimentação do MP3K com uma nova técnica de cultivo de inhame teve como resultado mais mudas e uma produção maior do que nunca. Um mês depois do terremoto, com a chegada da estação da chuva, os agricultores do MP3K estavam prontos para voltar a plantar, e incluíram as famílias deslocadas em suas atividades. No futuro o MP3K porá à disposição deles mudas, capacitação e crédito. Embora isto signifique estender ao máximo os escassos recursos e reduzir o ritmo de expansão, o MP3K espera produzir um suprimento confiável de alimentos e proporcionar às famílias necessitadas uma fonte de renda. Está utilizando seu suplemento da IAF para trazer mais agricultores a seu programa e oferecer às vítimas alimento e bolsas de estudo.

Keziah Jean

Os bolsistas de MP3K deslocados de suas casas, em uma clínica naquela organização.

Cortesía MP3K

Cultivadores de inhame do MP3K.

Keziah Jean

Distribuição do MP3K: pacotes que continham arroz, azeite, açúcar, leite em pó e feijão.

A tenacidade em Jacmel

A pura tenacidade, o pessoal e os estudantes do Ciné Institute da ***Fondation Festival Film Jakmel's*** (FFFJ) têm mostrado ao mundo a realidade pós-terremoto em reportagens que apareceram em *The New York Times*, *Wall Street Journal* e *Globe and Mail* do Canadá, e na CNN, AOL News, PBS, CBC e Grit TV. Outrora uma joia colonial, a cidade portuária de Jacmel perdeu muitos de seus edifícios históricos no desastre, incluindo o que alojava a escola de cinema da FFFJ. Mas os jovens cineastas do Ciné Institute recuperaram suas câmaras entre os escombros e imediatamente começaram a atrair a atenção sobre a situação premente dos residentes de Jacmel e a necessidade de ajuda.

Operando em um espaço provisório de armazenamento em seu terreno, o Ciné Institute foi a única escola da região sudeste em funcionamento durante todo o estado de emergência. O resultado foi um curso intensivo em jornalismo e cine documentário e também em trabalho de assistência, à medida que os estudantes ajudavam as vítimas a obter ajuda médica e colaboravam na distribuição de alimento, medicamentos, filtros d'água, tendas, cobertores e geradores. Esta exposição gerou tanto apoio por parte da indústria cinematográfica internacional e de outros doadores, que o Ciné Institute pode alugar espaço fora da cidade. "Nossos estudantes referem-se a este período pós-terremoto como a melhor aula mestre sobre responsabilidade cívica e jornalismo" indicou David Belle, Diretor da FFFJ.

Jeny Petrow é Representante da IAF para o Haiti, República Dominicana e o Caribe de língua inglesa. Rebeca Janes é fotógrafa profissional que vive em Indiana. Keziah Jean, primeira à direita na foto de baixo da página oposta, estuda no Ciné Institute.

Zach Niles

Zach Niles

Andrew Bigosinski

Chet Thomas:
em Honduras por um bom tempo

De Patrick Breslin *Fotos de Patrick Breslin*

Chet Thomas, fundador do Proyeto Aldea Global, com o agricultor Jeremias Vásquez e seu filho.

A atividade do desenvolvimento internacional sofre de algum desarranjo de déficit de atenção. Sua capacidade de concentração é curta — projetos de dois ou de três anos estão são a norma, praticamente sacrossanta. Geralmente não ouve muito seus supostos beneficiários. Impulsivamente muda de direção, passando de uma panaceia a outra.

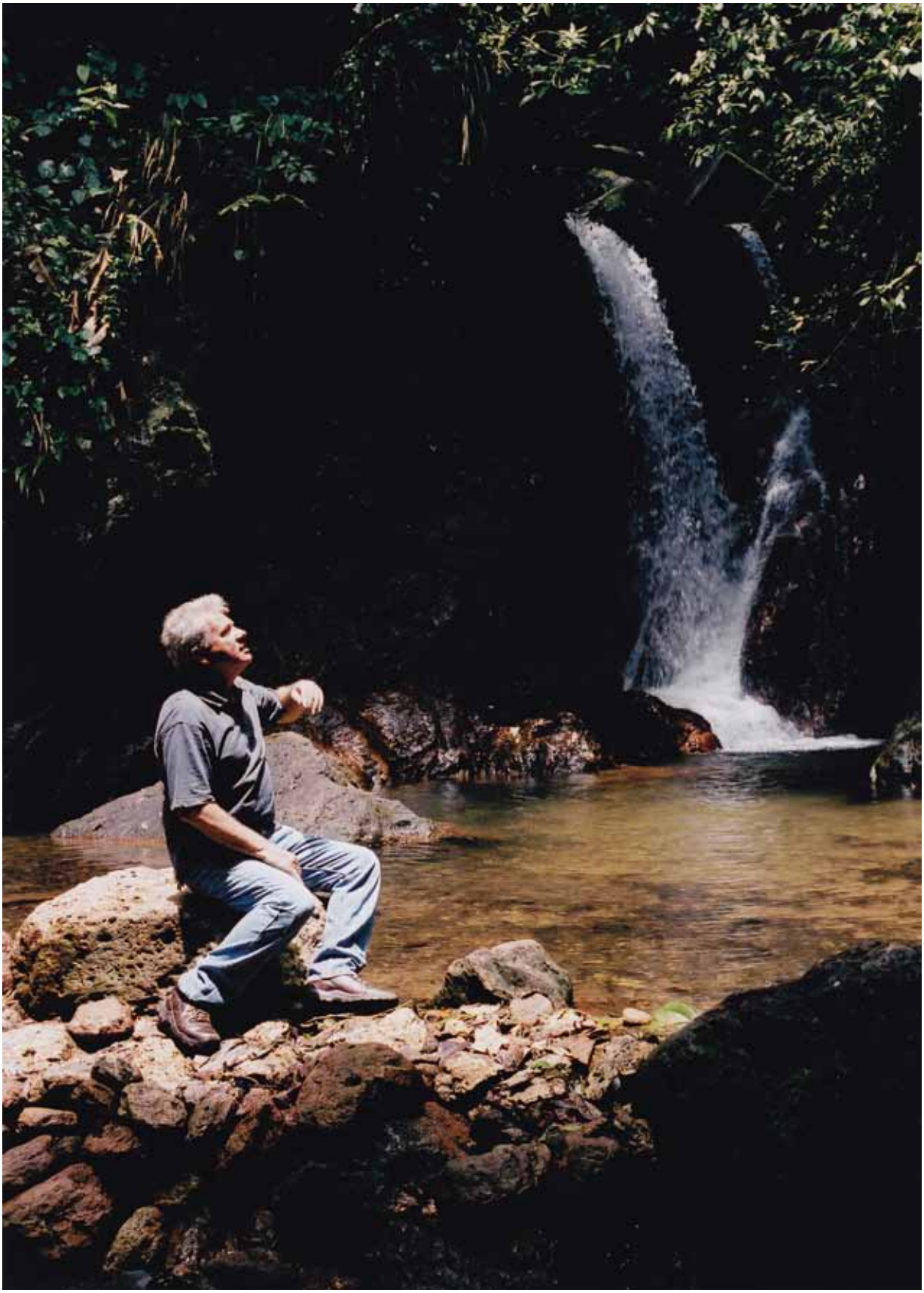
Como antídoto, consideremos a vida e o trabalho de Chester (Chet) Thomas, um expatriado dos Estados Unidos de fala suave, cabelo branco, mas ainda com aspecto angelical, que fundou o Projeto Aldea Global (PAG), em Honduras em 1983 e que o vem dirigindo desde então. O PAG trabalha com milhares de famílias em vastas áreas e seus projetos estão entre os esforços de base mais ambiciosos e bem-sucedidos. Mas sua receita para o êxito desafiaria a maioria dos doadores. Em palavras simples, o cronograma do PAG ultrapassa amplamente o limite dos três anos. "Em dois ou três anos, a gente está apenas se aquecendo, apenas está começando", explica Thomas. "Se falarmos de mudança, precisamos de muito tempo. Se não se assume um compromisso mínimo de oito anos, não é sério".

O compromisso do próprio Thomas com Honduras começou ao chegar lá em 1974, depois do furacão Fifi, para coordenar os esforços de ajuda do National Council of Churches, entidade sediada nos Estados Unidos. Como muitos organizadores comunitários, assessores técnicos e peritos em desenvolvimento, ele era um estrangeiro no lugar onde trabalhava. Independentemente das boas intenções e do desejo de fechar hiatos, um pedaço de papel geralmente separa os estrangeiros das pessoas a quem querem ajudar — a passagem de avião que lhes permite ir para bem longe da pobreza a qualquer momento. Chet Thomas decidiu ficar. Seu perfil em *Desenvolvimento de Base* é um entre uma série que investiga as experiências que deram forma a líderes de base bem-sucedidos na América Latina e as visões provenientes dessas experiências.

A história de Thomas começa no sudoeste do estado da Pennsylvania, nas colinas do condado de Somerset, então uma área agrícola e carbonífera, onde nasceu em 1944. A família de seu pai era de origem alemã e seu avô tinha uma fazenda autossuficiente em um lugar chamado Gobbler's Hollow. "Na fazenda havia uma serraria que funcionava com um motor a vapor, o primeiro nessa área", recorda Thomas. "Todas as crianças trabalhavam. Aravam as encostas com cavalos, plantavam cereais, vendiam verduras e criavam porcos e vacas para o seu consumo. Quando chegava a primavera, faziam xarope de bordo, pelo menos 189 litros por ano, que era tudo o que necessitavam para adoçar sua comida. Havia veados, perus e ursos nos bosques. Os vizinhos se ajudavam mutuamente, seja construindo celeiros ou colhendo cultivos. Eram boa gente, com bons valores de trabalho e ética. Um lugar fabuloso".

Na escola, conta Thomas, "havia crianças de muitas origens étnicas: italianos, poloneses, russos, pessoas de todos os países eslavos, a maior parte delas de famílias mineiras. Havia todo tipo de festivais culturais. Assim cheguei a apreciar a riqueza que continham". Sua própria família criava perus. "Eu tinha muita experiência com aves de curral. Para o Dia de Ação de Graças e Natal abatíamos 5.000 perus. Sempre me lembro como as suas asas batiam em nosso rosto. Tirávamos as penas e os limpávamos no frio rigoroso e na neve e depois os entregávamos aos clientes de meu pai. Meus irmãos e eu quase tínhamos medo do Dia de Ação de Graças e do Natal". Mas a fazenda de Thomas, como outras fazendas de propriedade familiar em todos os Estados Unidos, foram suplantadas quando os mercados recorreram a produtores maiores que ofereciam preços mais baixos. O pai de Thomas encontrou trabalho com programas estaduais para ampliar a pavimentação das estradas em áreas de cultivo e, em seguida, foi supervisor do condado em manutenção de estradas. As estradas para os agricultores transformaram-se em um tema recorrente na carreira de Chet Thomas na área do desenvolvimento.

Depois do ensino médio, Thomas transportou carvão para seus vizinhos no caminhão de seu pai e depois trabalhou em supermercados. Ir à universidade lhe pareceu uma melhor ideia e começou a frequentar a Universidade de Pittsburgh. No início da década de 1960, recrutadores do Corpo da Paz do Presidente John Kennedy visitaram as universidades e Thomas sentiu-se atraído. "Eu queria fazer algo um pouco mais substancial", explicou. "Eu via a situação de muitas pessoas e percebia que não iam a parte alguma e eu não queria isso. Penso que era também uma resposta à minha educação religiosa, porque eu provinha da Igreja dos Irmãos, pessoas muito dedicadas a servir os outros". Os



Thomas no Cerro Azul Meambar.

primeiros voluntários do Corpo da Paz eram tipicamente formados em Artes Liberais que entravam em contato com as ferramentas agrícolas pela primeira vez durante o treinamento. Seus antecedentes em agricultura e sua experiência de trabalho diversificada tornavam Thomas o jovem americano apto que o Corpo da Paz estava procurando e foi assim designado a uma área rural de Antioquia, Colômbia.

"Eu queria fazer algo significativo", recorda. "Ajudava alguns fazendeiros a melhorar a criação de galinhas com a raça Rhode Island Reds e percebi que havia escassez de ovos na cidade. Comecei então um projeto com um residente local e mil pintinhos. Chegamos a ter 20.000 frangos. Esse município era um bom lugar para eles. As galinhas precisam de noites frescas e bom alimento. Formamos uma associação de criadores para comercializar ovos. De manhã o caminhão leiteiro recolhia os ovos ao lado da estrada e os entregava a um posto de vendas em Medellín; e jovens de bicicleta os distribuíam aos clientes. Pela tarde, um ônibus recolhia alimento para as galinhas e qualquer outra coisa de que os fazendeiros necessitassem e entregava ao lado da estrada, perto das casas. Compramos congeladores para podermos vender a carne para sopa depois que as galinhas paravam de pôr ovos". O sistema de comercialização funcionou como um relógio; os funcionários do Corpo da Paz consideraram o projeto como um modelo. Mas os fazendeiros não gostaram e Thomas aprendeu sua primeira lição sobre promoção do desenvolvimento: "Eles mesmos queriam vender os ovos. Na realidade queriam ir à cidade, receber seu dinheiro e divertir-se. Depois que eu saí, o projeto continuou, mas deixaram de usar o posto de vendas".

Thomas prolongou seu serviço por um ano para trabalhar em Manizales ajudando cultivadores a deixar de depender do café mediante a introdução do cacau, outro projeto que deu bons resultados. Também trabalhou em um povoado ao norte de Caldas, conhecido por tecer chapéus do Panamá de qualidade e os invólucros de fibra para o famoso Rum de Caldas. Ali aprendeu outra lição. "Esta comunidade era realmente pobre e as pessoas ganhavam um dólar por dia", explicou. "Um dólar por dia?" perguntei. "Vamos organizar essas pessoas e exigir cinco dólares por dia". Tentamos e isso criou sérios problemas. E então um colombiano que trabalhava em desenvolvimento cooperativo disse: "Olhe, esta gente está ganhando um dólar por dia. Sabemos que não é suficiente para viver, mas é um trabalho. Agora estamos tentando criar emprego, não um alto nível de renda. Depois que conseguirmos que todos estejam trabalhando, então podemos organizá-los e exigir um salário melhor; mas não balance o barco neste momento". Isso ficou comigo durante anos. Quando alguém não tem trabalho, está desesperado e sem encontrar saída, perde o sentido da dignidade. Mesmo se estiver trabalhando e ganhando um dólar por dia, pelo menos está fazendo algo com as mãos, está ocupado e tem algo a que aspirar em termos de uma vida melhor".

Quando concluiu seu terceiro ano, o Corpo da Paz ofereceu a Thomas um trabalho de instrutor para novos voluntários em Escondido, Califórnia. Enquanto estava lá, encontrou um de seus primos, um famoso malabarista de circo. Em breve Thomas estava dando aulas a crianças de uma troupe viajante e sua casa rolante era um caminhão de sorvete adaptado. Depois frequentou a universidade de Pittsburgh para estudar desenvolvimento social e econômico latino-americano. Sua tese de mestrado em assuntos públicos e internacionais foi sobre "caminhos rurais de penetração" na Colômbia e o benefício social de construí-los com trabalho manual em vez de utilizar maquinaria de alto preço. Depois da pós-graduação ingressou em um programa para jovens profissionais no Banco Mundial. "Trabalhava em um pequeno cubículo rodeado de centenas de outras pessoas em outros pequenos cubículos", recordou. "Eu me perguntei: o que estou fazendo aqui?" Estava perdendo a minha personalidade. Um amigo colombiano me disse para sair".

Em breve Thomas estava de volta à Califórnia, promovendo o Grande Circo de John Strong, ao longo da costa central, até o Vale de San Joaquín. Isso o levou a uma carreira de produtor de eventos musicais de alto nível e de circos, em Chicago, desdobrando-se também como publicista e agente imobiliário à frente da própria empresa. "Estava ganhando dinheiro", disse ele, "mas realmente eu não gostava muito do que fazia. E então, quando menos esperava, recebi um telefonema do National Council of Churches. Alguém tinha sugerido o meu nome e o Conselho queria saber se eu poderia ir a Honduras para assumir a direção do trabalho de ajuda que estavam organizando após o furacão Fifi. Quando viajei de avião a San Pedro Sula, o Vale de Sula ainda estava embaixo d'água. As pessoas estavam vivendo nos diques. Eu tinha 28 anos. Pensei que era chegada a hora de mudar de vida. Voltei a Chicago, vendi minha empresa, coloquei meus móveis em um depósito e me mudei para Honduras".

Nos anos seguintes, Thomas trabalhou em programas que proporcionavam habitação, sistemas de água e novos poços e que ajudaram a reiniciar a agricultura. Seu compromisso aumentou. "Eu me sentia como em casa. Fiz muitos amigos", disse. "Também pensei que

este era um país com potencial para superar a pobreza. Dispunha de muitos recursos naturais e se todos tivessem acesso a eles haveria uma diferença importante. E pensei: "para eu fazer algo significativo, tenho que permanecer em um lugar durante um longo período". Com a intenção de criar gado, comprou 323 hectares. A lei hondurenha exigia que limpasse o terreno em quatro meses. Como não pôde fazê-lo, o órgão de reforma agrária lhe tirou 121 hectares. Não obstante, o compromisso de Thomas com Honduras, sobreviveu.

Então ocorreu o terremoto na Guatemala e o Church World Services enviou Thomas para gerenciar ali as atividades de assistência. Nos anos seguintes, sua conexão com Honduras limitou-se a viagens, mais ou menos todo mês, para supervisionar sua propriedade agrícola e em cada ocasião ele se sentia como se estivesse em casa. Enquanto isso, o trabalho na Guatemala tornava-se mais exigente; em 1979 Thomas estava esgotado. Ele se recorda que, quando o Church World Services lhe pediu que trabalhasse na República Dominicana, ele respondeu: "Não, eu estou comprometido com Honduras". Basicamente, eu creio neste país e tudo o que tem tanto de bom como de ruim". Decidir permanecer definitivamente significou outra mudança de vida. Thomas tinha dado voltas pelos Estados Unidos e pela América Latina durante duas décadas. Agora ele se propunha fixar-se, criar raízes. "Não posso voltar para casa novamente" é a amarga conclusão americana, destilada da agitação, da movimentação e da mudança constantes em nome do progresso. A fazenda de seu avô, que Thomas recorda com carinho desde a sua infância, se tinha transformado em uma subdivisão de casas.

Seu trabalho para o Serviço Voluntário Internacional, assessorando grupos hondurenhos na realização de projetos comunitários de saúde, criação de cooperativas, introdução da tecnologia apropriada e abertura de poços e sistemas de água por gravidade, levou Thomas a fundar sua própria organização de desenvolvimento. Chamou-a de Projeto Aldeia Global porque, afirmou, "agora todos vivemos em uma aldeia global". Ao final vendeu sua propriedade agrícola — exigia demasiada atenção para coexistir com seu trabalho de desenvolvimento. Ele e a esposa hondurenha, professora bilíngue, casados há mais de 20 anos, criaram cinco filhos e agora vivem em uma pequena cidade nos arredores de Tegucigalpa. Hoje, o PAG tem cerca de 160 funcionários. Trabalha em dois escritórios em Tegucigalpa, um que atende aos bairros pobres com programas que ajudam os jovens a permanecer fora das quadrilhas e cinco escritórios regionais. O PAG atinge 400 comunidades em 30 dos 270 municípios hondurenhos. Além de seu trabalho na zona rural, administra um programa de bolsas de estudos financiado por um benfeitor em Chicago e o programa Deborah que oferece serviços jurídicos a mulheres de baixa renda. Apesar do alcance do PAG, seu orçamento varia de US$2 milhões a US$ 2,5 milhões — não muito grande, na opinião de Thomas.

Mas o PAG empreende projetos grandes, inclusive um em Cerro Azul Meambar, um grande parque nacional de Honduras e fonte de um quinto do volume de água que flui para o reservatório atrás de El Cajón, a maior represa hidroelétrica de Honduras que gera mais de 80% da eletricidade do país. Há cerca de 20 anos, o Governo hondurenho preocupava-se com a deterioração do meio ambiente no parque. A erosão, causada em parte pelo desmatamento irrestrito das florestas, ameaçava inevitavelmente o reservatório. Em 1992, o Departamento de Silvicultura do governo pediu ao PAG que administrasse o parque e protegesse a bacia. O PAG tinha trabalhado com comunidades na área e tinha a credibilidade necessária para convencer os moradores a respeito de um novo enfoque que ressaltava a responsabilidade ambiental e a engenhosidade para formular um plano para tornar viável esse enfoque em termos de desenvolvimento econômico.

O Cerro Azul é uma reserva da biosfera onde o uso da terra está sujeito a restrições. Não se permite a habitação humana na zona núcleo, a saber, nas elevações mais altas que atingem 2.047 metros, nem na área designada para "uso especial". A exploração de recursos também é proibida na zona núcleo e muito limitada na zona especial; é permitida, mas está regulamentada, na zona tampão, onde aproximadamente 20.000 pessoas, principalmente famílias agricultoras, vivem em cerca de 40 comunidades. A entrada para o parque está a poucos quilômetros da rodovia principal do país que liga Tegucigalpa e San Pedro Sula. O pessoal do PAG estava ciente de que as atrações e a localização privilegiada da reserva poderiam atrair visitantes, gerando emprego e renda. Compreendiam também que os moradores das comunidades da zona tampão, ao perceberem que seu sustento está vinculado à preservação do ecossistema, seriam os melhores guardiães da reserva.

Com apoio da IAF, o PAG capacitou os residentes da zona tampão como guardas florestais e guias e incentivou a conscientização ambiental. Posteriormente abriu um restaurante de grandes dimensões na rodovia, criando mais empregos e postos de venda para produtos agrícolas e artesanato. Maiores oportunidades de emprego resultaram dos programas de reflorestamento, supridos com as mudas de sementeiras das árvores desenvolvidas na reserva e pela abertura e manutenção de quilômetros de trilhas que permitem aos visitantes apreciar paisagens

idílicas das cascatas que caem de paredes cobertas de vegetação tropical a piscinas naturais rodeadas de penhascos irregulares. Los Pinos, um centro ambiental dentro da reserva, oferece alojamento com cama e café da manhã a turistas que em número crescente vêm dos Estados Unidos e da Europa. Foi recentemente instalado um centro onde estudantes universitários pesquisam a vida animal e vegetal do parque.

Outras iniciativas do PAG na reserva focaram métodos de cultivo que aumentaram a produção e eram compatíveis com o uso responsável do meio ambiente. Incentivou-se de modo especial a produção de frutas e foi criada uma planta para seu processamento. Os caminhos agora conectam as comunidades e facilitam o transporte de bens ao mercado. Como o imenso reservatório de El Cajón separava várias comunidades, o PAG, usando materiais doados, construiu duas balsas engenhosamente desenhadas. Os trabalhadores ataram 24 grandes tanques vazios de gás propano a uma estrutura de aço como viga e transformaram uma atadora de feno, uma máquina agrícola comum, em uma unidade de propulsão ligada a um sistema hidráulico que faz girar duas grandes rodas de paletas, montadas de cada lado. Cada balsa assemelha-se a uma versão gigante de uma balsa fabricada por crianças, mas transporta sem problemas veículos e pessoas e permanece estável mesmo nas violentas tempestades que às vezes explodem no reservatório. Em 2008, o órgão nacional de silvicultura qualificou Cerro Azul Meambar como o segundo parque mais bem administrado de Honduras, entre 32 áreas protegidas, e assinou com o PAG seu quarto acordo consecutivo de administração quinquenal.

Outros grandes projetos do PAG são seu trabalho em Belén Gualcho, um município nas montanhas Celaque, que se elevam a 2.700 metros sobre o nível do mar, o qual Thomas viu pela primeira vez em 1974 quando cavalgava durante seu trabalho de socorro. Na grande maioria a população é formada por indígenas lenca, classificados como as pessoas mais pobres e mais isoladas de Honduras. “Quando fui lá pela primeira vez, para todos os demais o povo local era mão de obra migrante”, disse Thomas. “Somente conseguiam

A balsa engenhosamente desenhada pelo PAG.

uma colheita de milho por ano; tinham que procurar trabalho para se alimentar. Pensei que eu gostaria de ver os mais débeis ganharem de vez em quando". Anos mais tarde, voltou com o PAG. "Começamos com a conservação e melhoria do solo; mais tarde, cuidados da saúde e alfabetização", continuou. "Acrescentamos componentes à medida que avançávamos. Um dia, encontramos alguns velhos pés de pêssego, com frutas minúsculas e duras. E pensamos: "Se estes podem crescer, nós poderíamos conseguir outros pêssegos. E se os pêssegos puderem crescer, as maçãs também poderão". Compramos 1.500 pés de maçã da Flórida para experimentar. Três anos mais tarde, começaram a produzir fruta. "Caramba", pensei, "isso poderia ser um negócio". A IAF nos deu a primeira ajuda verdadeira. Os pêssegos foram mais problemáticos. Tentamos diversas espécies, mas nenhuma funcionou até que injetamos um broto em uma raiz local. E bum! Vingou".

Parte dos fundos da IAF destinava-se a financiar a plantação de 50.000 macieiras, mas o projeto superou este objetivo e em apenas alguns anos 250.000 árvores cobriram as encostas e os vales. Trabalhando com a Asociación de Productores de Celaque (APROCEL) que ajudou a criar, o PAG construiu centros de embalagem em diversas comunidades; armazenagem fria e plantas de processamento para produzir suco, cidra e geleias; uma rede de estradas para transportar os produtos; e um centro de distribuição na Rodovia Pan-Americana, que une Honduras a El Salvador e à Guatemala. Os cultivadores sofreram um golpe devastador, em 1998, quando o furacão Mitch destroçou hortas e estradas. O PAG ajudou muitos a replantar e a produção voltou a ser de várias centenas de toneladas de ambas as frutas por ano, porém ainda abaixo do que se esperava. Usando seu próprio equipamento pesado, o PAG também reconstruiu em sete meses 120 quilômetros de estradas das propriedades agrícolas ao mercado para os agricultores poderem novamente fazer suas frutas chegarem aos intermediários para serem vendidas em San Pedro Sula e povoados rurais da região oeste de Honduras.

Pomar de maçã de Jesús Vásquez, Belén Gualcho.

A experiência convenceu o PAG de evitar a dependência de um único cultivo comercial. A infraestrutura de armazenagem e distribuição já instalada e a aquisição de três grandes caminhões refrigeradores permitiram passar à produção de verduras em grande escala. Essa mudança requereu outro importante esforço de infraestrutura: um extenso sistema de irrigação, concluído em 2009, que utiliza a água das montanhas. Com a mão de obra fornecida pelos residentes locais, o PAG construiu três grandes represas e 11 tanques de água comunitários e instalou 89 quilômetros de linhas principais de irrigação, mais de 25% delas com canos de seis polegadas de diâmetro, além de linhas de distribuição e linhas de irrigação por gotejamento que chegam aos cultivos. (O PAG continua estendendo as linhas de distribuição e gotejamento a outros agricultores.) O sistema ajustado do PAG requer que cada agricultor plante por semana uma média de um oitavo de um hectare com novos cultivos de legumes por semana e colha um oitavo de hectare. Um computador faz o acompanhamento de quanto será colhido por semana e onde, dados que capacitam a APROCEL a comercializar o produto sem inconvenientes. No futuro, segundo o PAG prevê, cerca de 600 agricultores terão pelo menos um meio hectare plantado com verduras. "Algumas das primeiras propriedades agrícolas estão recebendo agora até US$1.000 por mês", disse Thomas este ano. "Somente neste último mês vendemos mais de 66 toneladas de verduras a 10 compradores de todo o país, inclusive à Wal-Mart e à cadeia de supermercados La Colonia. No futuro esta zona será um fornecedor importante de alimentos a El Salvador. Já começamos a exportar alface para lá e também para a Guatemala".

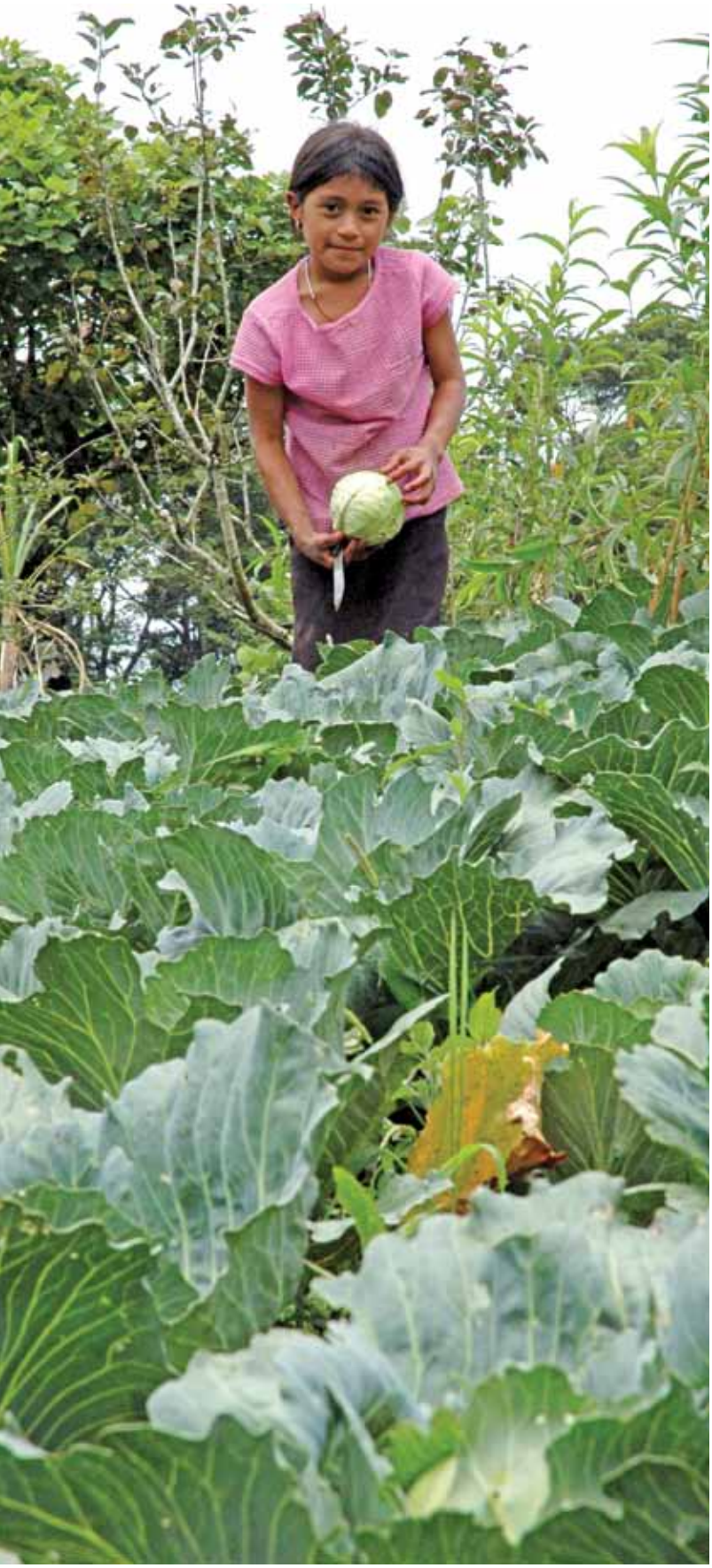
Apesar do compromisso do PAG de longo prazo com as comunidades onde trabalha, seu pessoal procura ter em mente o dia da partida. "Realmente procuramos concentrar-nos neste aspecto nos últimos 15 anos: planejar como vamos sair antes de entrar", disse Thomas. "Vamos procurar de alguma forma fazer o projeto se manter por si só em algum momento. Talvez não seja exatamente o tempo que calculamos, porque não podemos conhecer todas as variáveis. Mas a certa altura queremos ver um projeto totalmente sustentável".

Em Belén Gualcho, o sistema de irrigação deve continuar a apoiar a APROCEL muito depois de que o PAG sair. Antes que o PAG comece a trabalhar nele, cada agricultor que se beneficiaria do sistema aceitou pagar um honorário mensal de US$7 por cada tarefa (unidade que mede 629 metros quadrados) irrigada. Com um mínimo de 500 agricultores com uma média de 0,2 hectare de verduras (alguns já têm 2,3 hectares em produção), isto significa US$17.500 em honorários de usuários pagos

Fábrica de processamento construída com o apoio de PAG.

mensalmente à APROCEL, que espera assumir o controle completo do projeto em três anos. A arrecadação financia crédito, assistência técnica e serviços de comercialização. Por sua natureza, alguns projetos não podem ser autossuficientes. O programa de serviços jurídicos, ao qual se fez referência anteriormente, foi financiado inicialmente pelo American Jewish World Service. Mas o PAG negociou com os municípios e os convenceu a contribuírem com espaço e serviços de utilidade pública. "Durante algum tempo continuamos a pagar os salários dos assistentes jurídicos", disse Thomas. "Mas agora convencemos os governos municipais a incluírem esse custo nos respectivos orçamentos".

Mais além da meta da institucionalização dos projetos está a questão do próprio futuro do PAG quando em algum momento Thomas renunciar. Muitas realizações importantes se têm baseado na sua capacidade de conectar-se com redes da igreja nos Estados Unidos



para conseguir financiamento e em seu extraordinário sentido de saber onde pode haver uma carga de madeira para construção ou veículos velhos e maquinaria à espera de serem doados. “Sei que todos estes meus contatos pessoais tornam mais difícil a tarefa de quem vier depois de mim”, admitiu. “Mas estou empenhando em preparar gente que possa trabalhar quando eu sair”. Essa preparação inclui bolsas de estudo universitárias e o trabalho do próprio Thomas como mentor. Ele já se comprometeu a dedicar mais quatro anos no timão para dar tempo para uma transição sem complicações.

Quem quer que assuma a direção, assumirá o controle de uma organização formada pelas experiências de Chet Thomas, desde sua infância rural na zona oeste da Pennsylvania. Em toda a sua vida, Thomas tem pensado grande, sem esquecer os duros detalhes da vida rural. Os projetos do PAG comparam-se em alcance e ambição com os das organizações de desenvolvimento que trabalham em grande escala. Visam a transformar regiões inteiras. Apenas reconhecem que isso leva muito tempo.

O desenvolvimento de base geralmente é considerado como um enfoque limitado em virtude das quantidades reduzidas de dinheiro investido para impacto limitado, com a esperança de que resulte em certa melhoria na vida das pessoas de uma comunidade. Não é levado tão seriamente como os projetos multimilionários empreendidos pelo Banco Mundial ou pela USAID, aos quais se destina a maior parte do financiamento da ajuda para o desenvolvimento. Os projetos do PAG mostram o potencial do enfoque de base se aplicado de forma estratégica e paciente. Também fazem uma pergunta: por que as entidades de financiamento, incluindo a Fundação Interamericana, não se comprometem igualmente no longo prazo? Para seu crédito, a IAF tem financiado o PAG em diversas ocasiões durante os últimos 20 anos. Mas tende a ver cada decisão de financiamento como discreta e limitada ao projeto proposto. Somente em algumas situações a IAF apoiou um processo de desenvolvimento específico de longo prazo, geralmente porque um Representante da Fundação entendeu a visão estratégica de uma organização ou de um movimento. Pode ser que a IAF seja demasiado propensa a fazer um jogo “amador” em contraposição às equipes profissionais. Pode ser que o prazo de três anos

Belén Gualcho: Norma Leticia Vásquez, filha de um casal de agricultores, e, na página oposta, Adrián Díos e filhos Heber e Adrián.

para um projeto, tão comum na IAF como em qualquer outro lugar no âmbito do desenvolvimento, vá contra o apoio a uma visão estratégica nascida da participação no nível de base.

O trabalho de Chet Thomas demonstra o princípio-chave do enfoque de base: que o verdadeiro desenvolvimento começa com encontros pessoais entre indivíduos. "Gostaríamos de ver cada agricultor produzir todo o alimento que precisa para si mesmo, mais um cultivo comercial para o mercado", enfatizou. Para conseguir isso, os agentes do PAG sentam-se com o agricultor e lhe dão um pedaço de papel. Pedem que desenhe sua casa e as terras de sua propriedade agrícola. "Fizemos isso centenas de vezes", disse Thomas ao explicar o exercício. "Dizemos, 'Bem, aqui colocamos os cereais básicos, o milho e o feijão. Nesta outra parte, pomos os cultivos comerciais, uma horta permanente — maçãs, pêssego, manga, abacate, cacau — o que ali vingar bem. Falamos com a mulher: 'Bem, a senhora quer alimento disponível para alimentar a sua família, como mandioca e batata-doce, frutas, árvores cítricas, abacate, árvores de especiarias, especialmente muitas bananas'. Então nós os colocamos no desenho. E em seguida as outras áreas onde podemos colocar tanques de peixes, cabras, galinhas, porcos. Em um instante todo o papel está cheio. Não se faz tudo de uma única vez. Os agricultores não podem assumir um risco grande. Mas lhes dizemos, 'Vamos assumir um pequeno risco. E se o senhor conseguir bons resultados, então poderemos fazer outras coisas aqui'".

O PAG chama o resultado deste planejamento de baixo para cima a "propriedade agrícola melhorada" e se parece muito com aquela propriedade de que Thomas se lembra com carinho em Gobbler's Hollow; só faltam a neve e o xarope de bordo.

Patrick Breslin, ex-Vice-Presidente da IAF de Assuntos Exteriores, aposentou-se da IAF depois de 22 anos de trabalho. Pode ser contatado em patbreslin@yahoo.com.

Os cafeicultores de La Selva e a grande indústria a do café

De Ellen Contreras Murphy

Mark Caicedo

O Café La Selva em San Cristóbal de las Casas, em Chiapas, é o local ideal para considerar o crescimento e o desenvolvimento da Unión de Ejidos de La Selva (La Selva). O café não pode ser mais local, fresco e delicioso; o ambiente é decididamente mexicano; o âmbito, idêntico ao de muitas outras dessas franquias no México ou na Espanha. Indo ao fundo da questão, o Café La Selva representa quanto têm avançado os cafeicultores de La Selva e o que conseguiram em 30 anos. Estes produtores, cujas pequenas parcelas têm de 0,8 a 2 hectares cada uma, realizaram seu sonho de vender seu café orgânico diretamente aos consumidores.

Poucos têm transitado por essa via e conseguido tanto. Em uma indústria na qual a renda depende de duas variáveis incontroláveis — condições climáticas e mercado — o êxito de La Selva é realmente incrível e não tem passado despercebido. Em 2006, La Selva recebeu da Schwab Foundation for Social Entrepreneurship, de Genebra, o Prêmio por Empresa Social do Ano, "em reconhecimento à inovação social na busca do alívio da pobreza, zelo empreendedor e coragem de transcender práticas tradicionais". Em 2002, o World Resources Institute, de Washington, D.C., concedeu a La Selva seu prêmio "Novos Empreendimentos" para organizações que "promovem o crescimento sustentável mediante a aceleração da transferência de capital a empresas que geram benefícios sociais e ambientais na base da pirâmide econômica". No mesmo ano, La Selva foi finalista do Prêmio Equatorial das Nações Unidas em reconhecimento dos esforços extraordinários para reduzir a pobreza mediante a preservação da biodiversidade, um lembrete da importância do cultivo orgânico para nosso meio ambiente compartilhado.

La Selva teve início no fim da década de 1970, quando quatro comunidades agrícolas — Cruz del Rosario, Nuevo Momón, Nuevo Monte Cristo e Flor del Rio — uniram forças e criaram uma confederação

para representar seus interesses: a Unión de Ejidos La Selva. Cada comunidade tinha sua propriedade como ejido [terreno]. Esta forma de propriedade, que data do México pré-colombiano, foi incorporada na legislação aprovada depois da revolução de 1910, segundo a qual o Governo mexicano deveria ceder extensões de terra a grupos de 20 a 200 camponeses que tivessem título das mesmas e fossem proprietários como grupo. Por mais de 80 anos, um *ejidatario* não podia arrendar, vender ou hipotecar seu interesse na terra, mas podia passá-lo à esposa, filhos ou outros parentes. Em 1992, estas leis foram mudadas para permitir a propriedade privada, incluindo a de não *ejidatarios*.

No início da década de 1990, David Bray, Representante da IAF para o México, decidiu apostar na proposta de La Selva para ajudar seus membros a cultivar mais e melhor café mediante a aplicação de práticas coerentes com o uso responsável de recursos naturais. O plano era capacitar 1.000 produtores membros em métodos orgânicos que eles introduziriam em 1.000 hectares de cafezais. A expectativa era que a tecnologia adotada agregasse valor aos grãos, porque o café seria certificado como orgânico e se qualificaria a um nicho mais lucrativo no mercado internacional. Quando esta entrada no mercado orgânico não produziu tanta renda como se esperava, La Selva concentrou-se em agregar mais valor mediante um controle de qualidade mais estrito e torrando o café vendido localmente. Surgiram mais tarde os Cafés, cujos proprietários concordaram em vender exclusivamente a marca La Selva e utilizar seu logotipo. Em 2009 venderam mais de 395.000 quilos de café La Selva.

Desde meu primeiro encontro com os cafeicultores de La Selva em 1990, como encarregada de estudos especiais da IAF, com frequência minhas viagens me têm trazido de volata a Chiapas. Em cada ocasião, minha curiosidade me faz recorrer a José Juárez Varela, diretor de planejamento de La Selva. Em minhas visitas quase não mencionamos o passado, uma vez que sempre há algo novo. Quando fiz uma visita em dezembro de 2009 para participar da comemoração do 30º aniversário de La Selva, José começou dizendo que La Selva faria alguns reajustes importantes. "Esperamos que em algum momento no início de 2010 tenhamos uma nova estratégia de comercialização atualizando os cafés-restaurante e melhorando os produtos que se servem com o café", disse.

O café termina em nossa xícara depois de passar do cultivador ao intermediário, ao processador, ao exportador, ao agente da companhia de café, ao distribuidor ao mercado ou ao café-restaurante. Com exceção do café vendido no mercado de comércio justo, La Selva chegou à integração vertical total de sua empresa, eliminando o intermediário e controlando todas as fases da produção, exportação e torragem. Segundo José, o novo plano inclui uma ramificação para a venda direta

José Juárez Varela, direitor de planejamiento de La Selva, flanqueado por trabalhadores do Café.

a restaurantes e estabelecimentos comerciais especializados, serviço de alimento para hospitais e outras instituições e possivelmente supermercados. A esperança é que dentro de três anos La Selva tenha 35 novos pontos de venda — quiosques ou bares-café — e que os cafés tenham afiado suas arestas competitivas em um mercado saturado.

O caminho ao 30° aniversário foi repleto de obstáculos, mas La Selva perseverou. O número de 1.090 membros tem permanecido bastante estável e a produção tem crescido de forma contínua, com uma média de 1.897 hectares de cultivo orgânico e uma média anual de vendas de mais de 862.000 quilos de café. La Selva fatura mais de US$2 milhões por ano. Mas o que isso significa para os cafeicultores? Os corretores do café nos países consumidores recusam-se a trabalhar com a Organização Internacional do Café para reinstalar os controles que aumentariam os preços para refletir os verdadeiros custos para o cafeicultor de café orgânico. Embora o café certificado como de comércio justo ou orgânico mereça lugar de destaque, pouco resta aos cafeicultores depois de deduzidos os custos operacionais de La Selva. Mas se a renda é pequena, tem sido constante e isso é importante para os membros de La Selva.

A vida é dura para os camponeses no México e em 2007 o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) classificou Chiapas como o último entre os 31 Estados mexicanos e o Distrito Federal no tocante à expectativa de vida, nível educacional e renda. No entanto, em duas das comunidades fundadoras de La Selva — Nuevo Momón e Cruz del Rosario — percebi sinais de melhores condições de vida em comparação com 20 anos atrás. A melhoria mais evidente é a estrada pavimentada de Las Margaritas a Cruz del Rosario e além, reduzindo um viagem de quatro ou cinco horas a uma hora. Ao longo da estrada há lembranças da presença zapatista. As placas advertem os viajantes que entraram em seu território — território que outrora pertencera a membros de La Selva, entre outros forçados a deixar suas casas. Alguns desses deslocados começaram novamente em comunidades longínquas, ao passo que outros esperam

Ellen Contreras Murphy

regressar à terra na qual produziam o café orgânico e que agora os zapatistas colhem para a venda. O levantamento do Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN) no dia de Ano Novo de 1994 não tomou os membros de La Selva totalmente de surpresa, como ocorreu com o restante do mundo. O que os surpreendeu foi o número de vizinhos que se uniram aos zapatistas, estimado em até 50% dos residentes das comunidades vizinhas. La Selva aguenta uma paz inquieta com o EZLN. Recentemente os esforços para manter uma posição de neutralidade foram levados aos limites extremos quando em 2008 o EZLN propôs um boicote a La Selva e seus produtos. La Selva não informou a respeito de impacto, mas a tensão persiste.

Em Cruz del Rosario eu me reuni com o presidente fundador de La Selva, dom Arturo Jiménez, que serviu a organização na maior parte dos últimos 30 anos, oficial e extraoficialmente, nos momentos bons e maus. Foi ele que teve a visão e convenceu os outros *ejidatarios* de que poderiam comercializar juntos seu café e melhorar sua vida. Foi ele, juntamente com alguns poucos, que acompanhou o primeiro carregamento de café a Veracruz. E foi dom Arturo que pessoalmente visitou cada membro para explicar como foi roubada uma parte do carregamento. A cara sorridente de dom Arturo tem as marcas de seu sacrifício por La Selva. É o líder carismático consumado, um de apenas dois que encontrei em meus 20 anos de trabalho no México. Liderar La Selva significou dedicar a maior parte de sua vida às custas da esposa e oito filhos, algo pelo qual nunca poderá ser devidamente compensado. Neste aspecto, sua família também se sacrificou. Dom Arturo é o narrador clássico e eu ficava fascinada por sua voz e suas palavras. "Nunca estive só. Sempre tive companheiros que tinham fé e confiança em mim", disse sobre sua parte na longa jornada de La Selva. Essa fé e confiança repetem-se na relação entre

dom Arturo e os atuais dirigentes de La Selva. Ele está pronto a passar a segundo plano e contente em deixar que eles guiem La Selva. A nova geração é 20 anos mais jovem, são os filhos de seus companheiros. Um dos filhos do próprio dom Arturo, José Bersabel Jiménez López, está a cargo de controle de qualidade e vendas. "Eu me lembro quando se dizia que éramos comunistas, porque queríamos unir-nos em solidariedade para benefício de todos nossos membros!" recorda dom Arturo.

Ellen Contreras Murphy

Ernestina López de Jiménez e Arturo Jiménez.

"No início era difícil fazer as pessoas compreenderem que poderíamos conseguir mais se estivéssemos organizados e unidos".

De fato, La Selva encontrou muitos desafios em 30 anos, mas nenhum mais assustador do que a perda de sua condição de comércio justo em 2000, depois de não poder entregar o café requerido por contrato. Para complicar ainda mais a situação, La Selva não podia devolver ao comprador o pagamento adiantado. A isto seguiram-se graves conflitos na organização; pessoal-chave e diversas comunidades saíram. La Selva voltou a funcionar no segundo semestre de 2000, mas os dois anos seguintes foram difíceis. "A comunidade do café pensou que estávamos acabados", explicou dom Arturo. Mas a tradicional solidariedade continuou firme. Antigos membros cerraram fileiras com os líderes, reconhecendo a falta de perícia em negócios e gestão financeira como a causa do fracasso. José Juárez e dom Arturo trabalharam arduamente e viajaram à Alemanha para desenvolver novas relações. A nova Organização Internacional do Rótulo Justo (FLO), que substituíra a Organização de Comércio Justo, era diferente de seu predecessor em diversos aspectos e a reentrada foi difícil. Mas La Selva manteve-se firme e foi readmitida oficialmente pela FLO em 2002.

La Selva aprendeu da odisseia e contratou gerentes e especialistas profissionais nas áreas em que reconhecia suas deficiências. Deu um passo muito grande ao separar legalmente sua missão solidária (Unión de Ejidos de La Selva) de seus empreendimentos comerciais (Unión de Sociedades de La Selva) e instituiu controles de gestão, incluindo assessores independentes. Alguns membros e o pessoal que se apartaram desenvolveram outra organização de café que agora presta serviços de intermediação. Outros utilizaram a perícia adquirida para iniciar pequenas empresas, gerando atividade econômica e oportunidades de emprego. Quanto ao pessoal e membros que saíram durante a crise de 2000, a lembrança continua a ser dolorosa. Em seu favor, eles reconhecem quanto ganharam de sua associação com La Selva.

Mais surpreendente é o fato de uma ruptura não ter ocorrido antes no desenvolvimento da organização. A experiência de La Selva talvez confirme o conceito de um nível ótimo de afiliação. Uma fratura poderia ter sido a consequência lógica de um hiato entre as gerações, dado o fato de haver membros novos e mais jovens menos ligados a antigas lealdades, noções de solidariedade ou afiliação religiosa ou política. E embora não seja a maior organização de cafeicultores do México — distinção que cabe à Coordinadora Estatal de Productores de Café de Oaxaca (CEPCO) — La Selva é certamente

uma das mais complexas. A união de *ejidos* é basicamente uma hierarquia em cima de outras hierarquias, cada qual com políticas próprias. Felizmente, os procedimentos de governança dos *ejidos* são uniformes, conforme determina a Lei Agrária.

A crise de 2.000 obrigou La Selva a reexaminar seus níveis de produção — o aspecto mais técnico na cadeia de fornecimento. As crescentes taxas atuais de produção de oito a *12 quintales* ou sacos de 69 quilos por hectare significariam substituir muitas plantas de café que se aproximam de 30 anos de idade e passaram sua plenitude. O cafezal de cada membro está sendo examinado como base para elaborar um plano que aumente a produção de café, ao mesmo tempo reduzindo ao mínimo as perdas. Compreensivelmente, os afiliados hesitam em começar o processo de substituição, porque as plantas de café precisam de diversos anos para amadurecer o suficiente para produzir uma colheita aceitável. A crise também obrigou La Selva a reconhecer que a comunicação de métodos sofisticados utilizados para estabelecer preços, cronogramas de pagamento, cotas de produção e requisitos de contrato continua sendo um desafio. Uma compreensão insuficiente destes complicados aspectos do ramo gera dúvidas que inibem os cafeicultores

José Bersabel Jiménez López.

a entregar uma colheita completa. É fundamental para as operações que os afiliados entendam que, se não cumprirem seu compromisso, todos sofrerão as consequências. Mas inclusive quando compreendem que o comércio justo e outras certificações produzem melhores preços, alguns membros se agarram a uma parcela da colheita como proteção contra uma emergência financeira. E se os preços caem, alguns são de opinião que na necessidade podem deixar de lado seus cafezais e vender o café não certificado a um "coiote".

Assumem um papel ainda na equação produtiva os efeitos da mudança climática global. Entre as mudanças importantes nos padrões climáticos reportadas pelos cafeicultores figura a excessiva quantidade de dias nublados que inibem o florescimento e, ao mesmo tempo, aumentam os efeitos da sombra, causando doenças; e o excesso de chuvas que caem demasiadamente tarde na estação, golpeando as castigadas flores de café que precedem os grãos. Há também registros de severas geadas que matam os botões em meio desenvolvimento em dezembro. As árvores umbráticas inga e chalum estão morrendo por causas ainda não explicadas, uma história muito conhecida que ressoa como um eco do que acontece com as florestas de pinheiros nas Rocky Mountains dos Estados Unidos. As temperaturas mais elevadas têm seu maior impacto nos cafezais de 400 a 600 metros

Ellen Contreras Murphy

Elías Gómez Méndez e José René Hérnandez, atual presidente de La Selva.

acima do nível do mar. Muitos produtores nas planícies têm abandonado seus cafezais inutilizados nessas altitudes, optando por procurar emprego em lugares distantes como os Estados Unidos. A tendência é piorar à medida que as temperaturas continuam a atingir novos extremos.

La Selva comemorou seu 30º aniversário organizando um fórum de três dias em Comitán. O tema "Café, Saúde e Sustentabilidade" reuniu seus membros com diversos expositores e outros que acompanham La Selva há 30 anos. Foi uma oportunidade para vender aos afiliados a nova estratégia de expansão e os líderes de La Selva tinham as mãos cheias com essa tarefa. Entre os camponeses inquietos não acostumados a ficar sentados tanto tempo estava Elías Gómez Méndez, cujo cafezal de três hectares estava a 1.400 metros sobre o nível do mar em Tzajalchén, onde são produzidas algumas das maiores colheitas do melhor café de Chiapas. Elías, que em média colhe cerca de 40 sacas de café por ano, tinha declarado claramente sua fé na liderança de La Selva, quando conversamos no dia anterior. "Somos 35 produtores nesta comunidade, mas nem todos somos membros de La Selva," disse em seu espanhol com sotaque tzeltal. "Aqueles que são têm se dado bem. Temos visto problemas na organização, mas nada exagerado. A organização nos oferece vantagens. Alguns também pertencem a outras organizações e isso também é bom. Mas não discutimos estas diferenças, porque não somos um partido político. O trabalho é algo individual".

O fórum proporcionou informações que os membros de La Selva devem considerar e compreender para a integração vertical ter êxito. Atualizou-os sobre a pesquisa de mercado e os desafios para os bares-café e restaurantes-café e lhe explicou a arte de catar [*cupping*] com a qual os peritos julgam o café. Incluiu também informações sobre os benefícios para a saúde que a bebida pode oferecer, como antecedente para o novo acordo com Voyava Republic, Ltd., com sede no Texas, para aprender a aplicar a tecnologia requerida a fim de fortificar o café com cálcio, ferro e, algum dia, ácido fólico. No ano passado, mediante um convênio especial de licença com a Voyava, La Selva vendeu 3 milhões de pacotes de oito xícaras de café fortificado com vitaminas ao governo de Chiapas para serem distribuídos às famílias em todo o estado. O governo desejava associar-se à La Selva neste enfoque novo para enfrentar as deficiências nutricionais tão comuns em Chiapas. Prevê-se que o contrato deste ano requeira 9 milhões de pacotes. Representantes de outros cinco estados interessados em contratos semelhantes estavam presentes no fórum e La Selva iniciou conversações com representantes de outros países sobre este produto, um início promissor em um novo mercado importante.

Tal como outras organizações de café, La Selva ficou à deriva quando o Governo mexicano se retirou da coordenação e controle da indústria do café na primeira parte da década de 1990. "Náufragos em um mar de tubarões" foi como Luís Hernández Navarro descreveu as entidades náufragas em seu artigo de 1991 publicado em *Cafetaleros: La Construcción de la Autonomia*. Mas La Selva sobreviveu. Há 30 anos tem feito o que precisa fazer para melhorar a qualidade de vida de seus membros. A jornada de La Selva tem levado seus líderes por todo o mundo em busca de novos mercados e parceiros para vender seu café. Além de clientes internacionais que pagam melhor preço do que o vigente no México, os membros se têm beneficiado da pressão de La Selva sobre as autoridades locais para conseguir melhores estradas e escolas, bem como programas de capacitação. Recentemente acolheram com satisfação o desenvolvi-

mento de um currículo do café para escolas de ensino médio de Comitán, o que poderia proporcionar a seus filhos as aptidões técnicas e outros conhecimentos necessários para melhorar todos os aspectos da empresa e manter La Selva viável. Mais importante ainda, La Selva tem oferecido a seus membros, como explicava José Juárez, "a representação social que lhes dá uma voz e uma identidade que lhes permite trabalhar com o governo e o restante da sociedade".

A história de La Selva bem pode oferecer um dos melhores exemplos da luta de uma organização pela sobrevivência. Conforme indicou dom Arturo, seus membros não estão sós neste caminho. "Essencial para este processo foi a visão de assessores como José Juárez, um agrônomo que captou o potencial do café orgânico como catalítico para organizar pequenos produtores e teve a paciência e a aptidão para transformar isso em realidade", escreveu David Bray em "A Bird in a Cup" [um pássaro em uma xícara] (*Orion Afield*, inverno, 1999/2000). "José e sua equipe criaram um modelo autenticamente mexicano de desenvolvimento de base sustentável". O café orgânico tem sido bom para La Selva e a jornada ainda não terminou. Como qualquer outro organismo, a Unión de Ejidos La Selva precisa continuar a adaptar-se ou perecerá.

Ellen Contreras Murphy é coordenadora do Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos para o Programa do México da Lei de Conservação de Terras Úmidas da América do Norte. De 1987 a 1996 trabalhou no Escritório de Aprendizagem e Divulgação da IAF. Seu artigo "La Selva e a atração magnética dos mercados: O cultivo orgânico do café no México" foi publicado em Desenvolvimento de Base *em 1995 (Vol. 10/1).*

O desafio zapatista e a comunidade de base

De Kathryn Smith Pyle e Marcy Kelley

As calçadas de ladrilho de San Cristóbal de las Casas, Chiapas, gastas e lisas pelos séculos de uso, são parte do encanto desta cidade colonial do sul do México, mas contam uma história especial. São tão apertadas em algumas partes que se duas pessoas se encontrarem, uma delas precisa descer para a rua, 30 centímetros mais abaixo, para permitir que a outra continue seu caminho. Durante séculos, as regras eram claras: os índios chiapanecos deviam dar passagem na calçada a qualquer pessoa de óbvia ascendência europeia. Esta prática foi proibida na década de 1970, mas a lembrança dessa humilhação diária perdura entre os choles, tzeltales, tzotziles, mames e tojolabales, descendentes dos habitantes maias originais de Chiapas, os quais constituem quase 30% da população do estado.

San Cristóbal de las Casas.

O deslocamento dos indígenas mexicanos de suas terras e a destruição de sua cultura começaram durante o governo colonial e continuaram até fins do século XX, acentuados pela exploração econômica e política. Comunidades inteiras viram-se forçadas a penetrar cada vez mais a fundo nos planaltos menos aráveis, longe de estradas e mercados. A degradação ambiental seguiu-se ao desmatamento das florestas. Os programas de reforma agrária produziram resultados desiguais; a escritura de títulos assegurava as terras comunais, mas não abordava o problema da menor produção que forçava a migração sazonal dos camponeses em busca de trabalho ou seu abandono permanente de Chiapas, acrescentando a desintegração da família a uma longa lista de pressões que sofriam seus cidadãos indígenas.

O Congresso Indígena de 1974, um evento sem precedentes organizado pela Igreja Católica com o apoio da IAF, reuniu os representantes dos povos indígenas de todo o estado de Chiapas com o objetivo de refletir sobre seu patrimônio cultural e falar do problema da terra. Isso deu lugar à criação de organizações de base e não governamentais dedicadas a promover a justiça social e aliviar a pobreza. Posteriormente, reprimidas pelo governo, muitas continuavam a existir em forma clandestina. Mas no início da década de 1990 a ideia da inclusão como elemento essencial da democracia se estava difundindo por todo o México, incentivando o desenvolvimento da sociedade civil e dando validez às aspirações indígenas expressas no congresso.

Em 1º de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN) lançou uma ofensiva armada contra o governo mexicano em Chiapas. O EZLN, conhecido como "zapatistas" ou, mais coloquialmente, El Zeta, invocava Emiliano Zapata, herói da Revolução Mexicana, e sua insistência no direito dos sem-terra a uma propriedade adequada. Os zapatistas, com cerca de 3.000 combatentes e líderes mascarados que receberam extensa cobertura na mídia internacional, exigiam direitos para os indígenas e o fim da discriminação no trabalho, na educação e na vida diária. Naquele Dia de Ano Novo os zapatistas enfrentaram a polícia em San Cristóbal e capturaram várias outras cidades. O exército mexicano contra-atacou, obrigando a retirada dos zapatistas e, em 12 de janeiro, a Igreja Católica intermediou um cessar-fogo. A violência esporádica continuou nos anos seguintes, mas o conflito passou a ser principalmente uma disputa de natureza social, política e econômica, sendo um ponto-chave o acesso às terras.

Com o tempo, os zapatistas retiraram-se para bases situadas nos arredores de Chiapas, algumas delas enclaves com escolas e outras instituições, onde seus seguidores ainda vivem e trabalham. O governo continua a manter uma presença militar muito visível na zona. As negociações entre os dois grupos culminaram em 1996 nos Acordos de San Andrés, que tomaram o nome da cidade de Chiapas onde foram celebrados. Os Acordos concediam autonomia, reconhecimento e certos direitos aos indígenas mexicanos. Embora suas disposições nunca tenham sido postas plenamente em vigor, com base em seu teor e no investimento na infraestrutura em Chiapas por parte do governo, pode-se inferir o atendimento das exigências do EZLN, o que inicialmente conseguiu para os zapatistas o apoio popular. Os Acordos também foram uma inspiração para as ONGs e organizações de base. Como conseguiram as próprias negociações com os zapatistas e como a IAF respondeu às oportunidades e obstáculos que a situação apresentava constitui uma história ainda em evolução.

Mark Caicedo

Marcy Kelley

Tecelãs de Pantelho, agora organizadas como MUINARPA, un donatário da IAF.

Nos anos anteriores ao levantamento, Chiapas era uma prioridade para a IAF, em parte por sua extrema pobreza, mas também devido ao potencial econômico do excelente café orgânico da zona e a uma sólida base de cooperativas. A doação de 1989 da IAF à Asociación Rural de Interés Colectivo, Unión de Uniones Histórica (ARIC UUH) ilustra o interesse no café e as complexidades do contexto. Com sede em Ocosingo, uma cidade posteriormente tomada pelos zapatistas, a ARIC UUH surgiu do Congresso Indígena. Trabalhou com mais de 5.000 camponeses para melhorar as plantas, fazer a transição para a produção orgânica, processar grãos e abrir mercados. Dado seu êxito, David Bray, naquela época Representante da IAF para o México, previa a solicitação de uma segunda rodada de financiamento. Mas ao serem sentidos os primeiros ecos de um levantamento, a ARIC UUH decidiu não apresentar outra proposta. No entanto, os camponeses membros da Unión de Ejidos de la Selva, que se tinham beneficiado da doação recebida pela ARIC UUH, queriam que a assistência técnica continuasse e, em 1993, solicitaram e receberam a própria doação. As realizações notáveis de La Selva são descritas no artigo de Ellen Murphy que figura na página 20.

Segundo John Burstein, fluente no idioma tzotzil e contratado pela IAF para concentrar-se em Chiapas de 1992 a 1996, a IAF e seus donatários mantiveram comunicações estreitas durante todo o período zapatista. Mas ao se intensificar o debate ideológico, as organizações de base de Chiapas percebiam que seus membros estavam cada vez mais em lados opostos. De 1997 a 2007, a IAF concentrou-se em outras zonas do México e financiou apenas um projeto em Chiapas. Nesse ínterim, dezenas de grupos diversificados surgiram como resultado direto do levantamento. Alguns eram a favor dos zapatistas e outros não, mas todos foram influenciados pelos ideais e métodos dos zapatistas, por sua mensagem de mudança e os recursos que atraíam. “Em certo sentido, 1994 estimulou os dirigentes locais”, disse um membro do pessoal de uma ONG. “As novas organizações nos deram a oportunidade de desenvolver aptidões. Agora, alguns de nós utilizamos essas aptidões em projetos governamentais formulados em resposta às exigências dos zapatistas”.

Em 2007, a IAF examinou novamente Chiapas. A situação política estava estabilizada; os índices de pobreza eram significativos; e boas propostas de todo o estado eram uma mostra da existência de uma extensa infraestrutura de organizações sólidas. Nos dois anos

subsequentes, a IAF financiou seis projetos novos, nenhum com enfoque no café. Os novos donatários são todos sobreviventes das lealdades ambíguas e percepções em evolução da era em que os grupos surgiram, se consolidaram ou se desintegraram penosamente. Se, por um lado, são cautelosos quanto a revelar as antigas afiliações, mostram orgulho evidente em sua independência e valores culturais. Os donatários descritos neste artigo são representativos de outros que se adaptaram com êxito a um contexto dinâmico.

As tecelãs tomam a iniciativa

A rica tradição da tecelagem de Chiapas foi notavelmente influenciada por autoridades externas, começando com a Igreja Católica que há séculos designou um desenho a cada grupo étnico. Mais recentemente, o Instituto Nacional Indigenista (INI) do Governo mexicano encarregou-se da comercialização para os grupos de artesãos. Em 2003 o INI foi reorganizado, passando a ser a Comissão para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas (CDI); seu trabalho com artesãos foca a capacitação e a assistência técnica.

Antes do levantamento zapatista, a cidade de Pantelhó contava com uma associação informal de tecelãs que tinham trabalhado juntas durante cinco anos na produção de têxteis vermelhos e brancos para atender aos pedidos do INI e vender no mercado local. Algumas apoiaram os zapatistas desde o início, inspiradas por sua visão de direitos da mulher e autonomia indígena, o que, para algumas tecelãs, sugeria ficar independente do INI. O debate político sobre o zapatismo dividiu a associação e 52 tecelãs retiraram-se para formar a organização Mujeres Indígenas Artesanas de Pantelhó (MUINARPA) e continuar a trabalhar com o INI. Agora constituída como CDI, passou as atividades às mãos das tecelãs juntamente com a comercialização de almofadas, colchas e blusas que produzem com seus tecidos característicos para postos de venda de primeira categoria na Cidade do México. As mulheres tinham interesse em ampliar seu negócio e, após inteirar-se da existência da IAF por um trabalhador da CDI cujas sobrinhas eram membros da MUINARPA, começaram a articular suas necessidades em uma proposta bem formulada. O seu primeiro desembolso destinou-se à apresentação da solicitação para constituir legalmente a MUINARPA como entidade sem fins lucrativos. Além disso, a doação

Mark Caicedo

Outras tecelãs de Pantelhó, agora afiliadas a Jolom Mayaetik, o qual trabalha com K'inal Antsetik, donatáro da IAF.

Verónica Gómez Gonzáles.

forneceu o capital necessário para aumentar a produção e comprar uma oficina para as tecelãs trabalharem sob um teto em caso de mau tempo. Embora só uma tecelã da MUINARPA falasse espanhol e soubesse ler e escrever, a MUINARPA cumpriu plenamente os requisitos da IAF relativos à apresentação de relatórios. As tecelãs aumentaram a sua produção e abriram novos mercados.

Com o tempo, as outras tecelãs da associação original de Pantelhó abandonaram sua postura pró-zapatista. Afiliaram-se à Jolom Mayaetik, uma cooperativa cujas tecelãs também estavam desiludidas como os membros de Japas Soloviletik, uma cooperativa fundada em 1984. A Japas Soloviletik, constituída por 1.000 tecelãs, inicialmente tinha acolhido a mensagem zapatista de autonomia, autossuficiência e direitos civis e econômicos. A convite dos zapatistas, a Japas Soloviletik construiu um local de trabalho no território controlado pelos zapatistas. Esta ação deu lugar a assédio, inclusive ameaças de morte, e o novo local de trabalho foi saqueado, documentos foram roubados e tecidos destruídos. Os autores do crime nunca foram identificados. Em uma curiosa volta de acontecimentos, alguns dirigentes zapatistas puseram em dúvida se a estrutura tinha sido oficialmente autorizada e como a cooperativa funcionaria com relação à sua hierarquia. Posteriormente ordenaram que a cooperativa desmantelasse o local de trabalho, o que as tecelãs fizeram, tábua por tábua.

Este conflito foi um elemento-chave da rejeição da retórica zapatista por parte de muitas tecelãs da Japas Soloviletik. “É muito difícil para uma cooperativa ser patrocinada por uma estrutura militar”, explicou uma tecelã. “Os objetivos e as atividades são completamente diferentes, embora a visão seja a mesma: desenvolvimento econômico, renovação cultural, reforma agrária e o fim da discriminação”. Em 1995, um punhado de tecelãs retiraram a parte que lhes correspondia dos bens da cooperativa e criaram a Jolom Mayaetik, cujo número de membros se elevou a 240 artesãs. Reconstruíram também seu local de trabalho em um prédio de propriedade da K’inal Antsetik, donatária da IAF cujo nome significa “terra de mulheres” em tzeltal. A K’inal Antsetik está ajudando diversas cooperativas a desenvolver aptidões administrativas, formular estratégias de comercialização e criar desenhos. Trabalha em áreas com antecedentes de violência, discriminação, migração e conflito político e religioso e uma forte presença militar devido ao tráfico de drogas, armas e pessoas. Apesar destas dificuldades e da necessidade de navegar por comunidades com uma presença zapatista contínua, a K’inal Antsetik está determinada a apoiar as cooperativas em seu empenho em serem empresas bem-sucedidas.

Opção pela agricultura orgânica

O interesse zapatista na terra e nos direitos indígenas ressoou em Chiapas. “Os camponeses tinham sido duramente explorados pelos proprietários das plantações”, explicou Manuel Cruz Guzmán, que trabalha para o Centro de Formación Integral para Promotores Indígenas (CEFIPI) e cujo pai tinha participado do Congresso Indígena de 1974. “Eles tinham sido expulsos de suas terras tradicionais, mas em seguida recrutados para trabalhar nessas mesmas terras com um salário escravo”. Nos meses seguintes à rebelião, grupos de camponeses e ativistas, sob a direção dos zapatistas, apoderaram-se de centenas de propriedades agrícolas para serem redistribuídas, em uma tentativa, às vezes violenta, de reparação. O CEFIPI tinha resolvido manter-se neutro e, em colaboração com a Igreja Católica, facilitou a negociação entre as partes. A neutralidade era difícil, mas, como recordou Cruz Guzmán, “trabalhamos com o governo para facilitar a compra de terras”. Em 1994 e 1995, 1.200 famílias pobres adquiriram assim 15.800 hectares — embora insuficiente para ganhar a vida decentemente, acrescentou Cruz Guzmán.

Com sede no município de Chilón, a três horas de carro ao norte de San Cristóbal e com raízes na Igreja Católica, o CEFIPI dedica-se a promover a agricultura orgânica em 13 comunidades tzeltale e chole dispersas

Manuela Cruz trabalha com o CEFIPI, donatário da IAF.

Mark Caicedo

pelas montanhas, uma região que os zapatistas dominaram e afetaram profundamente. Após o levantamento, os zapatistas visitaram a zona com frequência, ajudando os residentes a reconstruir sua história, em particular sua relação com a terra. "Nosso povo sempre tinha vivido aqui", disse um residente de uma comunidade envolvida no movimento zapatista. "Considerávamos a terra como nossa, mas fomos expulsos, especialmente das melhores terras. Por isso, quando El Zeta nos falou sobre a terra, nós escutamos. A maioria deles eram indígenas como nós, por isso nos identificamos com eles. Pensamos que podiam ajudar-nos".

A agricultura orgânica inclui a vermicultura.

Com o tempo, os residentes chegaram à conclusão de que a estratégia zapatista era demasiado difícil e o benefício previsto duvidoso. Um deles explicou: "A Igreja já estava aqui e preferíamos continuar com ela". Distanciar-se dos zapatistas foi simples e os residentes insistem em que não sentem rancor algum contra os zapatistas que permanecem na zona. "El Zeta introduziu a questão da terra e nos recordou seu valor", disse uma mulher. "Não participamos das invasões agrárias e, por conseguinte, não conseguimos melhores terras. Mas somos tzeltal, vivemos aqui desde sempre. Estamos mais preocupados em utilizar a terra que temos. Devemos aprender mais sobre as técnicas orgânicas, necessitamos capacitação".

Durante anos, o CEFIPI se tem concentrado no desenvolvimento que incorpora a cultura, a experiência e os conhecimentos indígenas e já capacitou mais de 300 indígenas chiapanecos para serem "protetores da terra". Uma doação da IAF em 2008 ampliou o programa do CEFIPI a 3.600 pessoas em sete municípios. Os residentes de uma comunidade observam com orgulho que seu território inclui as ruínas de Palenque, cidade-estado maia, e está no Corredor Biológico Mesoamericano, a maior extensão de floresta virgem do Hemisfério depois do Amazonas. O CEFIPI espera que os camponeses melhorem a produção e, com o tempo, tenham acesso a um novo mercado regional regido por princípios de comércio justo. Está também ensinando as mulheres a preparar cereais orgânicos atualmente cultivados pelos camponeses, para elaborar um suplemento nutricional destinado às crianças.

Cruz Guzmán considera como positivo o impacto do período que começou com o levantamento zapatista. "As ONGs são mais fortes, mas também precisam estar mais bem preparadas para abordar problemas complexos bem mais numerosos, tais como a migração, que requerem que trabalhemos em conjunto", observou. "E o povo conhece seus direitos. Já não há discriminação nas calçadas de San Cristóbal. Essas coisas já estavam mudando quando chegaram os zapatistas. Mas, sem dúvida, em 1994 reforçaram o que estava acontecendo".

Kathryn Smith Pyle, ex-funcionária da IAF, está preparando um documentário sobre as crianças salvadorenhas que desapareceram durante a guerra. Marcy Kelley, ex-Representante da IAF para o México, é atualmente Representante para a Costa Rica e o Panamá.

Verónica Fernández de Castro e Esther Cova, do quadro de pessoal do CEFIPI, ensinam Angélica Silvano e Rebeca Morales a preparar cereais orgânicos para elaborar um suplemento nutricional.

Desafiando suposições:

Deficiência psiquiátrica e desenvolvimento de base

De Eduardo Rodríguez-Frías

Miguel Sayago

Entre as pessoas com alguma deficiência, aquelas com afecções psiquiátricas são talvez as menos compreendidas. Muitas sofrem em silêncio, temerosas do ostracismo, do confinamento, do isolamento e da dependência associadas ao rótulo de doente mental. Por anos, o próprio tratamento foi objeto de controvérsia e escândalo. O ativismo social da década de 1960 incluiu o surgimento de um movimento antipsiquiátrico que denunciava as condições de hospícios, internações involuntárias e métodos coercitivos e, em sua manifestação mais extrema, questionava a própria validez da psiquiatria e seus diagnósticos.

A IAF acha que sua missão abrange a inclusão dos deficientes no processo de desenvolvimento, e em 1972, um ano após lançar seu programa de doações, concedeu a primeira para financiar uma conferência sobre direitos das pessoas com deficiência. Desde então, suas doações têm apoiado esforços na América Latina e no Caribe para reabilitar pessoas com deficiências físicas, sensoriais e cognitivas; capacitá-las e encorajá-las em seus empreendimentos e educar o público a respeito das habilidades e desafios que elas enfrentam. Porém, os exemplos de doações para pessoas com deficiências psiquiátricas ou psicossociais são muito mais escassos. Há alguns anos, examinando quatro décadas de arquivos, encontrei um que documentava o trabalho da Fundación Granja Taller de Asistencia Colombiana (FUNGRATA), donatário de 1987 que proporcionava uma alternativa aos hospitais psiquiátricos para colombianos indigentes com esquizofrenia; separei-o, e ficou em minha prateleira por alguns anos à espera de maior pesquisa. Depois, em 2006, quando a IAF financiou a Asociación Pro Derechos Humanos (APRODEH), que propunha organizar os peruanos com deficiências psicossociais, decidi aprender mais sobre o modo como as organizações de base se relacionam com tais indivíduos.

Desconstruindo uma jaula dourada

O Dr. Alberto Fergusson, psiquiatra colombiano, fundou a FUNGRATA. Em novembro de 2009, me sentei com ele em sua casa de Bogotá para escutar a história desta singular organização. Há mais de 27 anos, a FUNGRATA começou a trabalhar com os sem-teto conhecidos como "loucos da rua", que remexiam no lixo e pediam esmola nas ruas e calçadas de Bogotá. Os funcionários e voluntários da FUNGRATA conversavam com eles, os avaliavam e os incentivavam a ingressar num estabelecimento que lhes proporcionasse terapia, capacitação, emprego e recreação para que obtivessem o máximo nível possível de autonomia. Frequentemente, precisavam de várias sessões para superar o temor da internação, que muitos acreditavam que os deixaria definhando no buraco negro dos hospitais públicos. Os funcionários prometiam que qualquer um que buscasse tratamento com a FUNGRATA podia entrar e sair quando quisesse; 80% optaram por ficar em condições mais confortáveis que as da rua da capital colombiana.

Para informar o público sobre seu trabalho, a FUNGRATA encomendou um vídeo resumindo sua missão e métodos. Acostumado aos formatos digitais da atualidade, o Dr. Fergusson levou alguns minutos para descobrir como usar o antiquado aparelho de VHS. Depois de escutar um Dr. Fergusson mais jovem se referir à FUNGRATA no vídeo, meu anfitrião, um pouco mais grisalho, me explicou com entusiasmo o nascimento da organização. Desiludidos com os tratamentos existentes, ele e vários colegas propunham que a arte e o trabalho poderiam constituir uma terapia para esquizofrênicos, ideia apoiada pela pesquisa científica atual e, insistia ele, que remonta à antiguidade. Os antigos egípcios acreditavam que o trabalho físico ajudava a curar doenças mentais, de acordo com as descobertas arqueológicas. Em 1982, com fundos de um empréstimo a baixos juros do Banco da República da Colômbia, estes jovens psiquiatras compraram uma propriedade de 36 hectares nas redondezas da capital e começaram a utilizar a agricultura como terapia ocupacional. Ao ser perguntado, o Dr. Fergusson negou categoricamente que seus pontos de vista negativos sobre o tratamento convencional fossem antipsiquiátricos, esclarecendo que ele era "somente contra certos tipos de psiquiatria".

A princípio, a IAF se mostrou reticente em apoiar um projeto concentrado num segmento tão "estreito da população" e questionou sua viabilidade, mas este ceticismo foi superado. "A IAF apostou em nós quando era arriscado", recordou o Dr. Fergusson. "Nós realmente não tínhamos experiência, somente uma ideia". Quando a FUNGRATA recebeu sua doação da IAF, só duas entidades dos EUA ofereciam um enfoque similarmente progressista ao tratamento psiquiátrico. A FUNGRATA se referia a quem recebia tratamento como "estudante". O financiamento da IAF permitiu incluir na terapia ocupacional uma padaria e uma lavanderia, empregando estudantes que recebiam o salário mínimo. Como assalariados, aprendiam a manejar suas finanças e a se relacionar com pessoas de fora do círculo de terapeutas e outros estudantes. Alguns saíam do local para jantar com amigos ou ir ao cinema, preparando-se para assumir o controle de suas próprias vidas.

De acordo com o Dr. Fergusson, a doação da IAF foi o voto de confiança que a FUNGRATA necessitava para obter o apoio do Banco Interamericano de

Em 2002, o Dr. Fergusson e seus colegas começaram novamente a questionar suposições médicas, desta vez as próprias.

Desenvolvimento e outros doadores, que lhe permitiu funcionar por muitos anos. Um estudo independente sobre os métodos da FUNGRATA realizado por pesquisadores da Universidade de Yale no princípio da década de 1990 confirmou o valor deste tratamento para a esquizofrenia. Não curava os estudantes, mas os ajudava a se adaptarem a suas condições. Com o tempo, congressistas colombianos aprovaram legislação que citava o tratamento da FUNGRATA como modelo a ser aplicado em instituições psiquiátricas. Infelizmente, esta legislação nunca foi aplicada.

A lavanderia e a padaria da FUNGRATA geraram renda suficiente para cobrir os custos operacionais, mas não os custos da substituição dos equipamentos adquiridos com fundos da IAF. Os pequenos descontos dos salários dos estudantes estavam longe de cobrir seu alojamento e tratamento. O déficit levou a uma reavaliação dos métodos da FUNGRATA. Em 2002, o Dr. Fergusson e seus colegas começaram novamente a questionar suposições médicas, desta vez as próprias. Perceberam que os estudantes eram demasiado dependentes e que a FUNGRATA era apenas mais uma instituição, melhor que um pavilhão psiquiátrico, mas mesmo assim uma jaula dourada.

Miguel Sayago

Ao aumentarem as dificuldades e as dúvidas, decidiram fechar as instalações, liquidar seus ativos e investir os fundos numa nova organização: o Instituto de Autorehabilitación Acompañada (IAA). O decepcionante resultado da legislação aprovada fez com que a FUNGRATA praticamente abandonasse a tentativa de influir nas políticas nacionais; em vez disso, durante estes anos de transição, se concentrou em autoridades locais. Sopó, local da primeira propriedade da FUNGRATA, é um povoado de 20.000 habitantes a 50 quilômetros de Bogotá. Para aplicar sua nova visão do tratamento, o Dr. Fergusson convenceu o prefeito e outras autoridades municipais de Sopó de que as pessoas com deficiências psicossociais poderiam, com certa ajuda, se auto-reabilitar mediante participação na vida comunitária. Todo o povoado de Sopó serve agora como "estabelecimento" para mais de 300 estudantes do IAA, em sua maioria esquizofrênicos. O IAA ajuda os moradores a compreender a importância de integrar os estudantes em sua comunidade; os estudantes encontram empregadores dispostos a aceitá-los; uma equipe de 20 voluntários proporciona apoio psiquiátrico. O IAA também está assessorando o governo colombiano sobre ajuda a indivíduos traumatizados em resultado do violento conflito civil. Como herdeiro da FUNGRATA, o novo instituto continua o trabalho iniciado há duas décadas, mas num ambiente contemporâneo que os profissionais acham que fará com que os colombianos com deficiências psicossociais possam contribuir para suas comunidades.

Os alicerces para uma residência terapêutica

A história da relação da IAF com os direitos dos deficientes no Peru inclui seu apoio ao Primeiro Congresso Peruano pelos Direitos do Deficiente, em 1981. Considerado pelos ativistas peruanos como

um marco histórico, contou com a presença do presidente Fernando Belaunde Terry. Os organizadores, que haviam buscado apoio financeiro de doadores peruanos e internacionais, disseram: "só a Fundação Interamericana compreendeu a magnitude da tarefa que nos havíamos proposto, dando seu apoio financeiro e confiando em nós".

Henry, um jovem peruano que vive em San Martín de Porres, um distrito pobre de Lima, é muito provavelmente esquizofrênico e também sofre de episódios de depressão. Eu o conheci no ano passado em uma sessão para os 20 membros da Asociación de Usuarios de Salud Mental (ASUMEN), organização de base para pessoas com deficiência psicossocial formada com apoio da APRODEH, uma das mais antigas e respeitadas organizações de direitos humanos do Peru. Os peruanos que buscam tratamento não têm alternativas aos hospitais psiquiátricos; porém, mediante a APRODEH, Henry tomou conhecimento de uma residência terapêutica em Buenos Aires e desde então desejou algo similar no Peru. Criado numa família de artistas, ele imaginou um local idílico com emprego e oportunidades recreativas como passeios e até uma piscina. Ele espera que a ASUMEN converta isto em realidade.

A IAF tomou conhecimento do trabalho da APRODEH com pessoas com deficiências psicossociais graças a Mental Disability Rights International (MDRI), com sede em Washington, D.C. Eu havia entrado em contato com o diretor executivo do MDRI, Eric Rosenthal, e sua então coordenadora para a América Latina, Alison Hillman, em conferências sobre direitos de pessoas com deficiências em Washington e Nova York. MDRI expõe os abusos aos direitos humanos em instituições psiquiátricas em todo o mundo, documentando em vídeo e fotografia as pungentes circunstâncias, entre elas condições sanitárias terríveis, ociosidade atrofiante, aglomeração e o uso indevido de camisas-de-força, medicação e eletroconvulsoterapia. O relatório publicado por MDRI em 2004 sobre os hospitais mentais do Peru foi redigido em colaboração com a APRODEH.

No ciclo de 2005, a APRODEH solicitou à IAF uma doação significativa para atender os problemas enfrentados por pessoas com deficiências psicossociais. Dada a inexperiência da APRODEH com pessoas com deficiências, a IAF sugeriu que voltasse a apresentar algo mais manejável para ser considerado durante o seguinte ciclo. O projeto, mais austero, se concentrava em direitos humanos e no desenvolvimento de organizações novas

Na lavanderia de FUNGRATA.

e incipientes de usuários de serviços de saúde mental em quatro províncias, que, segundo a APRODEH, poderiam se beneficiar do processo descentralizado de orçamento que dá aos peruanos uma voz mais forte sobre a utilização dos recursos comunitários. Esta proposta revisada permitia que a APRODEH exibisse sua genuína reputação em direitos humanos, especificamente como participante do estudo da Comissão de Verdade e Reconciliação sobre o conflito entre as forças armadas do Peru, Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru.

Apesar destes antecedentes, a primeira incursão da APRODEH na área dos direitos de deficientes não foi fácil. A maioria dos grupos peruanos que defende os direitos das pessoas com deficiências psicossociais é dirigida pelos parentes e formada por hospitais psiquiátricos que aplicam um modelo médico que frequentemente se choca com um enfoque centrado nos direitos humanos. Estes parceiros esperavam que o donatário financiasse as medicações e, embora bem-intencionados, projetavam paternalismo ou condescendência para os "doentinhos". Alguns indivíduos das comunidades e hospitais consideravam a noção de organizar os esquizofrênicos, maníaco-depressivos e bipolares irresponsável e mesmo perigosa, como lhes dar armas de fogo. Os detratores acusaram a APRODEH de ser parte de um movimento radical antipsiquiatria. A organização, não tão competente quanto o Dr. Fergusson, não negou rapidamente as acusações.

Lentamente, a APRODEH aprendeu com seus erros. Contratou Ana Núñez, uma assistente social que soube aplicar sua experiência com deficientes físicos às pessoas com deficiências psicossociais. Pacientemente, a APRODEH persuadiu as famílias a permitir que os diagnosticados com alguma deficiência comparecessem a suas reuniões sem acompanhantes, uma meta que levou mais de dois anos para alcançarem em Huancayo. Contratou promotores comunitários em cada área geográfica que atendia, algo não previsto originalmente. Dos grupos da APRODEH, ASUMEN, em Lima, é o mais avançado. Eu fui testemunha dos desafios que Ana enfrenta moderando um encontro semanal que

Cortesía APRODEH

Desenho de Henrique criado em um estúdio da APRODEH com ASUMEN.

inclui arte, dança, dinâmica de grupo e conversação. Na primeira metade da sessão, Henry não respondia e se encurvava em sua cadeira, mas se animou e participou quando lhe foi dada a oportunidade de descrever sua residência terapêutica. Outros contaram suas experiências e expressaram a esperança de contar com uma organização global que promovesse seus direitos, ou simplesmente com um emprego estável.

Duas semanas antes de minha visita, três membros da ASUMEN haviam se reunido com representantes do Disability Rights Fund (DRF), com sede em Boston, que concede doações de até US$100.000 para a promoção dos direitos enumerados na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. A maioria das solicitações que o DRF recebe provém de grupos que representam pessoas com deficiências físicas ou sensoriais. Nessa época a ASUMEN era o único solicitante latino-americano que representava pessoas com deficiências psicossociais e o DRF estava disposto a assumir o risco com a nova organização. A doação do DRF financiará a capacitação para melhorar a administração da ASUMEN e materiais para seminários de conscientização sobre as necessidades desses peruanos.

Como donatário do DRF, a ASUMEN foi convidada a enviar representantes a um encontro de peruanos com deficiências em Miraflores, a 30 minutos de San Martín de Porres. Para os três representantes da ASUMEN, o encontro de Miraflores seria uma importante primeira oportunidade para advogar por sua organização. Inicialmente, os parentes objetaram a que viajassem sozinhos — embora se tratasse de uma curta distância — e que passassem a noite, citando situações potencialmente perigosas. Porém, o convite do DRF estava limitado a deficientes e, além disso, o doador desejava encorajar a independência. Nenhum dos temores dos parentes se materializou durante a curta estadia e não houve objeções quando os dirigentes da ASUMEN assistiram a uma reunião de acompanhamento com o DRF, que teve por resultado uma segunda doação. A APRODEH está promovendo a ASUMEN como modelo para o Peru. Enquanto isso, a própria APRODEH começou recentemente a enfocar a discriminação contra peruanos com deficiências físicas na área de emprego. A Ordem dos Advogados do Peru contatou a APRODEH em busca de orientação sobre direitos de deficientes.

As conquistas da FUNGRATA e da APRODEH exemplificam o potencial de iniciativas de base em favor de pessoas com deficiências psicossociais. A FUNGRATA ajudou quase 4.000 colombianos por quase duas décadas e uma geração de psiquiatras e assistentes sociais voluntários aprendeu o benefício de um tratamento digno. O Dr. Fergusson foi honrado com uma bolsa Ashoka e frequentemente explica a experiência da FUNGRATA em palestras em universidades e fóruns profissionais. Atualmente, assessora o governo do Distrito de Columbia a tratar da questão da doença mental entre os indigentes de Washington. Seu ponto de partida é o enfoque que desenvolveu com apoio da IAF, sediada na área metropolitana de Washington, fechando assim um círculo iniciado em 1987. Seu experimento na Colômbia continua evoluindo para fazer frente a novos desafios, a marca de uma experiência bem-sucedida no desenvolvimento de base. Talvez algum dia APRODEH e ASUMEN se orgulhem de tal histórico.

Cortesía DRF

Membros da ASUMEN dão as boas-vindas a Catalina Devandar (em primeiro plano, à esquerda) do Disability Rights Fund.

Eduardo Rodríguez-Frías tem a seu cargo o site da IAF e colabora com Desenvolvimento de Base *como redator e editor.*

Desastres e firmeza junto ao **lago Ilopango**

De Seth Micah Jesse

Fotos de Santiago Salinas

Em janeiro aconteceu algo improvável. Cinquenta representantes de donatários da IAF de El Salvador se reuniram em uma próspera piscicultura no lago Ilopango para captar ideias que pudessem servir-lhes. Cinco anos antes, muitos peritos teriam encerrado o capítulo sobre as comunidades do lago e seus planos de desenvolvimento. No entanto, entre 2005 e o presente, estes pescadores enfrentaram com êxito grandes desafios e hoje se mostram otimistas com respeito ao futuro.

O lago Ilopango, que cobre uma cratera vulcânica situada a 30 minutos a leste de San Salvador, é um rico recurso para os povoados às suas margens. A organização regional Agencia de Desarrollo Microregional de los Municípios de Ilopango, Soyapango y San Martín (ADEMISS) o confirmou quando um grupo que havia ajudado a organizar começou a criar peixes no lago. Inspirada pelo êxito dessa cooperativa, a ADEMISS se propôs a repetir o empreendimento em outras cinco comunidades. Com uma doação de US$275.600 concedida pela IAF em 2001, e com as melhores intenções, trabalhou com os residentes para lançar uma piscicultura, manejar os recursos de maneira responsável e restaurar o ecossistema lacustre. No entanto, na década seguinte, os pescadores foram postos à prova. Sua história de retrocessos, recuperação e espírito empreendedor sublinha os complexos desafios do desenvolvimento de base e a importância de permitir que os grupos de base descubram a forma de superá-los.

Desastres naturais e de outro tipo

Por dois anos, a ADEMISS trabalhou conforme previsto, e os resultados de seus esforços foram promissores. As comunidades estavam se organizando em cooperativas e conseguiram ampliar a produção e reduzir os custos criando alevinos em vez de comprá-los. Em março de 2004, o jornal salvadorenho *El Diario de Hoy* informou sobre o êxito dos piscicultores na criação comercial de tilápia em gaiolas flutuantes de seis por oito metros. Também destacou a importância da organização de piscicultores, produção e venda coletiva e o entusiasmo desse grupo por este novo fluxo de renda.

No entanto, El Salvador é um país perpetuamente vulnerável às forças da natureza. Como informou *Desenvolvimento de Base* em 2004, as inundações de 2003 causaram deslizamentos de terra que destruíram os três novos tanques que a ADEMISS havia construído para a criação de alevinos e alteraram drasticamente o terreno subjacente. Igualmente desastroso, a diretoria da ADEMISS sofreu alegações de fraude, o que paralisou todas suas atividades. Depois de reiterados esforços para ajudar a ADEMISS a resolver seus conflitos internos, a IAF retirou todo seu apoio em março de 2005. Segundo Wilfredo Mancía, agrônomo especializado em aquicultura que trabalha no lago Ilopango desde 2001, isso deixou as comunidades totalmente impossibilitadas de manter seu impulso. Segundo afirmou, “as organizações incipientes começaram a desmoronar quando algumas pessoas, desiludidas, saíram”.

Determinação da comunidade

Como espectadores do conflito interno da ONG, os piscicultores participantes se encontraram de repente sem meios administrativos e financeiros de trabalhar por suas metas. Segundo Mancía, “o fracasso da ADEMISS foi particularmente difícil porque os pescadores foram os mais diretamente afetados pelo conflito, mas não podiam fazer nada a respeito”. Sem fundos nem assessoramento para continuar, muitos pescadores se perguntavam se este empreendimento havia sido um erro. José de Jesús Cruz, da cooperativa La Bitinia, resumiu a situação dos grupos ao afirmar que “nos sentimos terrivelmente mal porque ficamos à toa”. Muitos membros abandonaram os grupos, o que levou à perda de peixes, graves problemas de vendas e dificuldades para conseguir os alevinos que eram vitais para uma empresa rentável. No entanto, mesmo sem a ADEMISS, os piscicultores mais dedicados — cerca de 50 moradores de Bitinia, Joya Grande, Palo Blanco e Playa El Pegadero — continuaram criando tilápia nas 20 gaiolas flutuantes construídas com fundos da IAF. Quatro dos cinco grupos formados sobreviveram. Operavam em escala limitada, mas a produção nunca cessou. Para abrir um mercado local, os grupos realizaram atividades de degustação em festivais e feiras e atraíram novos clientes, inclusive restaurantes e cafés. Logo, os produtores se deram conta de que juntos podiam reduzir custos e produzir o volume de peixe fresco necessário para ingressar no mercado de San Salvador. Os quatro grupos se estabeleceram formalmente como cooperativas até o fim de 2005, o que os aproximou daquela meta.

A firmeza, resistência e iniciativa das cooperativas não escaparam à atenção da IAF, como tampouco seu investimento coletivo de parte dos ganhos em mais gaiolas. Em reuniões com Kathryn Smith Pyle, representante da IAF para El Salvador naquela época, e Rolando Gutiérrez, empreiteiro salvadorenho que continua proporcionando serviços de ligação a possíveis solicitantes e donatários ativos, os piscicultores expressaram seu desejo de melhorar suas habilidades técnicas e de reconstruir e manejar os criadouros. Para isso necessitavam de apoio, mas não estavam prontos para solicitar uma doação à IAF, de maneira que Smith Pyle e Gutiérrez

abordaram um donatário da IAF com sede nos arredores, a Asociación Cooperativa de Ahorro, Crédito y Agrícola Comunal de Paraíso de Osorio (COPADEO). Como resultado desta dinâmica iniciativa, em 2006 a IAF ampliou a doação à COPADEO em US$100.000 para financiar a capacitação em administração e contabilidade para os piscicultores e a assistência técnica prevista a princípio na proposta da ADEMISS, assim como os tanques de substituição, que foram construídos e equipados num novo local apropriado.

Empreendimento

Além da tilápia, as cooperativas agora produzem alevinos. Antes de instalar os criadouros, os piscicultores compravam alevinos de uma empresa especializada que os trazia em caminhões; muitas destas crias morriam durante o transporte ou quando eram colocadas em águas às quais não estavam aclimatadas. Nos novos tanques usa-se água bombeada do lago, de maneira que os alevinos estão mais bem adaptados a seu meio ambiente quando crescem e são trasladados para as gaiolas colocadas no lago. Isto melhorou e acelerou seu crescimento e reduziu a taxa de mortalidade de quase 50% para 5%. A vida dos piscicultores mudou. "Antes, eu nem sequer sabia lançar a rede e agora me sinto capaz de mostrar a outros o que aprendi", disse José de Jesús Cruz. "Em casa costumávamos comer somente feijão e arroz, mas a tilápia melhorou nossa alimentação e a renda nos permite enviar os filhos à escola".

A iniciativa criou empregos e aumentou a receita. Se bem que os sócios fazem turnos para cuidar dos criadouros, contratam trabalhadores para alimentar a tilápia em crescimento nas gaiolas flutuantes das cooperativas. Durante o primeiro ano de produção, os lucros mensais aumentaram de menos de US$500 para US$1.800. Isto permitiu que as cooperativas adquirissem outras 20 gaiolas, construíssem um muro de contenção contra os deslizamentos de terra e, mais tarde, ajudassem as escolas locais, demonstrando que as atividades de base podem promover a responsabilidade social em El Salvador. Em 2008, *El Diario de Hoy* informou de novo sobre o êxito do empreendimento, destacando que a introdução dos criadouros, os primeiros em Ilopango, beneficiou centenas de famílias. As cooperativas usaram fundos adicionais da IAF naquele ano, canalizados por meio da COPADEO, para eletrificação, um depósito e um tanque séptico.

Representantes de donatários salvadorenhos da IAF visitam tanques de peixes.

Expansão

Os membros das cooperativas sabem que, para manter e expandir suas atividades, têm que se aproximar de outras entidades. Com esse fim, formaram um comitê de coordenação que se reúne para organizar atividades entre as quatro cooperativas e buscar parceiros. Um parceiro, o Centro de Desarrollo de la Pesca y la Acuicultura (CENDEPESCA), proporcionou assistência técnica, contatos, materiais e escritórios para as cooperativas. Segundo o Dr. Manuel Ramírez Luna, chefe da Unidade de Aquicultura do Ministério da Agricultura e Pecuária de El Salvador, as cooperativas manejam bem sua produção. "Este é um fato singular no país porque os produtores são donos da terra e dos tanques de alevinos e organizaram bem sua produção, administração e comercialização. Os principais desafios são manter sua organização, abrir mercados e adotar medidas de prevenção e controle de surtos de doenças da tilápia", afirmou.

As melhores habilidades de organização e administração permitiram que as cooperativas obtivessem fundos de Pesca Artesanal Responsable (PESCAR), organismo do Governo de El Salvador, para melhorar o acesso ao mercado e ampliar a capacidade do comitê coordenador para manejar as operações dos tanques, os salários e as vendas. Em 2007, as cooperativas ampliaram sua rede para incluir famílias de outras partes do Lago Ilopango, ao aliar-se à Asociación Acuícola Lago de Ilopango (ASALI), composta por outras cooperativas e grupos comunitários. "Passamos de grupo comunitário a cooperativa; agora fazemos parte da ASALI e juntos produzimos mais", afirma José Nelson García da cooperativa Palo Grande. A ASALI empregou a doação que recebeu da IAF em 2008 para pesquisar membros e moradores dos arredores do lago sobre suas prioridades e as dificuldades que representa a criação de peixes de uma forma responsável no lago. Compartilhou sua análise da água e aquicultura do lago com funcionários do governo, grupos da sociedade civil e a comunidade. A ASALI planeja instalar uma fábrica de ração de peixe para que os membros possam comprá-la a preço reduzido, o que aumentará seu lucro.

A implosão da ONG intermediária se converteu em uma oportunidade para as cooperativas de Ilopango. Quando estavam perto do colapso em 2004, se ajustaram ao novo contexto, o que é bom sinal de sua capacidade de adaptação. Empurradas para uma função que de outra maneira não haveriam buscado, as cooperativas assumiram a responsabilidade de desenvolver suas próprias comunidades. Se a ADEMISS não tivesse sido desagregada por conflitos internos, as cooperativas teriam demonstrado essa liderança e independência? O momento era excepcional. Em novembro de 2009, o furacão Ida inundou as comunidades pesqueiras de Ilopango, causando destruição generalizada e semanas de isolamento para alguns. As cooperativas limparam, voltaram a colocar e prender as gaiolas deslocadas pela tormenta e se uniram para retirar os dejetos deixados pelos deslizamentos de terra e as inundações. Dois comitês recentemente criados ajudarão as comunidades do lago a reagir com rapidez a futuras emergências e a mitigar os danos causados à produção de tilápia. Como constataram os visitantes de janeiro, estes engenhosos pescadores novamente confirmaram sua firmeza.

Desfrutando da pesca do dia.

Seth Micah Jesse é representante da IAF para El Salvador.

Cisternas, saneamento e progresso em Pesqueira

De Amy Kirschenbaum *Fotos de Sean Sprague*

A agricultora Josefa Maria de Oliveira Paes e a cisterna comunitária de Laje do Carrapicho.

O Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor (CEDAPP), organização não governamental com raízes na igreja católica, trabalhou por 19 anos para mitigar a seca, melhorar o saneamento e diversificar a renda numa das áreas mais pobres do Nordeste brasileiro.

Agora, os resultados aparecem. O modo como a equipe do CEDAPP mudou o comportamento em 10 comunidades participantes do projeto financiado pela IAF perto da pequena cidade de Pesqueira, Estado de Pernambuco, poderia comover até o mais cético dos observadores. Depois de várias tentativas de captar a atenção dos moradores, o CEDAPP desenvolveu um currículo interativo, multimídia, para transmitir sua importante mensagem de manejo de recursos e participação cívica. Nos materiais confeccionados sob medida para as oficinas do CEDAPP, os nordestinos aprenderam a distinguir a água limpa da água contaminada como "água de vida" e "água de morte", e agora podem determinar quando a água é somente adequada para os cultivos e o banho e quando serve para cozinhar e beber. Também sabem quanto tempo leva para que as substâncias se biodegradem: cinco anos para um cigarro, 100 anos para plásticos, 400 anos para metal e indefinidamente para a borracha. Para minimizar a contaminação, diz a coordenadora do projeto Maria Elisabete Pires, "ensinamos a jogar na água somente o que os peixes podem comer".

A água obtida na breve estação chuvosa costumava durar somente um mês para os moradores de Pesqueira, o que afetava sua agricultura e bem-estar, especialmente a saúde infantil. Para introduzir cisternas, as comunidades estavam dispostas a contribuir com 30% do custo e os moradores a fornecer a mão de obra. As cisternas coletam suficiente água para oito meses ou mais entre as estações chuvosas. O armazenamento de água, segundo a assessora técnica Lourdes Viana Vinokur, ensinou aos moradores sobre economia, medidas de saúde e o valor de trabalhar juntos. Para as mulheres, que sempre tiveram que carregar a água para o lar, a cisterna representou uma drástica mudança de estilo de vida. "Uma delas me disse que a cisterna tinha sido sua liberação", conta Lourdes.

Os vasos sanitários são ainda mais valorizados. "Quando consegui um, quis abraçá-lo, mas me conformei em acariciá-lo todos os dias," diz Arlindo Eduardo da Silva, orgulhoso proprietário de um novo vaso sanitário. Antes que o CEDAPP interviesse, a maioria das 33 comunidades às quais atendia não tinha uma só casa com encanamento interno. Agora as crianças não querem convidar seus amigos para uma casa que não tenha pelo menos uma instalação de banheiro comunitário nas proximidades. Além da limpeza e conveniência, o banheiro

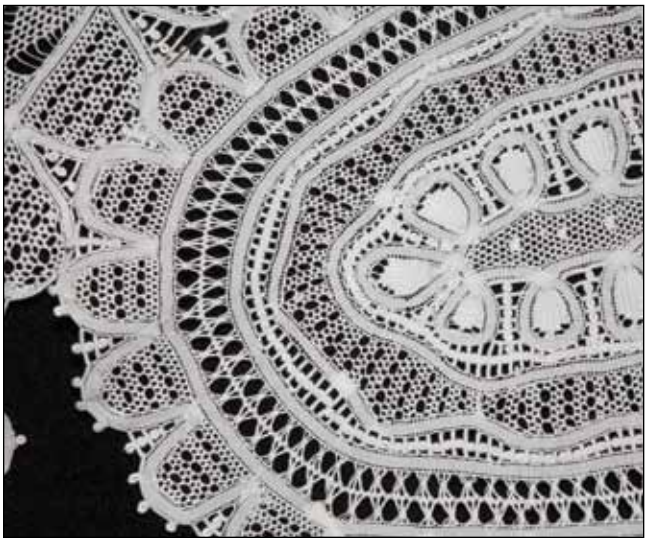
A filha de Arlindo da Silva no novo banheiro da família.

em casa ou nas proximidades contribui para a segurança pessoal, de acordo com Arlindo, que já não se preocupa por suas filhas como fazia quando a família tinha que recorrer ao campo aberto. O CEDAPP começou instalando "banheiros básicos", mas em alguns lugares a falta de água corrente era um obstáculo enorme para utilizar sanitários tradicionais. Quando representantes do CEDAPP se reuniram para conversar sobre comércio justo com colegas de outro donatário da IAF, o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), surgiu o tema dos banheiros, especificamente os "banheiros secos" que usam menos água que os "básicos" e, além disso, geram adubo.

Desde então o CEDAPP instalou 85 "banheiros secos" em várias comunidades, embora no início os moradores tivessem suas reservas. "As pessoas temiam o mau cheiro e não compreendiam como funcionavam sem água ", explica Suely Rodrigues, vice-presidente de uma associação de produtores locais, no *Jornal do Commercio,* de Recife. "Eu mesma gostaria de ter o meu". Os banheiros secos vêm equipados com um cano fino e alto como os usados nas fossas domésticas, que elimina o odor inconveniente. Cinzas, serragem ou cal são utilizados para secar as fezes, que depois podem ser transformadas em adubo. O CEDAPP prevê um efeito multiplicador, pois grupos em todo o Nordeste, incluindo o órgão do governo federal ProRural, que proporciona apoio aos agricultores, querem saber mais sobre a inovação.

Junto com o acesso a água limpa e serviços sanitários o ano todo, o CEDAPP faz os moradores participarem de várias atividades para aumentar a renda. Aproveitando as inclinações, vocações e tradições próprias e a localização de cada comunidade, bem como a geografia, o CEDAPP ajuda os moradores a trabalharem juntos em cooperativas que produzem o que lhes é mais apropriado em termos de suas habilidades e recursos. Os membros se capacitaram em administração e organização e aprendem a otimizar os atrativos para o consumidor mediante apresentação, embalagem e preços apropriados das mercadorias, que abrangem desde renda e couro até mel, lacticínios e polpa de fruta para sucos. Graças à assistência agrícola do CEDAPP, mais alimentos das fazendas locais estão disponíveis, e a menor preço que os que costumavam ser trazidos de longe. O consequente aumento da renda disponível reduziu a migração para as cidades. Os jovens preferem ficar próximos de suas famílias e vizinhos; estão dispostos a trabalhar a terra se assim podem ganhar a vida.

Os moradores se orgulham destas comunidades e participam agora ativamente em seus conselhos municipais. Inclusive as crianças demonstram um sentido



Com ajuda do CEDAPPE, a cooperativa de rendeiras Nossa Senhora das Graças vende agora os artesanatos de suas sócias em sua própria loja num centro comercial. As roupas e telas bordadas à mão e as rendas de Pesqueira são valorizadas em todo o Brasil e exportadas. Uma capa, toalha de mesa ou tapete que tomou um dia inteiro para sua confecção rende US$15 ou US$20 para a artesã e pode ser vendida em lojas urbanas por cinco vezes mais.

O centro comunitário em Sítio Tigre de Sertânia, onde os moradores aprendem a fazer artesanato em couro de cabra localmente curtido.

Apicultores de nove cooperativas usam o galpão e o equipo instalados pelo CEDAPP em Novo Cajueiro.

No município de Alagoinha, membros da Associação Agrícola do Socorro processam polpa de frutas tropicais.

de compromisso e responsabilidade — sua frequência escolar está melhor que nunca. Ainda que continuem enfrentando numerosos desafios, estes nordestinos, trabalhando com o CEDAPP, resolveram alguns de seus problemas mais prementes. O padre Bartholomeo Bergese, sacerdote italiano que ajudou a fundar o CEDAPP e atua como diretor, não poderia ter dito melhor: "O que eles fazem são verdadeiros milagres". Para obter mais informações, visite cedapp.org.

Amy Kirschenbaum é representante da IAF para o Brasil. Sean Sprague é um fotógrafo profissional galês.

Leite e queijo de cabra são vendidos ao dobro do preço de produtos do leite de vaca. A capacitação do CEDAPP em criação de animais e produção de ração ajudou os agricultores a ingressar neste lucrativo mercado. Agora, competem em um concorrido evento anual onde se outorga um prêmio à cabra mais produtiva. Por dois anos consecutivos, o prêmio máximo coube a cabras criadas por Terezinha de Jesus de Melo, que aparece aqui com Buizinha, a favorita dentre as 17 crias de uma de suas cabras premiadas.

Financiamento de pesquisas sobre desenvolvimento de base

De Mark Cuicedo

Desde que concedeu sua primeira doação para o desenvolvimento em 1972, a Fundação Interamericana é reconhecida como um organismo que financia as atividades de base de grupos de pobres na América Latina e no Caribe. Menos conhecido é o apoio prestado a pesquisas acadêmicas sobre tendências e temas de base, um compromisso que se remonta quase a essa mesma época, ao Programa Machado da IAF lançado pelo presidente Bill Dyal para financiar estudos de pós-graduação em universidades dos EUA por "pesquisadores latino-americanos que examinavam os mesmos tipos de problemas analisados por quem elaborava os projetos".

Logo Dyal passou a financiar um grupo inicial de quatro estudantes de doutorado dos EUA; depois, por um período muito breve, pesquisadores de pós-doutorado e, por último, aspirantes ao mestrado. Deborah Szekely, presidente da IAF, instituiu a Bolsa Interamericana Dante B. Fascell, sumamente seletiva, que entre 1991 e 1995 permitiu que um pequeno grupo de destacados dirigentes de base da América Latina e do Caribe fizesse, onde desejasse, estudos independentes para a divulgação de seus bem-sucedidos enfoques em todo o continente. Os ex-bolsistas de todos os programas ascendem agora a 1.047, trabalharam em 35 países e representam 117 universidades de 36 estados dos EUA. O Programa Machado teve tanto êxito que se converteu num modelo para o programa de bolsistas de Ashoka.

Mark Caicedo

Conferência realizada no segundo semestre de 2010 na Cidade do México: Peter Wilshusen, Professor da Bucknell University e acadêmico da Comissão de Seleção da IAF, fez parte do último grupo de bolsistas antes que a IAF suspendesse o Programa de Bolsas de Estudo em 1999. Jaime Amparo Alves, estudante brasileiro da University of Texas, realizou pesquisas em uma favela nos arredores de São Paulo como bolsista do ciclo 2009-2010.

Entre 2000 e 2006, a IAF suspendeu todas as bolsas por razões orçamentárias. Em 2007 foi reinstituído um componente: o apoio a pesquisas para teses de doutorado por estudantes matriculados em universidades dos EUA. A administração das bolsas pelo Instituto de Educação Internacional é uma importante mudança estrutural. A informação e os procedimentos pertinentes podem ser encontrados no *site* www.iie.org/iaf; a comunicação por meio de redes sociais coloca o programa na era digital.

Os 15 bolsistas são selecionados por um comitê de especialistas, alguns dos quais são ex-bolsistas, procedentes de universidades de todo o país. Os bolsistas recebem um estipêndio mensal por até um ano, um subsídio para pesquisa, a viagem de ida e volta para o local de pesquisa e seguro médico. A IAF também custeia os gastos de sua participação numa conferência realizada em meados de cada ano, uma singular característica das bolsas da IAF que reúne por vários dias os bolsistas do ano. A animada e intensa agenda inclui uma exposição das pesquisas, reuniões particulares com o comitê de seleção, deliberações em grupo sobre temas de desenvolvimento de base e intercâmbio de ideias. Os bolsistas também visitam os projetos da IAF. Como presidente da IAF entre 1984 e 1991, Deborah Szekely assistiu sempre às reuniões de meados do ano que, segundo recordava, podiam ser "uma correção intermediária", assegurando que os projetos se mantivessem bem encaminhados. Ela afirmava que "muitos dos estudantes estavam bem, ainda que alguns descobrissem que as circunstâncias locais eram diferentes. Contudo, conseguiam se ausentar de suas universidades e estavam no país, e assim se resolve a situação."

Szekely valorizava a exposição dos bolsistas a uma "experiência tridimensional prática", como as que Elizabeth Lockwood e Luis Fujiwara, ambos pertencentes ao ciclo de bolsas de 2008-2009, compartilham nas páginas seguintes. Ela também assinalou o impacto na educação superior, ao destacar a prevalência de ex-bolsistas na liderança da Associação de Estudos Latino-Americanos. De fato, as raízes da IAF no mundo acadêmico são profundas. Com artigos publicados em *Foreign Affairs* e o livro *The Engines of Change* [Os motores da mudança], George C. Lodge, professor de Harvard, exerceu uma grande influência no clima intelectual conducente à criação da IAF no final da década de 1960 e foi designado como membro da primeira diretoria do novo organismo. Notadamente, Lodge escreveu que a pobreza era a maior ameaça aos interesses dos EUA nas Américas. Em seu artigo de 1969, "U.S. Aid to Latin America: Funding Radical Change" [Ajuda dos EUA à América Latina: financiamento da mudança radical], instou a que se criasse uma "Fundação Americana [para] buscar e financiar os *motores de mudança* que trabalham diretamente para revolucionar as estruturas sociais e políticas latino-americanas." As pesquisas apoiadas pelas bolsas da IAF examinam esses motores de mudança — organizações de base e não governamentais — e o contexto em que trabalham, ampliando o conhecimento acadêmico sobre a mudança social no continente e introduzindo um enfoque prático.

Entre os quatro primeiros estudantes cujas pesquisas para a tese de doutorado foram financiadas pela IAF encontra-se Kevin Healy, agora representante da IAF para a Bolívia, professor adjunto da Universidade de Georgetown e membro do comitê de seleção de bolsistas da IAF. O estudo de Healy sobre a resistência à reforma agrária do governo da Bolívia na década de 1950, empreendido como bolsista, se converteu em um livro de sucesso, um texto clássico nas universidades bolivianas e, em data mais recente, o tema de uma entrevista com o autor televisionada na Bolívia em relação à lei sobre reforma agrária promulgada em 2008. A relevância de sua tese de doutorado é uma das razões da reputação de Healy como destacado especialista em desenvolvimento boliviano e nos movimentos indígenas da América Latina.

Entre outros bolsistas que influenciaram gerações de estudantes, assim como instituições e políticas públicas, inclusive a política de assistência para o desenvolvimento, cabe citar Jonathan Fox, da Universidade da Califórnia em Santa Cruz; Carl J. Bauer, da Universidade do Arizona; Lynn Bolles, da Universidade de Maryland; Alika Wali, do Museu Field de Chicago; Philip Herr, do Escritório de Prestação de Contas do Governo; James Nations, ex-funcionário do Conservation International National, atualmente a serviço do Centro para o Estado dos Parques da Associação de Conservação de Parques; Michael Painter, do World Wildlife Fund (Fundo Mundial da Natureza); e Tom Reardon, do Instituto Internacional de Pesquisa sobre Políticas Alimentares. Entre os latino-americanos que chegaram aos EUA como bolsistas entre 1974 e 1999, cabe citar Wasar Ari, da Universidade de Nebraska, o primeiro indígena aimara boliviano a obter um doutorado; Javier Morais González, que foi vice-ministro de comércio da Nicarágua; e Tomás Huanca, atualmente pesquisador no Centro Boliviano de Desenvolvimento e de Pesquisa Sócio-Integral (CBIDSI).

Mark Caicedo

Conferência de meados do ano, 2008: O Presidente da IAF, Larry Palmer, à esquerda, apoiou a reativação das Bolsas de Estudo da IAF; o representante da IAF Kenvin Healy está no Academic Review Committee.

A IAF é a única instituição que financia especificamente as pesquisas concentradas no desenvolvimento de base da América Latina e do Caribe. Todos os bolsistas devem ter uma afiliação institucional, que os reúne com seus companheiros e colegas do mundo acadêmico para discutir e debater assuntos contemporâneos relacionados com o desenvolvimento de base no continente. Os bolsistas também estão em contato diário com praticantes e com o nível de base. Desta maneira, as bolsas da IAF complementam suas doações para o desenvolvimento com o fim de fomentar sua missão de "fortalecer os vínculos de amizade e compreensão" no continente e reforçar um enfoque constantemente reconhecido nas publicações sobre o desenvolvimento.

Mark Caicedo é editor fotográfico da IAF e trabalha no programa de bolsas desde 1994.

Mobilização da comunidade de surdos no Uruguai

De Elizabeth M. Lockwood

Na América Latina e no Caribe, mais de 50 milhões de pessoas (15% da população) têm deficiências. Oitenta por cento dessas pessoas são pobres, desempregadas e socialmente excluídas (Astorga, 2009; Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2007; Banco Mundial, 2005). Independentemente da necessidade aparente, a população deficiente nesta região é uma das mais negligenciadas do mundo. Contudo, a comunidade de surdos* no Uruguai, cujo total ascende a menos de 1% dos habitantes do país, se organizou para exigir leis, programas e políticas governamentais dirigidas aos surdos. Os benefícios para os uruguaios surdos incluem educação primária bilíngue na linguagem de sinais uruguaia (LSU) e em espanhol; a designação de intérpretes nas escolas secundárias, certas universidades e entrevistas para emprego; a introdução de dispositivos ou serviços para telecomunicações; o reconhecimento da linguagem de sinais uruguaia como língua oficial; um desconto de 75% nas mensagens de texto; legendas de filmes; e capacitação em linguagem de sinais para os funcionários públicos.

Como bolsista da Fundação Interamericana, passei 12 meses no Uruguai pesquisando as razões pelas quais esta comunidade se mobilizou muito mais que os demais grupos uruguaios deficientes, cujos membros são mais numerosos, e que outras comunidades de surdos da América Latina e do Caribe. Meu ponto de partida foi um estudo de caso exploratório na comunidade de surdos de Montevidéu. Entrevistei 14 líderes dessa comunidade, que me ensinaram sobre sua participação na ação coletiva. As entrevistas com uma subamostra, que constou de outros 12 membros da comunidade, produziram perspectivas complementares. Também observei aproximadamente 500 membros de comunidades de toda a cidade de Montevidéu e examinei cerca de 90 documentos públicos que datam de 1902.

No começo de julho de 2009, apenas um mês antes de terminar meu trabalho de campo, recebi um inesperado convite da IAF para apresentar meus resultados no *VI Encontro Latino-Americano de Surdos* em Bogotá, que incluía três conferências simultâneas organizadas pela comunidade colombiana de surdos: o Sexto Congresso Nacional sobre a Situação Atual dos Surdos na Colômbia: Passado, Presente e Futuro; o Sexto Encontro Latino-Americano de Surdos; e o Primeiro Encontro Latino-Americano de Intérpretes. Acompanharam-me Isabel Pastor, fundadora do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento para a Pessoa (CINDE), uma escola de capacitação de intérpretes do Uruguai,

Christiana Kasner

Conferência de meados do ano, 2009: Elizabeth Lockwwod.

cuja participação também foi financiada pela IAF; e Blanca Macchi, representante da comunidade de surdos, cuja participação foi financiada pela Federação Mundial de Surdos. O comparecimento às três conferências me permitiu voltar a ver rostos conhecidos e formar novas alianças profissionais — assim é o mundo dos surdos. Agora que voltei aos EUA, colaboro com um colombiano que conheci no *Encontro*.

Comuniquei estes frutíferos esforços da comunidade uruguaia de surdos a um público formado principalmente por líderes comunitários surdos de várias nações da América Latina e do Caribe, assim como alguns aliados ouvintes. Os principais resultados de minha pesquisa indicam que os uruguaios surdos preferem trabalhar juntos por seus objetivos em vez de seguir um líder. De fato, geralmente, a comunidade uruguaia de surdos rejeita a concentração do poder e da autoridade em uma ou várias pessoas e prefere fomentar o diálogo, a colaboração e a coordenação com os aliados ouvintes.

Um maior acesso a intérpretes qualificados da linguagem de sinais, à educação secundária e pós-secundária por meio da linguagem de sinais e aos meios de comunicação e à tecnologia redundaram numa melhor comunicação, maior conscientização acerca do mundo que nos rodeia e uma comunidade mais bem informada e mais coesa. A comunidade uruguaia de surdos não busca ativamente a formação de redes transnacionais com outros grupos de surdos na região nem de redes locais com outros grupos uruguaios deficientes. Pelo contrário, concentra-se em alianças com entidades do governo do Uruguai, enfoque talvez facilitado pela fluidez e a estrutura social do sistema político uruguaio. A defesa de sua causa ante estes parceiros do setor público — para obter igualdade de acesso à informação, aos meios de comunicação e aos serviços públicos — é o ingrediente essencial das notáveis consecuções da comunidade de surdos.

Depois de minha exposição, vários líderes surdos e aliados ouvintes expressaram interesse em aplicar a experiência da comunidade uruguaia de surdos a suas respectivas comunidades. Os representantes da Bolívia e Guatemala se mostraram particularmente receptivos, já que suas comunidades ainda carecem de serviços dirigidos aos surdos. Ambos os países têm uma linguagem de sinais bem desenvolvida amplamente utilizada pelas pessoas surdas, mas carecem dos serviços necessários para permitir que a comunidade de surdos tenha acesso a informação e se conecte com a sociedade ouvinte. [ED: A IAF financiou atividades para codificar a linguagem de sinais empregada na Nicarágua e no Equador.] Outros aliados ouvintes, intérpretes e ativistas comunitários participantes do Encontro também falaram de uma futura colaboração.

A resposta entusiasta a minhas conclusões reconfirmou a premente necessidade de desenvolvimento enfocado nos surdos na América Latina e no Caribe, particularmente dadas as barreiras generalizadas de comunicação e de idioma que se traduzem em menos arranjos especiais para os cidadãos surdos que para os pertencentes a qualquer outro grupo deficiente. Proponho-me a continuar trabalhando com as comunidades de surdos da América Latina e do Caribe e realizar pesquisas sobre elas. Neste sentido, a compreensão que tenho da comunidade uruguaia de surdos será um valioso recurso. Tenho uma profunda dívida de gratidão com esta comunidade por sua aceitação e colaboração e com a IAF por seu apoio.

Elizabeth Lockwood defendeu com êxito sua tese na primavera do presente ano.

Referências

* Segundo *Inside Deaf Culture* [Dentro da cultura dos surdos], de C. Padden e T. Humphries, o termo "surdos" se refere a um grupo de pessoas carentes de audição que formam uma comunidade e compartilham uma linguagem de sinais e uma cultura comuns; "surdo" se refere à pessoa com a afecção médica classificada como surdez ou perda da audição.

Astorga, L. F. (2009). *Desarrollo Inclusivo*. Documento apresentado no VI Encontro Latino-Americano de Surdos.

Padden, C., e Humphries, T. (1988). *Deaf in America: Voices from a Culture*. Cambridge: Harvard University Press.

Padden, C., e Humphries, T. (2005). *Inside Deaf Culture*. Cambridge: Harvard University Press.

Banco Interamericano de Desenvolvimento. (2007). *Dados sobre deficiências* [versão eletrônica]. Inter-American Development Bank. Consultado em 12 de fevereiro de 2008 em http://www.iadb.org/sds/soc/site_6215_e.htm.

Banco Mundial. (2005). *Disability and Development and the World Bank: A Briefing Summary on February 2, 2005* [versão eletrônica]. The World Bank. Consultado em 29 de novembro de 2007 em http://sitesources.worldbank.org.

Uma rede de esperança

De Luis Fujiwara

Como bolsista da Fundação Interamericana de julho de 2008 a abril de 2009, vivi em Dias d'Ávila, uma pequena cidade nos arredores da zona metropolitana de Salvador, no Estado da Bahia, onde carroças puxadas por cavalos ainda transportam alimentos, ladrilhos, areia, cimento e passageiros. A maioria de seus 57.000 habitantes luta com a mesma falta de serviços de eletricidade, abastecimento de água e saneamento que aflige os brasileiros do setor rural, assim como com os problemas urbanos contemporâneos relacionados com as drogas, a delinquência, o desemprego sufocante e a violência que atinge os jovens.

Numa tarde quente do fim de novembro de 2008, enquanto redigia minhas entrevistas e observações, ouvi que batiam à porta. Ao responder, vi quatro crianças com baldes improvisados, inclusive uma menina de 5 anos que era a menor e que levava uma lata de um litro sobre a cabeça. O mais velho do grupo explicou que eram irmãos e buscavam água. Falou sem o menor indício de preocupação ou raiva na voz. De fato, as quatro crianças agiam como se o fato de ir de porta em porta pedindo água fosse a coisa mais natural do mundo. Eu me senti incomodado, mas depois pensei em minha própria dificuldade para obter água. Meu bairro em Dias d'Ávila era abastecido por uma tubulação velha e danificada, em sua maior parte por meio de "gatos"; a água chegava só dois ou três dias por semana, habitualmente com um jorro fino. Ajudei as crianças na tarefa e, uma vez cheios os baldes, se despediram e seguiram felizes seu caminho. Mais tarde, conheci a mãe deles, que me disse que simplesmente necessitavam de água suficiente para beber, cozinhar e, de vez

Luis Fujiwara.

em quando, tomar banho. Eu vivia em meio a famílias como estas, mas, até baterem à minha porta, não me havia ocorrido como a vida era difícil para elas. Experiências impactantes como esta mudam nossa vida e nossas crenças de uma forma inesperada.

O tema de minha pesquisa para a tese que defenderia como aspirante ao doutorado na Universidade do Texas em Austin era a eficácia dos serviços de saúde para as mães e as crianças, inclusive a vigilância apropriada da gravidez e do desenvolvimento infantil, oferecido pela Pastoral da Criança, um programa religioso ecumênico. A Pastoral emprega uma estratégia lançada de forma pioneira pela igreja católica e seu método de trabalho incorpora as quatro prioridades "GOBI" estabelecidas pelo UNICEF no começo da década de 1980: vigilância do crescimento, terapia de reidratarão oral para combater a diarreia, promoção da lactância materna e imunização infantil. Os elementos complementares incluem voluntariado, programas orientados para questões de gênero, ativismo coletivo, microcrédito, geração de emprego e um sistema de monitoramento e comunicação que promove a responsabilização e a rápida identificação de epidemias.

A Pastoral, que ajuda os brasileiros extremamente pobres, já salvou a vida de milhares de crianças. Suas atividades começaram em 1983 com um trabalho piloto em Florestópolis na região rural do sul do Brasil. Em um ano, a taxa de mortalidade infantil nas comunidades participantes havia diminuído 77%. A Pastoral se estende agora a mais de 70% dos municípios do Brasil; a cada mês, cerca de dois milhões de crianças e 100.000 mulheres grávidas recebem tratamento por meio dessa rede. Seu método, adotado pelo governo do Brasil, é aplicado em 20 países em desenvolvimento. Eu podia ver a necessidade de atenção primária à saúde das crianças e das mulheres grávidas quase em todos os lugares que visitei no Brasil, mas mais ostensivamente na Bahia, onde a pobreza e a desigualdade são tão generalizadas. Ao observar o programa da Pastoral em funcionamento, tive uma imagem clara do poder do desenvolvimento de baixo para cima. O programa é simples, eficaz em função do custo, de amplo alcance e participativo, dada a importância e o impacto dos voluntários e a ênfase na autonomia, desenvolvimento e organização de suas comunidades.

Minha pesquisa incluiu 30 entrevistas com mães e jovens grávidas nas comunidades com serviços e apoio da Pastoral e sem eles. Os moradores das áreas onde a Pastoral trabalhava pareciam estar mais bem informados e ter mais esperança. As comunidades da Pastoral também pareciam estar mais organizadas na busca de atenção para suas necessidades, inclusive junto ao governo municipal; participavam em mais atividades coletivas; e seus líderes assumiam uma função mais ativa na política local. É interessante assinalar que uma mãe jovem, como a população local, achava que eu era "estrangeiro". Sou brasileiro, mas logo entendi a distância criada pela condição social e econômica e a falta de oportunidades. A jovem também me disse que eu trazia esperança de melhores dias no futuro porque ninguém de um lugar tão distante para ela e para seus vizinhos, como Texas, havia demonstrado jamais um interesse tão profundo na vida e bem-estar da sua comunidade.

Há pouco tempo, soube que a Dra. Zilda Arns, a pediatra que fundou a Pastoral e que foi sua coordenadora internacional, morreu em 12 de janeiro no terremoto que destruiu a maior parte do Haiti. Estava lá numa missão humanitária para promover os serviços da Pastoral para as crianças e os idosos. Sua morte foi chorada no Brasil e em todo o mundo; o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e os candidatos presidenciais Dilma Roussef e José Serra assistiram ao seu funeral. A Dra. Arns me disse uma vez que a Pastoral não consistia em prestar atenção primária à saúde, mas era, sobretudo, uma rede para permitir que as comunidades cuidassem de si mesmas. A perda da Dra. Arns foi um choque para mim, mas logo me lembrei da época que havia passado como testemunha dos resultados de seu trabalho e da esperança que ela abrigava para essas comunidades.

A realidade diária das regiões em desenvolvimento é mais rica que as teorias acadêmicas e oferece enormes oportunidades de aprendizado. No futuro talvez eu não recorde todos os detalhes de minha experiência em Dias d'Ávila, mas o sorriso no rosto dessas crianças que levavam os baldes cheios de água me acompanhará sempre; é uma pegada social que me recorda que o desenvolvimento se refere às pessoas e que para elas o mais importante é ser tratadas como seres humanos.

Luis Fujiwara trabalha para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil. A defesa de sua tese de doutorado está programada para o verão de 2010.

Rumo à conservação

A *Asociación Ecosistemas Andinos* (ECOAN), donatária da IAF, trabalha com as comunidades do Vale Sagrado dos Incas nos planaltos andinos da região de Cusco para conseguir o reconhecimento de seu território como reservas protegidas. Em 6 de maio de 2010, diversos representantes da comunidade e membros do pessoal de ECOAM viajaram a Lima para a cerimônia de assinatura de um documento por meio do qual o Senhor Antonio Brack, Ministro do Meio Ambiente do Peru, oficialmente designou três novas Áreas de Conservação Privada (ACP) no território. Este marco importante ajudará a ECOAN e os residentes a proteger a biodiversidade e a zelar pelo uso responsável dos recursos naturais em mais de 3.400 hectares de terras comunitárias, pelo menos nos próximos 10 anos. A designação da ACP é renovável.– *Miriam Brandão, Representante da IAF para o Peru*

Jefry A. Wright

Entre os esforços de conservação de ECOAN está a instalação de estufas eficientes que consumam menos lenha.

Cortesia PIDECAFE

O cacau do PIDECAFÉ

Pièrre Marcolini, o reconhecido fabricante belga de chocolates, viaja pelo mundo em busca de ingredientes de primeira para os bombons e trufas saboreados pela clientela exigente de suas butiques em Paris, Londres, Tóquio, Kuwait e Nova York. No início do ano sua busca o levou a Piura, no Peru, acompanhado de uma equipe de filmagem da Antena 3-France. Reuniu-se aí com os camponeses do Programa Integral para el Desarrollo del Café (PIDECAFÉ), um donatário recente da IAF que cultiva uma variedade rara e excelente de cacau conhecida como porcelana por suas sementes brancas. Este magnífico cacau do PIDECAFÉ será apresentado, juntamente com Marcolini, em um documentário sobre o melhor chocolate do mundo. "As sementes brancas são muito difíceis de encontrar", ele esclarece este diante da câmara, visivelmente comovido por tê-las obtido, segundo um relatório publicado em 7 de maio no diário peruano *El Comércio*; e acrescenta: "Em casa, em Bruxelas, o resultado será um chocolate excepcional". O PIDECAFÉ utilizou a doação da IAF para trabalhar com cerca de 750 camponeses de oito municípios de Piura e Tumbes, no norte do Peru, para conseguir a certificação orgânica de seus cultivos de cana-de-açúcar e cacau e para desenvolver mercado no exterior. Para obter informações mais detalhadas, favor consultar os websites www.pidecafe.org e www.marcolini.be.

Duque: colombiana exemplar

Cecilia Duque Duque, ex-Diretora da Asociación Colombiana para la Promoción Artesanal (ACPA), ex-donatária da IAF, estava entre as 18 pessoas e organizações contempladas em fevereiro com o prêmio El Colombiano Ejemplar, concedido por *El Colombiano*, o principal diário de Antioquia. Duque foi homenageada por seus infatigáveis esforços na promoção do artesanato colombiano. Uma doação concedida pela IAF em 1977 ajudou a ACPA a atingir os artesãos e a resgatar suas tradições em perigo de extinção (ver Desenvolvimento de Base, Vol. 30, 1). Álvaro Uribe, Presidente da Colômbia, participou da cerimônia no Teatro Metropolitano e elogiou as realizações dos premiados nos campos da ciência e tecnologia, cultura, negócios, esportes e turismo. O círculo de ganhadores incluiu a estrela de roque Shakira, bem como o compositor Blas Emílio Atehortúa e a Comissão Paraolímpica Colombiana. Para obter informações mais detalhadas, favor consultar o website www.elcolombiano.com/ce2009.asp.

Cecilia Duque e a artesã Omayra Manrique.

Sebastian Alpot

Redes empresariais

A edição de janeiro-fevereiro da revista centro-americana Microempresas & Microfinanzas informou que o Instituto Hondureño de Desarrollo Alternativo y Sostenible (IHDEAS), donatário da IAF, assinou um acordo com o grupo Jóvenes Industriales (JOVIN) para criar uma rede permanente de indivíduos experientes do setor privado dispostos a assessorar empresários potenciais. O IHDEAS utiliza a doação concedida pela IAF em 2008 para apoiar empreendimentos de jovens de Tegucigalpa com empréstimos e assistência técnica.

Destacou também o acordo entre a Asociación de Organizaciones de Microfinanzas (ASOMI), uma rede de 11 instituições de microfinanciamento que presta serviços a cerca de 65.000 salvadorenhos e á Asociación de Bancos Cooperativos y Sociedades de Ahorro y Crédito (ASIFBAN), a fim de padronizar suas práticas comerciais e pressionar por uma revisão geral do sistema normativo de El Salvador, a fim de refletir a importância dos serviços financeiros alternativos. A doação da IAF de 2003 à ASOMI permitiu a essa rede ampliar o número de afiliados, os serviços de microfinanciamento e o oferecimento de empréstimos para empresas pequenas e médias. Para obter informações mais detalhadas, favor consultar o website www.asomi.org.sv.

Preparadas para o serviço

Três jornais panamenhos, *La Crítica, Día a Día* y *Panamá América*, elogiaram o lançamento em dezembro da iniciativa "Guias de Moças para Ação, Desafiando o Estigma e a Discriminação" da Asociación de Muchachas Guías de Panamá (AMGP). Como seção da Organização Mundial do Movimento de Escoteiros, a AMGP promove o desenvolvimento emocional e espiritual das moças panamenhas. Mais de 1.000 guias, de 14 a 21 anos de idade, formarão grupos em todo o Panamá para instruir cerca de 3.000 vizinhos, professores e pais de família em organização comunitária, saúde pública, liderança e prevenção do HIV/AIDS. Algumas jovens aprenderão a estabelecer as próprias microempresas. *La Crítica* elogiou especialmente os esforços das jovens na luta contra a discriminação das pessoas com HIV/AIDS.

Um patrimônio digno de ser lembrado

Los Angeles vangloria-se de ter a maior comunidade de salvadorenhos expatriados. Segundo um artigo publicado no *Los Angeles Times* em 23 de outubro de 2009, a guerra civil em El Salvador, que durou de 1980 a 1992, "não somente custou dezenas de milhares de vidas e arrasou povoados inteiros, mas também atacou o patrimônio do país ao incentivar uma amnésia generalizada no tocante à literatura, música, cultura indígena e as artes cênicas salvadorenhas". O espectáculo "Preservação da Memória Histórica Salvadorenha", apresentado em multimídia durante uma semana no Centro de Teatro de Los Angeles, recordou parte desse passado aos expatriados salvadorenhos nos Estados Unidos.

O evento incluiu apresentações de Carlos Henríquez Consalvi (cuja alcunha era Santiago), que ajudou a criar a rádio rebelde clandestina Venceremos e fundou em San Salvador o Museo de la Palabra y la Imagen (MUPI), dotado de um amplo arquivo de manuscritos, fotografias, filmes e gravações em áudio extremamente raros que documentam a história recente de El Salvador. Em maio de 2010, a Organização dos Estados Ibero-Americanos anunciou que o MUPI se classificou em segundo lugar, entre cerca de 100 competidores, no primeiro "Premio Iberamericano Educação e Museus". A menção se relacionava a exposições financiadas pela IAF que visitaram escolas e comunidades rurais salvadorenhas. Para obter informações mais detalhadas sobre o MUPI favor consultar *Desenvolvimento de Base* 2009 ou o website www.museo.com.sv.

Museu de Pisac

Doze *aillus* ou comunidades indígenas do Vale Sagrado dos Incas doaram artefatos ao museu comunitário administrado pela Asociación Museo Comunitario de Pisac (AMUCOP), donatária da IAF, segundo informou *El Comercio,* principal jornal do Peru, em 2 de outubro de 2009. O pessoal da AMUCOP colaborou estreitamente com os residentes, fazendo um inventário meticuloso de relíquias familiares e tesouros desenterrados – múmias, têxteis, ferramentas e brinquedos tradicionais – que agora constituem a maior parte das exposições do museu. O museu também oferece a apreciadores, demonstrações por tecelões e outros artesãos que recriam as técnicas pré-colombianas e por fabricantes de *chicha de jora*, uma bebida tradicional feita de milho fermentado, apreciada pelos povos andinos há milhares de anos.

"Durante todos estes anos não demonstramos interesse em nossa própria cultura e nos mantivemos à margem enquanto os estrangeiros a admiravam", disse a *El Comércio* Francisco Rojas, Presidente do museu. "Com o museu, creio que começaremos a atribuir o devido valor". A AMUCOP está utilizando a doação da IAF para supervisionar a conclusão das instalações e treinar o pessoal e os voluntários do museu. Os museus comunitários do México e a Smithsonian Institution prestarão assistência técnica para preservar um valioso patrimônio andino. (Ver a carta de Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena, neste número da revista.)

Jeffrey A. Wright

Museu Comunitário de Pisac.

Afrolatin@ Experience

Como parte das comemorações do 40º aniversário, a Fundação Interamericana patrocinou a "Afrolatin@ Experience: Um Exame da Identidade nas Américas", realizada de 7 a 13 de abril na Cidade de Nova York. O evento reuniu Karen Vargas, da Organización de Desarrollo Comunitario Étnico de Honduras (ODECO) e Paola Ortíz Murillo, do Americas Afrodescendent Youth Circle, juntamente com membros do afrolatin@ forum, sediado em Nova York, para discutir a invisibilidade e marginalização dos afro-latinos. Em uma série de programas públicos em locais em toda a cidade, os jovens ativistas de Honduras, Colômbia e Estados Unidos compartilharam suas perspectivas e articularam a necessidade de justiça social.

Cada evento focou um aspecto da experiência afro-latina. A série começou no Borough of Manhattan Community College com uma discussão da necessidade crítica de imagens positivas, uma preocupação do ativismo afro-latino em todas as partes. A Vargas e Ortiz uniu-se Guesnerth Josué Perea, membro do afrolatin@ forum e cofundador do AfroColombia NY, que destaca as contribuições de afro-colombianos à identidade colombiana. A seguir, os painelistas intercambiaram opiniões no Hostos Community College em Bronx, um campus universitário da cidade no qual estudantes da diáspora africana figuram entre os mais diversificados do país. Após uma calorosa acolhida por Félix Matos Rodríguez, Presidente do colégio universitário, e Rita DiMartino, membro do Conselho de Assessores da IAF, os painelistas discutiram a importância dos dados do censo para quantificar as condições da vida de pobreza da grande maioria dos afro-descendentes. Entre as dificuldades de colher informações confiáveis está a relutância de muitos indivíduos pesquisados em se identificar como afro-descendentes.

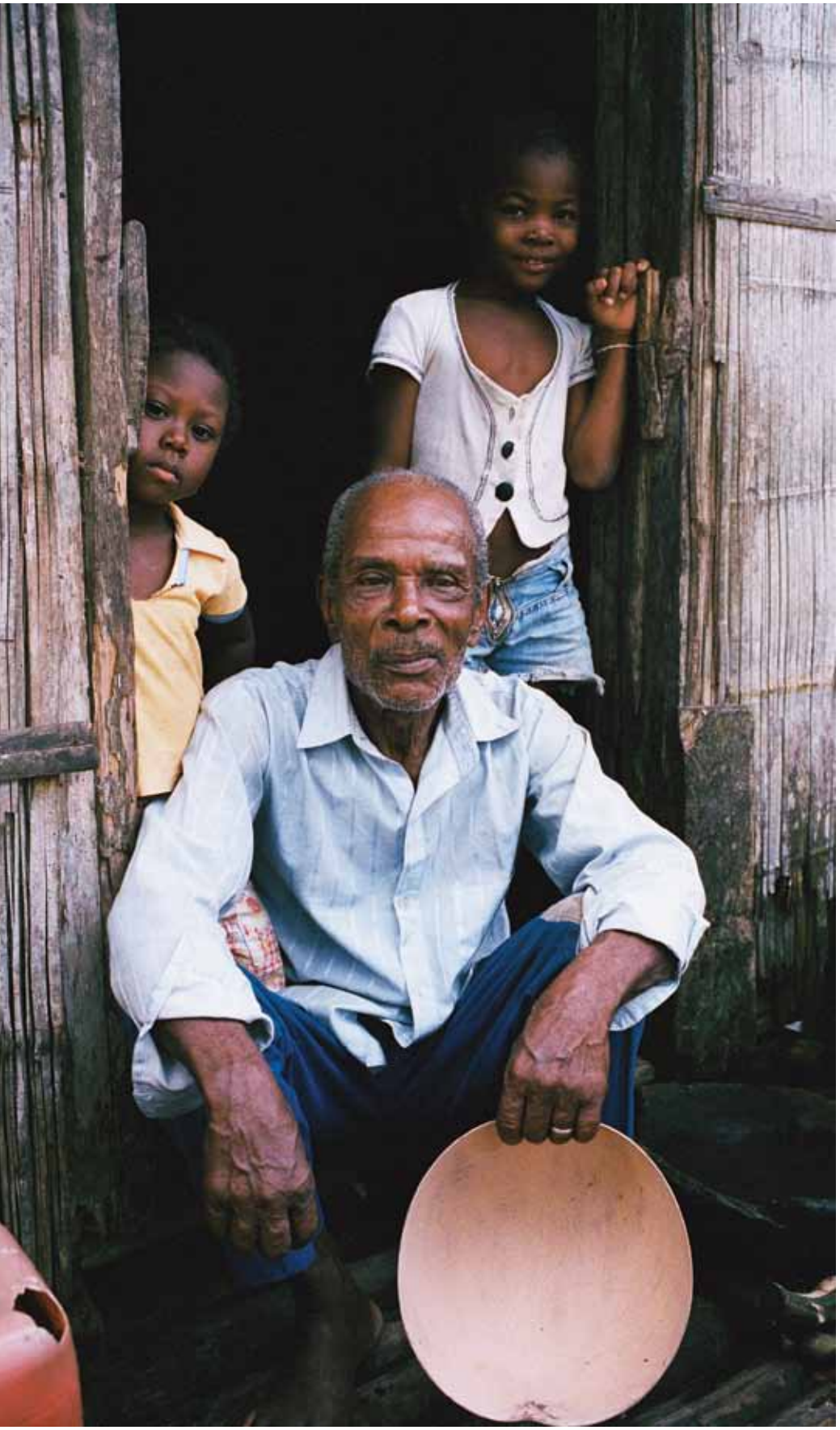
Visibilidade e identidade foram os temas no El Museo del Bairro, instituição cultural latina de destaque da Cidade de Nova York. A Vargas e Ortíz juntaram-se Maritza Straughn-Williams, antropóloga panamenho-americana, e José Francisco Ávila, ativista comunitário garifuna, da Coalición Garifuna, em um bate-papo que destacou as peculiaridades das respectivas comunidades. Ávila, que chegou aos Estados Unidos em meados da década de 1960, ressaltou o significado movimento em prol dos Direitos Civis para o desenvolvimento da própria conscientização. O diálogo comunitário cedeu lugar a um estrondoso espetáculo de dançarinos e músicos do Hechu Garinagu, um dos melhores conjuntos culturais garifunas da Costa Leste.

No Centro Cultural Caribenho Ortíz e Vargas falaram de seu ativismo comunitário. A série encerrou-se com um painel sobre questões educacionais, realizado no Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos da New York University. Esse intercâmbio internacional proporcionou uma excelente oportunidade para todos os participantes e confirmou o importante papel dos organizadores de base em todas as Américas. "Rumo à plena inclusão: A Fundação Interamericana e os Afro-descendentes do Hemisfério", uma exposição fotográfica que acompanhou o evento, continuou no Hostos Communituy College até junho. —*Miriam Jiménez, fundadora do afrolatin@ forum*

Linda B. Kolko

Paula Ortiz e Karen Vargas

Patrick Breslin



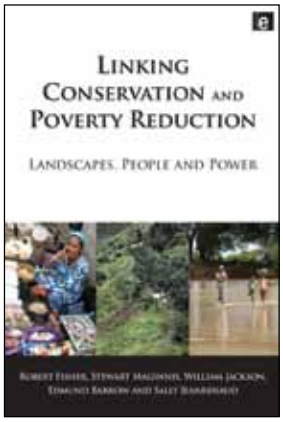
Exposição por ocasião do 40º aniversário

A fotografia é peça fundamental nas publicações da Fundação Interamericana. No decorrer dos anos, entre nossos colaboradores figuraram artistas habilidosos e sensíveis cujo trabalho documenta de forma eloquente a dignidade e as realizações de nossos donatários. Em comemoração do 40º aniversário do mandato da IAF de apoiar o desenvolvimento de base na América Latina e no Caribe, selecionamos 30 a 40 fotos de nossos arquivos de mais de 12.000 para expor em espaços públicos nos Estados Unidos.

Desde setembro de 2009, as exposições da IAF viajaram à Biblioteca do Congresso, à University of Texas e á City University de Nova York (CUNY). Esta foto de Benildo Torres Riasco, compositor de décimas — a complexa forma de poesia medieval espanhola que há séculos se enraizou na comunidade afro-equatoriana — foi incluída na coleção que adaptamos para acompanhar a série de uma semana de eventos da CUNY sobre os afro-descendentes latino-americanos. Para coordenar a apresentação de uma exposição adaptada às próprias necessidades institucionais, favor contatar mcaicedo@iaf.gov. Mediante solicitação á IAF pode proporcionar oradores.

Um acúmulo de vinculações: conservação e desenvolvimento em florestas tropicais

De David Barton Bray

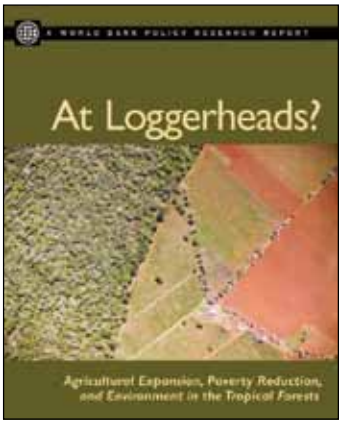


Linking Conservation and Poverty Reduction: Landscapes, People and Power

[Vinculando a conservação e a redução da pobreza: ambientes, povos e poder]

de Robert Fisher, Stewart Maginnis, Willian Jackson, Edmund Barrow e Sally Jeanrenaud.

Earthscan: Sterling, Virginia e Londres, 2008



At Loggerheads? Agricultural Expansion, Poverty Reduction, and Environment in Tropical Forests

[Em contraposição? Expansão agrícola, redução da pobreza e meio ambiente na floresta tropical]

de Keneth M. Chomitz

Banco Mundial: Washington, D.C., 2007

Em *Linking Conservation and Poverty Reduction: Landscapes, People and Power,* o primeiro dos dois livros que resenhamos, vincula-se a conservação à redução da pobreza; no segundo, *At Loggerheads? Agricultural Expansion, Poverty Reduction, and Environment in Tropical Forests,* relacionam-se a agricultura, a redução da pobreza e o meio ambiente (ou seja, todos os tipos de processos que afetam a capa florestal, desde o desmatamento até a recuperação). Trata-se de um acúmulo de vinculações de conceitos e realidades muito complexos, mas com que finalidade? A floresta tropical continua a desaparecer a um ritmo acelerado de aproximadamente 5% por década, de acordo com o livro de Keneth Chomitz, embora haja um grau considerável de incerteza no tocante a estas cifras. Muitas pessoas diretamente responsáveis por esse desmatamento não estão enriquecendo com este processo, embora seja óbvio que outras estão.

Ambos os livros procuram abordar os problemas perversamente inter-relacionados do bem-estar humano e do meio ambiente, mas de ângulos diferentes. *Linking Conservation and Poverty Reduction* é uma edição corrigida de um livro publicado inicialmente em 2005 sob o título *Poverty and Conservation* [Pobreza e Conservação]. Nele se aborda o antigo debate sobre se aqueles que promovem a conservação por meio de áreas públicas protegidas ou "parques" têm qualquer responsabilidade, ou inclusive capacidade, em matéria de abordagem da pobreza. Este debate contínuo manifesta-se em uma polêmica calorosa, publicada na revista *Conservation and Society* [Conservação e Sociedade], sobre até que grau a designação de áreas protegidas na África resultou na expulsão dos residentes, empobrecendo-os ainda mais, e no livro *Conservation Refugees* [Refugiados da Conservação], do jornalista Mark Dowie. O livro de Dowie descreve uma história de 100 anos que se inicia em um de nossos ícones, o Parque Nacional Yellowstone, do qual os nativos foram brutalmente expulsos de seus territórios tradicionais e sua presença foi eliminada dos registros oficiais para adotar a aparência de uma zona natural inexplorada intata.

Os autores de *Linking Conservation and Poverty Reduction*, a maioria associada à União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), manifestam-se vigorosamente em favor de abordar e corrigir esta história. Argumentam que os conservacionistas têm o imperativo ético de abordar a pobreza e que não se pode reivindicar a conservação da biodiversidade como meta independente de outras preocupações sociais. Sugerem que os conservacionistas se empenhem em assegurar que suas iniciativas não tornem os pobres ainda mais pobres e em conseguir que as campanhas de conservação contribuam para reduzir a pobreza na medida do possível. Seus seis estudos de casos procuram ilustrar alguns dos problemas que surgem quando se combinam a redução da pobreza e a conservação.

O livro não contém dados novos. É uma síntese dos estudos existentes e um ordenamento de argumentos. É referência útil como compêndio dos argumentos em prol da integração da redução da pobreza e conserva-

ção. Devido talvez ao fato de haver vários autores, sua utilização de conceitos é confusa. Por exemplo, não se distingue com clareza o "enfoque de ecossistemas", que envolve muitos interessados e se refere a grandes ambientes, de um "enfoque de ambiente" que parece compreender o mesmo. Ideias possivelmente mais pertinentes, tais como governança, direitos de propriedade e ação coletiva, não são absolutamente analisadas.

O livro de Chomitz contém uma profusão de novos dados, apresentados com grande clareza em gráficos e mapas. Aborda cinco "generalizações pouco confiáveis sobre o desmatamento e a pobreza":

- A pobreza causa desmatamento (mas há pessoas prósperas que também desmatam, por exemplo, nos grandes cultivos de soja que estão arrasando o Amazonas).
- O desmatamento causa pobreza (mas beneficia alguns pobres).

As zonas densamente cobertas de florestas tendem a ser muito pobres (mas pequenos grupos de pessoas de baixa renda com acesso aos recursos do floresta podem prosperar).

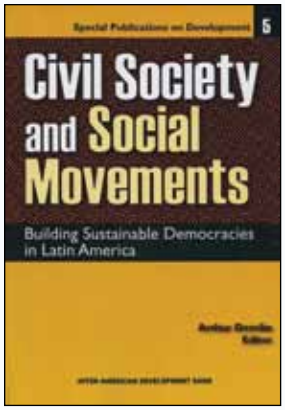
- O desmatamento causa inundações e reduz os fluxos hídricos (mas os hidrólogos não estão de acordo a este respeito; isso depende de muitos fatores).
- Os elevados preços da madeira promovem a conservação da floresta (mas somente se resultarem na derrubada sustentável de árvores, em vez da "exploração" das florestas).

Chomitz começa separando o conceito de "floresta" em três tipos diferentes: "terra em mosaico" de fragmentos florestais intercalados com cultivos, com a posse da terra bem definida; "zonas de fronteira e em disputa", onde a expansão agrícola encontra a floresta existente e com frequência prevalece a anarquia; e, mais além, as selvas maduras e intatas. Nos primeiros capítulos avalia os incentivos e as limitações que definem os resultados da floresta e analisa a distribuição espacial dos danos causados pelo desmatamento e o grau em que a pobreza nas zonas florestais se origina em sua localização remota e na falta de direitos. Na segunda parte do livro, analisa a importância da governança e dos direitos de propriedade. A debilidade das instituições de governança em muitos países tropicais resulta em um esforço ineficaz de execução da lei e em corrupção generalizada que impulsiona o desmatamento e impede as atividades de conservação. Chomitz afirma que novas instituições e tecnologias desenhadas para transparência, monitoramento e reestruturação de incentivos podem conseguir muito para enfrentar esses desafios.

A Asociación de Comunidades Florestales de Petén (ACOFOP), ex-donatária da IAF que reúne 12 comunidades florestais do norte da Guatemala com concessões madeireiras, é um dos estudos de caso incluídos em *Linking Conservation and Poverty Reduction* e é mencionada no livro de Chomitz. As comunidades da ACOFOP situam-se em uma zona protegida que circunda a Reserva da Biosfera Maia. Este cinturão compõe-se de 10 parques, uma zona tampão muito desmatada e uma zona de uso múltiplo (ZUM) na qual as 12 comunidades receberam de 1994 a 2002 direitos sobre a madeira e todos os demais produtos da selva. As concessões foram uma tentativa para reduzir o ritmo do desmatamento. Conforme assinala o estudo de caso de Peter Leigh Taylor, Peter Cronkelton e Deborah Barry, "foram adjudicados contratos renováveis de concessão para gestão da floresta a seis comunidades da ZUM, a seis comunidades fronteiriças a essa zona e a duas indústrias florestais locais. O sistema de concessões comunitárias foi uma inovação importante no Petén, uma vez que estabeleceu com clareza os direitos das comunidades participantes sobre a terra, bem como acesso a recursos, extração, uso, exclusão e até mesmo gestão. Em um período relativamente curto foram concedidos às comunidades direitos de uso e de tomada de decisões sobre grandes extensões da floresta". Pesquisas recentes indicam que as concessões têm tido grande êxito no tocante ao aumento da renda familiar, mas a constante pressão da colonização está afetando as concessões. O papel cada vez mais importante das florestas administradas pela comunidade nas políticas de conservação também é evidente no livro de Chomitz, que apresenta a gestão comunitária, inclusive as concessões do Petén à comunidade, como alternativa eficaz aos parques públicos.

Estes livros sugerem que está surgindo o consenso de que a conservação não é algo que somente ocorre nos parques e que todas as instituições sociais, inclusive as dedicadas à conservação da biodiversidade, também devem abordar as necessidades do bem-estar humano.

David Bray é Professor e Diretor Associado do Departamento da Terra e Meio Ambiente da Florida International University de Miami. De 1986 a 1997 foi Representante da IAF e trabalhou principalmente no México.



Civil Society and Social Movements. Building Sustainable Democracies in Latin America

[Sociedade civil e movimentos sociais. Construindo democracias sustentáveis na América Latina]

Editado por Arthur Domike

Banco Interamericano de Desenvolvimento: Washington, D. C., 2008

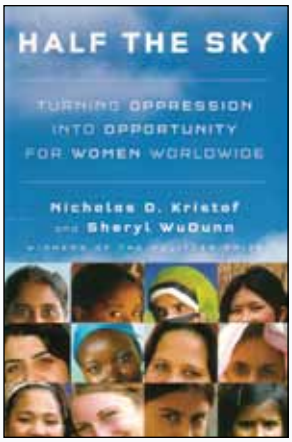
Civil Society and Social Movements: Building Sustainable Democracies in Latin America é uma coleção de 13 ensaios sobre o papel desempenhado por um conjunto de organizações vibrantes na propagação dos ideais e práticas democráticos em todo o Hemisfério. Embora às vezes áridos, estes ensaios argumentam com eficácia que a trajetória futura da democracia depende da adaptação dessas organizações à mudança política e indicam a forma como podem continuar a ser relevantes.

Arthur Domike agrupa os ensaios em três seções que focam a contribuição da sociedade civil para o alcance, consolidação e aprofundamento do impacto da democracia. Um tema transetorial é o fato de muitas vezes a opressão ou uma catástrofe catalisar uma reação organizada da base para acima. Os dois ensaios da primeira seção analisam a transição para o regime democrático em países cujas ditaduras brutais estimularam o surgimento de movimentos para exigir justiça social. A divagação de Rosa María Cruz López em "As organizações sociais dos direitos humanos na Guatemala: uma evolução", inclui um quadro útil no qual se sintetizam os movimentos sociais que reagiram contra diversos regimes autoritários. Ela usa um exemplo oportuno de evento catalisador: um terremoto ocorrido em 1976. Segundo a autora, a percepção pública de indiferença do governo às consequências do terremoto levou os guatemaltecos a se organizarem e exigirem que as autoridades enfocassem seu sofrimento. (Não se menciona outro terremoto que abalou a Cidade do México em 1985 e incentivou as organizações mexicanas a se unirem e pressionarem o governo por ajuda).

Os dois ensaios da seção intermediária analisam o papel dos movimentos "progressistas" que pressionam para se pôr em prática ideais democráticos. Sergio Aguayo descreve a evolução da democracia mexicana e o papel que desempenhou a Aliança Cívica, um agrupamento de organizações de centro-esquerda, no processo que pôs fim a toda uma história de governo unipartidário. A sociedade civil mexicana tem demonstrado resiliência, aprendendo dos reveses, e Aguayo insiste em que a esquerda deve igualmente atualizar-se para ser eficaz. Benjamín Reames descreve os cidadãos engajados que se organizam em torno de uma causa comum como uma "chispa" que origina os movimentos. Frequentemente são hábeis na defesa de causas, canalizando inquietações do cidadão comum para campanhas que levaram, por exemplo, a uma maior participação em processos públicos, transparência e responsabilização.

Os últimos ensaios estudam o papel da sociedade civil em assegurar que todos sejam incluídos nos benefícios da democracia. No capítulo mais interessante do livro, Charles Kleymeyer, ex-Representante da IAF, descreve vividamente a forma como os indígenas latino-americanos se têm organizado para superar as práticas e os preconceitos que impedem a sua plena participação na vida política. Kleymeyer ilustra sua análise com relatos sobre uma jovem indígena equatoriana que protegeu o bloqueio de uma rodovia ficando parada na frente de uma escavadora e sobre Mariano Curicama, considerado o primeiro prefeito de ascendência indígena eleito na América Latina.

Embora alguns ensaios sofram do excessivo jargão que com demasiada frequência impedem este tipo de trabalho, cada qual deve ser julgado pelos próprios méritos. Com a introdução e conclusão de Domike vinculando todo o espectro, *Civil Society and Social Movements* afirma que a mudança começa com indivíduos organizados que trabalham no nível de base.—*Jason Frost, estagiário da IAF*



Half the Sky: Turning Oppression Into Opportunity for Women Worldwide

[A metade do céu: Como transformar a opressão em oportunidade para todas as mulheres do mundo]

De Nicholas D. Kristof e Sheryl WuDunn

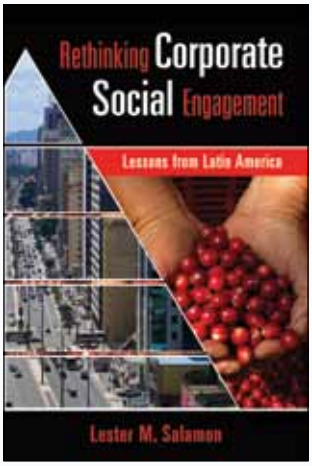
Alfred A. Knopf: Nova York, 2009

Desde a década de 1970 a comunidade do desenvolvimento vem focando programas para mulheres. Inicialmente, em meados desse decênio, tivemos o enfoque denominado "mulheres no desenvolvimento" (WID), mediante o qual as mulheres foram levadas em conta, basicamente incorporando-as aos projetos. Surgiu, a seguir, o enfoque de "gênero e desenvolvimento" (GAD). Reconhece os papéis que as mulheres já desempenham como agentes de mudança e seu potencial para assumir outros. Mais recentemente, a "incorporação da perspectiva de gênero" aos projetos enfatiza a participação da mulher em todos os aspectos do desenvolvimento, entre eles a tomada de decisões.

A publicação de *Half the Sky: Turning Oppression into Opportunity for Women Worldwide*, dos jornalistas Nicholas D. Kristof e Sheryl WuDunn, vencedores do Prêmio Pulitzer, coincide com o empenho em formular ainda outro enfoque para melhorar a vida da mulher. O livro sugere um esforço mais abrangedor que reconheça a capacidade de toda mulher de mudar a própria vida. O título que Kristof e WuDunn escolheram inspira-se na afirmação de Mao Zedong segundo a qual "as mulheres sustentam a metade do céu", um lembrete das capacidades e contribuições fundamentais que muitas vezes são negadas ou ignoradas. O livro destaca a repressão e o sofrimento das mulheres e meninas na África e na Ásia. Os abusos descritos escandalizam e comovem: tráfico sexual, prostituição forçada, violência e mortalidade materna evitável. Os autores admitem que as estatísticas podem ser estonteantes, mas reconhecem que alguns leitores querem cifras concretas. No entanto, é mais persuasiva a mensagem transmitida por meio dos relatos angustiantes sobre mulheres que superaram a adversidade para viver em segurança e encontraram uma forma de ajudar outros.

É óbvio que Kristof e WuDunn ficaram entusiasmados com as "empreendedoras sociais" entrevistadas, entre elas algumas recém-contempladas com uma bolsa da Fundação Ashoka, mas são os triunfos das mulheres mais humildes que assumem lugar de destaque. Meena, uma ativista da Índia sequestrada quando tinha 8 ou 9 anos e obrigada a ser prostituta na puberdade, não somente escapou do bordel, mas, graças à ajuda de um grupo antiescravagista, resgatou suas filhas da certeza de sofrer um destino semelhante e atualmente sua filha estuda para ser professora. Woineshet, outra jovem, negou-se a casar-se com o homem que a tinha sequestrado e violado, o que motivou os grupos de ativistas a exigirem a modificação da lei vigente na Etiópia em virtude da qual se exonerava de culpa os violadores que se casavam com suas vítimas. Os sucessos que Kristof e WuDunn documentam surgem de esforços de base de organizações dirigidas localmente de baixo para acima em zonas rurais, onde vivem pessoas de baixa renda. Muitas das mulheres valentes que se beneficiaram desta ajuda fundaram em seguida outras organizações.

As recomendações de *Half the Sky* — para educar as meninas fortificar o sal com iodo para facilitar o crescimento normal das crianças, erradicar as práticas que resultam em fístulas obstétricas e restaurar a saúde e a dignidade das mulheres — não surpreenderão os leitores habituais da coluna de Kristof no *The New York Times*, nem tampouco a incentivação para os jovens se aventurarem em viajar por conta própria a outros países para ajudar. (Mas eu me pergunto se deveriam fazê-lo, uma vez que para isso jà existem programas estruturados como o Corpo da Paz). *Half the Sky* propõe combater a pobreza mediante o "desbloqueio do poder da mulher como catalisador econômico". Embora a maioria dos profissionais do desenvolvimento e doadores já reconheçam o valor das contribuições da mulher, a conclusão tirada do argumento apresentado pelo livro é que os responsáveis pela tomada de decisões em alguns países ainda não acataram a ideia. E embora os relatos narrados no livro tenham ocorrido na Ásia e na África, a violência contra as mulheres também ocorre na América Latina, como documentam a Amnesty International, a Comissão da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) e o Washington Office on Latin America. A globalização desses abusos torna *Half the Sky* um livro necessário e um apelo de alerta.—*Rosemarie Moreken, Especialista em Análise e Avaliação da IAF*



Rethinking Corporate Social Engagement: Lessons from Latin America

[A reapresentação do compromisso social empresarial: Lições da América Latina]

De Lester M. Salamon

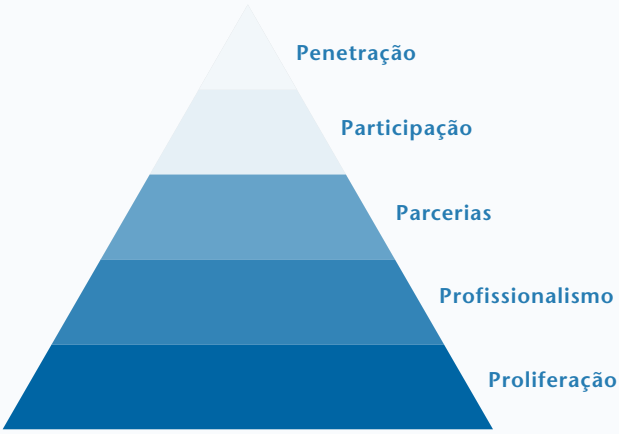
Kumeriam Press: Sterling, Virginia, 2010

Em primeiro lugar, divulgação total: há alguns anos, a Fundação Interamericana pediu a Lester Salamon, Diretor do Centro de Estudos sobre a Sociedade Civil da Johns Hopkins University, que fizesse um estudo sobre a responsabilidade social das empresas na América Latina. Ao concluir o projeto, Salamon condensou o imenso conjunto de informações recopilado no artigo intitulado "Responsabilidade Social Corporativa na América Latina: a nova parceria para o progresso?", publicado em *Desenvolvimento de Base* em 2008.

Desde então, Salamon baseou-se ainda mais em seus materiais para produzir *Rethinking Corporate Social Engagement: Lessons from Latin America,* uma narrativa coesa, vívida e singular com a extensão de um livro que documenta a mudança gradual das últimas décadas na forma como as empresas e suas fundações operam quando exercem a responsabilidade social. Segundo Salamon, o paternalismo e a caridade estão dando lugar a duas tendências: a que ele denomina "o enfoque MBA", que coloca os empresários e seus assessores na direção e se concentra em última análise em assegurar que haja um ambiente no qual a empresa possa operar sem reveses; e a outra, dirigida por profissionais, incentiva a participação dos beneficiários da generosidade empresarial em programas que devem levar a melhores condições.

Nos últimos 25 anos, afirma Salamon, as empresas convenceram-se cada vez mais da eficácia deste último enfoque. Para estudar esta tendência, o autor desenhou "a pirâmide do compromisso social empresarial", que inclui cinco níveis de observância aos quais denominou "os cinco Ps": *proliferação*, que se refere à extensão do enfoque; seguida, em geral, pelo *profissionalismo* do pessoal; *participação* das partes interessadas no desenho das atividades; existência de *parcerias* com o governo e a sociedade civil; e do ponto de vista ideal, a plena *penetração* dos princípios nas operações fundamentais da empresa. A pirâmide estreita-se para cima, refletindo os programas que evoluíram completamente até incluir todas os Ps. Nos níveis superiores é mais evidente a diferença entre este enfoque e o do MBA.

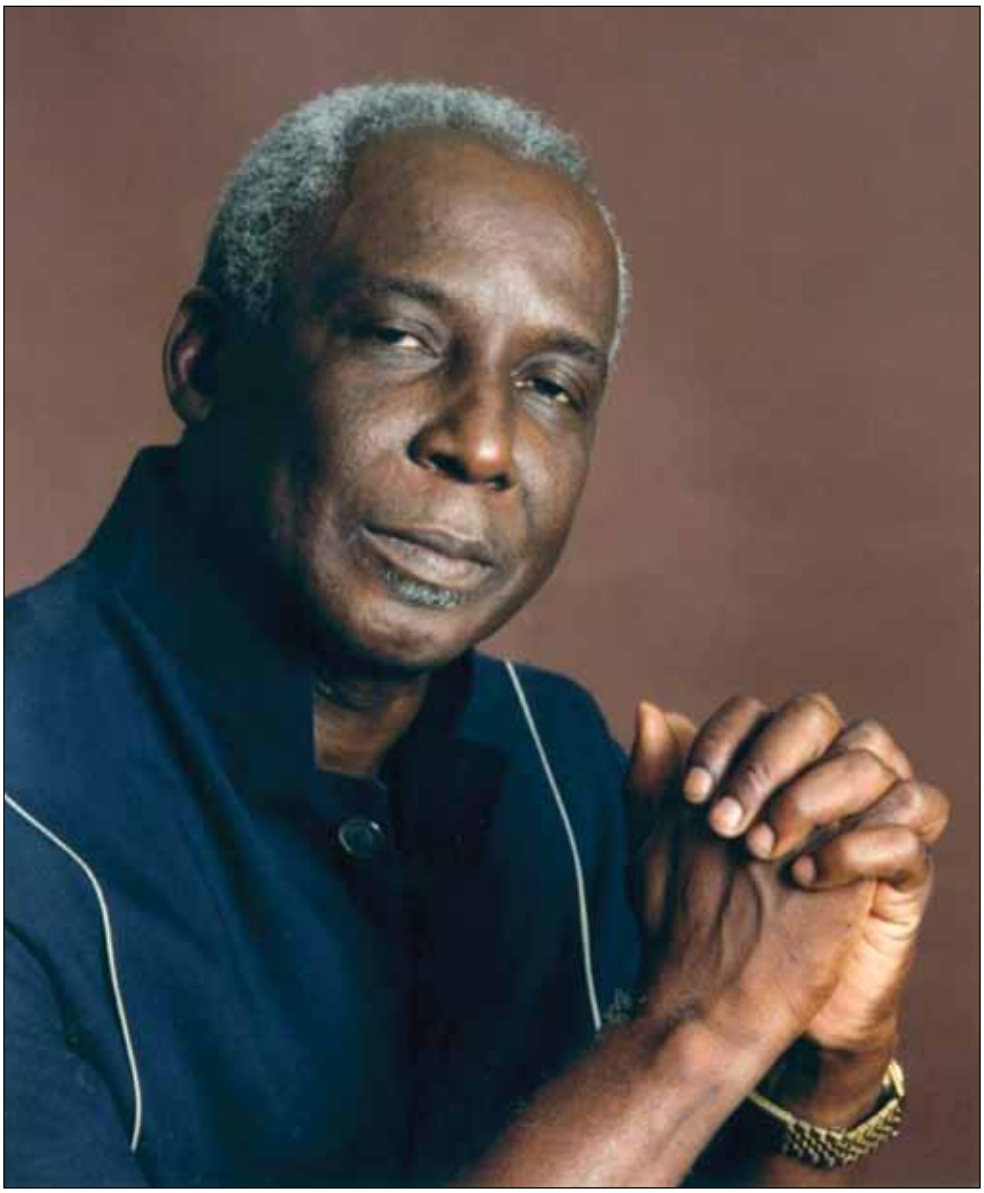
A pesquisa sobre estas diversas etapas levou Salamon à Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México. Entre as empresas e fundações que visitou estavam muitas que colaboraram com a IAF. O autor atribui generosamente à IAF a implementação dessas parcerias, as quais, a seu ver, foram fundamentais para o desenvolvimento de novas atitudes e práticas mais eficazes. No entanto, cumpre dar crédito também às empresas. Sob o impacto de fatores incontroláveis, tais como movimentos guerrilheiros, a adoção do neoliberalismo e a concorrência feroz que acompanha a globalização, as mais visionárias reexaminaram seu compromisso social com os menos favorecidos. Embora não seja provável que o enfoque do MBA desapareça em futuro próximo, Salamon parece detectar o avanço de um enfoque mais iluminado na América Latina.—*Miguel Cuevas, Especialista em Análise e Avaliação*



PIRÂMIDE DO COMPROMISSO SOCIAL EMPRESARIAL

Rex Nettleford: uma vida plena

1933-2010



Compañía Nacional de Danza y Teatro de Jamaica

Rex Nettleford: bolsista Rhodes, dançarino, educador e escritor.

De Steve Vetter

Rex Nettleford, educador e autoridade cultural da Jamaica que assessorou a Fundação Interamericana durante as décadas de 70 e 80, faleceu em 3 de fevereiro ao sofrer um ataque cardíaco num quarto de hotel em Washington, D. C. Sua morte ocorreu pouco antes de uma viagem que tinha programado a Nova York, com o fim de assistir a um evento destinado a arrecadar fundos para a Universidade das Índias Ocidentais, onde havia sido o inspirador de um programa de extensão universitária que oferecia aos estudantes caribenhos oportunidades educativas sem precedentes.

Rex exerceu uma influência significativa nas doações inicialmente concedidas pela IAF, com sua recomendação simples de investir em três áreas: a participação das mulheres no desenvolvimento, enriquecimento da identidade cultural e ideias que ajudam os pobres a obter segurança econômica. Entre os dirigentes políticos aos quais assessorou, se encontram os primeiros-ministros da Jamaica Norman Manley, Michael Manley, Edward Seaga e aqueles que os sucederam. O primeiro-ministro Bruce Golding qualificou Nettleford como "um gênio intelectual e criativo" devido à sua "contribuição para dar forma e projeção ao cenário cultural de toda a região do Caribe".

Entre estas contribuições encontra-se a reformulação do movimento rastafariano, que contribuiu para a propagação universal da música *reggae* durante os anos 70. Rex fundou o Centro de Capacitação Cultural da Jamaica e o Instituto Sindical da Jamaica, mas é mais conhecido por haver fundado a Companhia Nacional de Dança e Teatro da Jamaica em 1962, ano no qual seu país se tornou independente da Grã-Bretanha. Foi o coreógrafo da companhia e seu dançarino principal, e nessa qualidade se inspirou nas influências africanas e europeias que se haviam fundido para dar lugar aos ritmos afro-antilhanos *kumina*, *ska* e *reggae*. Algumas semanas depois de sua morte, *The New Yorker* anunciou nestes termos o regresso da companhia ao Brooklyn Center for the Performing Arts: "O programa compreende obras inspiradas no povo, ritos e música do Caribe, muitas delas criadas por Nettleford em um estilo que conjuga as modalidades de dança afro-antilhanas com um estilo mais abstrato de dança moderna".

Peter Ramsay

Rex Nettleford fundou a Companhia Nacional de Dança e Teatro da Jamaica e foi seu direitor, coreografo e bailarino principal.

Rex, nascido na aldeia rural de Falmouth, no distrito de Trelawny, estudou na Universidade das Índias Ocidentais, de Kingston, e realizou estudos de Ciência Política na Universidade de Oxford, como beneficiário de uma Bolsa Rhodes. Pouco depois de seu regresso de Oxford, o primeiro-ministro Norman Manley lhe pediu que empreendesse uma pesquisa sobre o movimento rastafariano, que se havia enraizado nos bairros pobres da zona ocidental de Kingston e que adquiria cada vez mais notoriedade. A sociedade da Jamaica considerava que seus seguidores eram perigosos, mas o relatório de Rex, publicado em 1961, atribuía ao movimento o fato de ter ajudado a Jamaica a recuperar suas raízes africanas e o qualificava como "uma força revigorante, embora cause desassossego e inquietação". O relatório contribuiu decisivamente para que o movimento religioso rastafariano obtivesse legitimidade e apreço, e ajudou artistas da música *reggae* tais como Bob Marley e Peter Tosh a desenvolver sua música para um crescente público internacional.

Steve Vetter

O Presidente da IAF Bill Dyal, o liaison da IAF com o congresso, Larry Bruce, e membros do grupo juvenil do donatário da IAF Mathews Lane United Rasta, diante de um pequeno negócio iniciado pelo grupo.

Tomei conhecimento da importância de Rex em 1975, quando me convidaram a ocupar "a cátedra Rex Nettleford", em um centro comunitário de Mystic Revelations of Rastafari (MRR), um grupo musical muito conhecido, na zona perigosa de Wareika Hills, em Kingston. A cátedra era na realidade uma pedra grande e bruta colocada sobre concreto no ponto exato da pequena biblioteca do centro no qual Rex "dialogava" com os patriarcas do MRR. Passaram-se muitos anos antes que Oxford apreciasse os esforços que Rex havia realizado em seu favor, mas os chefes do MRR perceberam imediatamente que sua categoria e situação social haviam experimentado uma drástica melhora graças à intervenção de Rex. Parecia que o mínimo que podiam fazer era estabelecer o equivalente de uma cátedra universitária em sua honra.

Bill Dyal, o primeiro presidente da IAF, admirava Rex por seu enfoque criativo sobre o desenvolvimento e por sua disposição a nos informar sobre organizações inovadoras. Uma delas foi Mystic Revelations of Rastafari, cuja canção "O Caroline" talvez tenha sido a primeira em ritmo *reggae*. Vendida por US$15, alcançou rapidamente os primeiros lugares de popularidade; graças a isso, o distribuidor ganhou uma pequena fortuna. O MRR desejava ter seu próprio estúdio de gravação, o que lhe permitiria colher no futuro os frutos de sua criatividade e reinvesti-los na comunidade. Nessa época, seu centro comunitário constava de uma biblioteca, uma lanchonete infantil para o programa de nutrição e uma sala para realizar reuniões ou ensaios, mas não tinha teto nem os equipamentos de gravação necessários. O primeiro-ministro Michael Manley e Edward Seaga, que chefiava o partido de oposição, apoiavam com entusiasmo o trabalho do MRR, assim como Bob Marley e Peter Tosh, que nessa época não eram conhecidos na esfera internacional. Os conselhos sábios e úteis de Rex acabaram por convencer o embaixador dos Estados Unidos, que inicialmente havia instado a IAF a retirar a oferta de uma doação. O estúdio não teve os resultados esperados, mas o MRR realizou gestões junto ao Privy Council, o comitê assessor da monarquia em Londres, para fazer valer seus direitos autorais sobre "O Caroline" e outras canções, e 30 anos depois recebeu royalties retroativos.

As pesquisas de Rex sobre os rastafarianos serviram de inspiração para seu trabalho com a companhia de dança, bem como seu importante estudo sobre a identidade caribenha *Mirror Mirror*, publicado em 1969. Quando Bob Marley alcançou os primeiros lugares na parada de sucessos, Rex gostava de contar que, através de sua música e de sua "identidade cultural", os rastafarianos davam à Jamaica uma quantia de divisas superior à gerada pelas indústrias do turismo e exploração da bauxita juntas. Por iniciativa de Rex também foram concedidas doações à Companhia de Teatro SISTREN, integrada por ex-prisioneiras; ao Conselho Cooperativo dos Trabalhadores Unidos da Indústria Açucareira; ao Conselho para os Cegos da Jamaica; a uma pequena empresa fundada pelo grupo juvenil de Matthews Lane United Rasta; e ao programa do Centro Cultural da Jamaica, que introduziu a dança nas zonas mais pobres da ilha. A última doação para o Centro financiou a publicação de *Caribbean Cultural Identity* [Identidade cultural caribenha], um estudo de Rex que constituía a continuação de *Mirror Mirror*.

A relação de Rex com o pessoal da IAF foi o que levou à formação do Comitê Cultural, que considerou a concessão de doações a organizações culturais do Brasil, Colômbia, Chile e República Dominicana. Juan Luis Guerra, do grupo musical 4-40, havia participado em programas da Casa de Teatro de Santo Domingo, uma organização donatária da IAF, no início dos anos 70, e 25 anos depois, quando Guerra ganhou o primeiro prêmio Grammy Latino, chamei Rex para agradecer sua recomendação inicial. Estava muito satisfeito, mas me recordou que seria muito difícil alguém igualar o impacto de Bob Marley. O livro *Cultural Expression and Grassroots Development: Cases from Latin America and the Caribbean* [Expressão cultural e desenvolvimento de base: casos procedentes da América Latina e do Caribe] documenta com mais detalhes o legado de Rex. Editado por Chuck Kleymeyer, da IAF, e publicado em 1994 por Lynne Rienner Publishers, o livro é uma ramificação direta do Comitê Cultural e descreve mais de 700 projetos financiados pela IAF nos quais a cultura tradicional desempenhou um papel, às vezes o papel principal.

Embora o grande amor de Rex e o trabalho de toda a sua vida estivessem na Universidade das Índias Ocidentais e na Companhia Nacional de Dança da Jamaica, sua educação na Universidade de Oxford também ocupava um lugar especial em seu coração, e a universidade retribuiu o afeto cultivando seus interesses durante toda a sua vida. Em 2003, Rex foi um dos quatro ex-alunos que receberam graus honoríficos para celebrar o centenário das Bolsas Rhodes. A Fundação Rhodes financia a bolsa Rex Nettleford de Estudos Culturais da Universidade das Índias Ocidentais. Não tenho dúvida de que ele desfrutava dessas honras quase tanto quanto valorizava sua cátedra no centro comunitário de Mystic Revelations of Rastafari em Wareika Hills.

Steve Vetter é presidente de Partners of the Americas. Entre 1975 e 1995, exerceu vários cargos na IAF, entre eles os de Vice-Presidente de Programas e Presidente Interino.

Mitchell Denburg

A companhia teatral SISTREN, donatária da IAF em 1981.

A Jamaican Society for the Blind utilizou sua doação da IAF em1981 no desenvolvimento de um dos primeiros fundos de crédito do continente para microempresários cegos. Deste então ajudou mais de 20000 jamaicanos com deficiência visual em capacitação, reabilitação e assessoria.

Mitchell Denburg

www.iaf.gov

Sumário

Cartas

Haiti: a resposta de base
Jenny Petrow

Chet Thomas: em Honduras por um bom tempo
Patrick Breslin

Perspectivas de Chiapas

Os cafeicultores de la Selva e a grande indústria do café
Ellen Contreras Murphy

O desafio zapatista e a comunidade de base
Kathryn Smith Pyle y Marcy Kelley

Desafiando suposições: deficiência psiquiátrica e desenvolvimento de base
Eduardo Rodríguez-Frías

Desastres e firmeza junto ao lago Ilopango
Seth Micah Jesse

Cisternas, saneamento e progresso em Pesqueira
Amy Kirschenbaum y Sean Sprague

Na IAF

Bolsas de Estudo

Donatários nas noticias

40º aniversário

Ensaio bibliográfico
David Barton Bray

Recursos

In Memoriam: Rex Nettleford
Steve Vetter